

JULIO JACOBO WASELFISZ

**MAPA DA VIOLÊNCIA:
Os JOVENS DA
AMÉRICA LATINA**

2 0 0 8



Ministério da Justiça



Realização
Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA
Instituto Sangari
Ministério da Justiça

Produção editorial
Autor: Julio Jacobo Waiselfisz – Diretor de Pesquisas do Instituto Sangari
Coordenação editorial: Juliana Moreira Lima
Apoio editorial: Vera Ros
Revisão: Reinaldo Reis
Impressão e acabamento: Artecó Gráfica e Editora

Impresso no Brasil
1ª Edição – 2008
Tiragem: 3.000 exemplares

RITLA
SHIS QI 09, Conj.15. Casa 15. Lago Sul.
Cep: 71625-150. Brasília, DF
Tel/fax: 55 (61) 3248-5607 e 3248-3805
contato@ritla.net
www.ritla.net

Instituto Sangari
Rua Estela Borges Morato, 336.
Vila Siqueira.
Cep: 02722-000. São Paulo, SP
Tel.: 55 (11) 3474-7500

Ministério da Justiça
Esplanada dos Ministérios, Bloco T
– 4º andar
Cep: 70064-900. Brasília, DF
www.mj.gov.br

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	7
1. NOTAS CONCEITUAIS E TÉCNICAS	9
1.1 Notas conceituais	9
1.2 Notas técnicas	13
2. HOMICÍDIOS	15
2.1 Homicídios no contexto internacional	15
2.2 Homicídios no contexto da América Latina	22
2.3 Análise sintética dos homicídios na América Latina	36
2.4 Fatores explicativos	39
3. MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE	45
3.1 Mortalidade por acidentes de transporte: o contexto internacional	45
3.2 Mortalidade por acidentes de transporte na América Latina	51
3.3 Análise sintética da América Latina	65
3.4 Fatores explicativos	66
4. SUICÍDIOS	67
4.1 Suicídios no contexto internacional	67
4.2 Os suicídios no contexto da América Latina	73
4.3 Análise sintética dos suicídios	86
4.4 Fatores explicativos	91
5. MORTALIDADE POR ARMAS DE FOGO	95
5.1 As mortes por armas de fogo no contexto internacional	95
5.2 As mortes por armas de fogo no contexto regional	101
5.3 Fatores explicativos	103
6. ANÁLISE INTEGRADA DA MORTALIDADE VIOLENTA	105
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
Referências bibliográficas	117



APRESENTAÇÃO

O presente estudo é resultado da colaboração entre o Ministério da Justiça do Brasil, o Instituto Sangari e a Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, na tentativa de contribuir para a compreensão de um dos maiores desafios que enfrenta nossa modernidade. É o desafio da violência irrompendo o cotidiano das pessoas.

Apesar da enorme precariedade das estatísticas e conhecimentos disponíveis, as fontes são coincidentes na consideração da América Latina como a região mais violenta do planeta. Isso se deixa sentir tanto no imaginário da população que, por medo ou precaução, muda seu comportamento habitual quanto nos conteúdos dos meios de comunicação, nas plataformas políticas, nos trabalhos acadêmicos e nos diversos projetos institucionais públicos ou privados.

A presente publicação não se propõe abranger as diversas, amplas e complexas formas de violência que afetam nossa vida: como a criminalidade organizada, as grandes organizações do contrabando ou do narcotráfico, a violência doméstica, nas escolas, contra a mulher ou as crianças. Trata-se de uma tarefa mais limitada. Propõe-se sistematizar e analisar informações sobre a mortalidade dos países da América Latina, fundamentalmente a letalidade violenta causada por homicídios, suicídios, acidentes de transporte e uso de armas de fogo. Comparando os países da região entre si e com o resto do mundo e associando as manifestações de violência aos indicadores de desenvolvimento humano, foi possível delinear especificidades da região que explicam parcialmente os elevados níveis detectados.

Mas, quando verificamos como a presente pesquisa o faz de forma exaustiva e inequívoca, que em nossa região são os jovens os protagonistas principais dessa violência, nossa preocupação se decuplica. Porque está indicando, em alguns casos, a precariedade ou insuficiência de nossas políticas de prevenção da violência ou, na maioria das situações, uma limitada concepção do problema da juventude.

Um dos aspectos destacáveis do estudo é a constatação de que não é a pobreza per se o fator explicativo da violência. São as injustiças derivadas da concentração da renda e da riqueza, geradoras de elevados contrastes e desigualdades sociais, os maiores impulsionadores de conflictualidades violentas, principalmente entre os jovens. Por tal motivo, não é tarefa simples enfrentar a violência atacando suas causas. Requer-se uma grande mudança de perspectiva nos gestores de políticas

sociais, indo muito além das habituais formulações repressivas, das ações específicas de erradicação de casos-limite ou de situações comprometedoras.

O que hoje denominamos violência juvenil abrange uma grande variedade de fenômenos nem sempre nem necessariamente vinculados à delinquência e à criminalidade. Constituem, muitas vezes, novas formas de coletivização alternativa, próprias da juventude, indicando que as agências tradicionais de socialização primária: a família, a escola e a própria sociedade, já parecem não corresponder às demandas e necessidades da juventude.

Este estudo pretende promover uma discussão bem mais ampla sobre as causas da violência imperante na região e, sobretudo, contribuir para a formulação de políticas que possibilitem dar resposta aos problemas que afetam nossa juventude.

Jorge Werthein
Diretor Executivo

Ben Sangari
Presidente da Sangari

Tarso Genro
Ministro de Estado da Justiça

INTRODUÇÃO

Faz exatos dez anos, em 1998, foi elaborado e divulgado o primeiro *Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil*¹. Pretendíamos, com esse trabalho, realizar uma leitura social das mortes violentas dos jovens brasileiros. Considerava-se, já naquela época, que essas mortes por causas violentas representavam só a ponta mais visível de um *iceberg* da violência generalizada que marcava, de forma insofismável, a juventude desse país. Desde aquela época foram elaboradas e divulgadas várias séries de mapas:

- Foram publicadas cinco versões do *Mapa da violência: os jovens do Brasil*.
- Foi inaugurada, em 2006, uma nova série: o *Mapa da violência dos municípios brasileiros*, que já se encontra em sua segunda versão.
- Um Mapa específico destinado a estudar os determinantes das quedas nos níveis de violência num importante estado brasileiro: o *Mapa da violência de São Paulo*.

Com o presente trabalho pretende-se dar continuidade a esse esforço, ampliando o escopo da indagação para o âmbito regional, para os países da América Latina, tentando descobrir características, regularidades e especificidades que possibilitem aprofundar o entendimento do problema e tornar mais eficazes as políticas para seu enfrentamento.

Aproveitamos, para isso, a mais recente atualização das bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde, que nos permitiu ter acesso a informações relativamente recentes de 83 países do mundo, dentre eles, dezesseis países da América Latina.

Devemos considerar que nem toda, sequer a maior parte de nossas violências cotidianas acabam em morte; mas a morte representa o grau extremo da violência que a relação entre os seres humanos pode atingir. Com as taxas de mortalidade juvenil acontece o mesmo que com as de mortalidade infantil. Estas não só refletem determinada quantidade de crianças que estão morrendo, mas também indicam a precariedade (ou a ausência) de infra-estrutura de atendimento infantil, epidemias, condições de higiene e de saneamento básico, pobreza e exclusão, mecanismos culturais, políticos e sociais de tratamento das crianças etc. Da mesma forma, as taxas de mortalidade

1 WAISELFISZ, J. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998.

juvenil, e especificamente as atribuíveis a causas violentas, apontam também diversos modos de sociabilidade, circunstâncias políticas, sociais, culturais e econômicas que exprimem mecanismos específicos de negação da cidadania e da exclusão de diversos setores de nossa juventude.

Quatro grandes categorias de mortalidade violenta deverão ser abordadas no estudo:

a) Óbitos por acidentes de transporte, como indicativo da violência cotidiana nas ruas e nos âmbitos de convivência pública.

b) Homicídios, como o indicador, por excelência, de diversas manifestações de violência que resultem em morte de algum dos antagonistas.

c) Suicídios, como indicador de violência que o ser humano dirige contra si próprio.

a) Mortes por Arma de Fogo, cuja identidade se expressa pelo instrumento que ocasionou o óbito: uma arma de fogo, utilizada em diversas circunstâncias.

Assim, visando contribuir ao aprofundamento do debate sobre a questão da violência e sensibilizar a população e as autoridades sobre a gravidade da situação, o presente estudo se propõe traçar um panorama da evolução da mortalidade juvenil na América Latina e, mais especificamente, da mortalidade derivada de situações violentas. Deverá ser um mecanismo metodológico que possibilite definir e explicar o perfil dos novos núcleos dinâmicos de violência da região e subsidiar a consolidação de políticas comprometidas com a superação das causas e das conseqüências da violência entre e contra os jovens.

1. NOTAS CONCEITUAIS E TÉCNICAS

1.1- Notas conceituais.

Para seu projeto, O Peso Global da Morbidade¹, a Organização Mundial da Saúde desenvolveu enorme esforço de prospecção das causas de mortalidade na quase totalidade dos países. No ano de 2002, o relatório² estabelece que, no planeta, morreram acima de 2,6 milhões de pessoas vítimas de três das causas consideradas violentas. Nessa trágica estatística temos 1,2 milhão de óbitos por acidentes de transporte; 0,9 milhão por suicídios e 0,6 milhão por homicídios. Fica um tanto difícil dimensionar ou referenciar mentalmente tais magnitudes. Intuímos, a princípio, que são cifras muito, mas muito elevadas. Uma primeira idéia sobre seu significado pode ser obtida comparando com o número total de mortes acontecidas em operações de guerra³ naquele ano. Segundo a mesma fonte, foram 171.121, isto é, uma quantidade significativamente menor que qualquer uma das três fontes tomadas individualmente. Agrupando essas três causas, no referido ano as mortes *violentas* foram quinze vezes maiores que as registradas em conflitos bélicos. Como aponta outro relatório da OMS⁴: “Em conjunto, a violência é uma das principais causas de morte em todo o mundo para a população de 15 a 44 anos de idade, sendo responsável por 14% dos óbitos na população masculina e 7% na feminina, aproximadamente”.

Mas são magnitudes daqueles que perderam a vida. Um número bem maior sofreu lesões e conseqüências não-mortais. De cada pessoa que morre por causas violentas, muitas resultam lesionadas e/ou sofrem uma grande variedade de problemas físicos ou mentais.

1 Global Burden of Diseases.

2 Death and DALY estimates for 2002 by cause for WHO Member States. WHO. Department of Measurement and Health Information . In: <http://www.who.int/healthinfo/bod/en/index.html>. consultado em 3/9/2008.

3 Inclui mortes por lesões a pessoal militar ou a população civil causadas por operações de guerra ou por rebeliões civis.

4 OMS. Injury: a leading cause of the global burden of disease. Genebra, Organização Mundial da Saúde, 1999. (documento inédito WHO/HSC/ VIP/99.11).

Assim, contínuo incremento da violência cotidiana dos últimos tempos configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida societal. Assistimos a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de um fenômeno que parece ser uma das características marcantes da nossa época: a violência. Como assevera Wieviorka⁵, “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”. Efetivamente, assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais etc., índices de criminalidade, incluindo nessa categoria o narcotráfico etc. Presenciamos também, nas últimas décadas, um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização, pelas suas peculiaridades atuais e pelos novos significados que o conceito assume, “(...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais”⁶, como a violência intrafamiliar, contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias etc.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: noção de coerção ou força; dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste trabalho, com o conceito de que

*há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais*⁷.

Os estudos mais recentes sobre a violência têm se concentrado na área urbana, o que se explica pelo fato de as grandes questões da sociedade se localizarem principalmente nas grandes cidades. Segundo Dubet⁸, o espaço urbano aparece como sintoma, símbolo e representação “da civilização e da barbárie modernas”.

Também a definição de juventude pode adquirir conotações diversas e passíveis de serem identificadas segundo os interesses de cada área do conhecimento. A alternativa fácil do recorte etário, se por um lado introduz uma referência concreta, não permite superar o problema da caracterização do conceito de juventude. Mas, inclusive em relação à faixa etária, também existem divergências na identificação da categoria juventude. Neste documento, seguiremos as definições da Organização Pan-Americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, nas quais adolescência e juventude se diferenciariam pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Para a OPS/OMS,⁹ a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

5 WIEVIORKA, M. *O novo paradigma da violência*. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, V.9, nº1, 1997.

6 PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia, Brasília: agosto, 1997.

7 MICHAUD, Y. *A Violência*, São Paulo: Ática, 1989

8 DUBET, F. *Penser le sujet*. S/L. Fayard, 1995.

9 OPS/OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington, DC., 1985.

Faltaria ainda apontar o porquê da utilização das mortes por violência como indicador geral de violência na sociedade e também ainda o sentido atribuído, neste trabalho, ao conceito. Dois grupos de argumentos justificam essa decisão de utilizar os óbitos violentos como indicador geral de violência. Em primeiro lugar, como já apontamos, a violência, da forma anteriormente definida, cobre um espectro significativamente mais amplo de comportamentos do que as mortes por violência. Nem toda, sequer a maior parte das violências cotidianas, conduzem necessariamente à morte de algum dos protagonistas implicados. Porém a morte revela, *per se*, a violência levada a seu grau extremo. Da mesma forma que a virulência de uma epidemia é indicada freqüentemente pela quantidade de mortes que originou também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que origina.

Em segundo lugar, porque não existem muitas alternativas. O registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência, como ficou evidenciado em nossa pesquisa no DF¹⁰, tem uma abrangência extremamente limitada. Nos casos de violência física, só 6,4% dos jovens denunciaram à polícia; nos casos de assalto/furto, só 4%; nos casos de violência no trânsito, só 15%. Já nos óbitos, contamos com um Sistema de Informações sobre Mortalidade da OMS, que centraliza informações sobre os óbitos de grande número dos países do mundo, e cobre um universo bem significativo das mortes acontecidas, e de suas causas.

Dada a utilização desse Sistema, entenderemos como morte violenta os óbitos acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e por suicídios. O que permite unificar, numa categoria única, circunstâncias aparentemente pouco semelhantes? Diferentemente das mortes por causas endógenas, que remetem a uma deterioração da saúde causada por algum tipo de enfermidade ou doença, nos casos aqui tratados, a morte é resultado de uma intervenção humana, ou seja, resultado de alguma ação dos indivíduos, seja contra si, como no caso dos suicídios, seja pela intervenção, intencional ou não, de outras pessoas.

Se cada uma dessas mortes tem sua história individual, seu conjunto de determinantes e causas diferentes e específicas para cada caso, irreduzíveis em sua diversidade e compreensíveis só a partir de seu contexto específico, sociologicamente temos que indicar, como será desenvolvida ao longo do trabalho, sua regularidade e constância. Um número determinado de mortes violentas acontece todos os anos, levemente maior ou menor que o número de mortes ocorridas no ano anterior. Sem muito esforço, a partir desses dados, poderíamos prognosticar, com certa margem de erro, quantos jovens morrerão em nosso país no próximo ano por causas violentas. E são essas regularidades que nos possibilitam inferir que, longe de ser resultado de decisões individuais tomadas por indivíduos isolados, estamos perante fenômenos de natureza social, produto de conjuntos de determinantes que se originam na convivência dos grupos e nas estruturas da sociedade.

Durkheim¹¹, em fins do século passado, escreveu um tratado sobre o tema do suicídio que pode ser considerado uma das pedras-angulares da moderna sociologia. Ressaltava o autor que as taxas de suicídio representam excelente indicador da situação social, e que seus movimentos se encontram fortemente associados a problemas gerais que afetam o conjunto societal. Entendia ele que a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual. Pelo contrário, as maneiras coletivas de agir e de pensar resultam de uma realidade exterior aos indivíduos que, em cada momento, a elas se conformam. O tratamento do crime, da violência e do suicídio como fato social, permitir-lhe-ia reabilitar cientificamente esses fenômenos e demonstrar que a prática de um crime depende não tanto do indivíduo, senão das diversas formas de coesão e de solidariedade social. Do

10 WAISELFISZ, J. J. *Juventude, violência e cidadania*. Os jovens de Brasília. S.Paulo: Cortez/UNESCO, 1998.

11 DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996

mesmo modo, ao longo deste trabalho, pretendemos indicar que as diversas formas de violência abordadas, longe de serem produtos aleatórios de atores isolados, configuram tendências que encontram sua explicação nas situações sociais, políticas e econômicas que o país atravessa.

1.2 - Notas técnicas

A fonte principal para a construção dos indicadores do presente relatório foi o Sistema de Informação Estatística da Organização Mundial da Saúde – OMS, conhecido internacionalmente como *WHOSIS*, pela sua sigla em inglês¹².

Os capítulos de interesse para o presente estudo estão contidos no que a Classificação Internacional de Doenças, versão 10 – CID 10 – no seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade e mortalidade”. Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento etc.) é registrado, descreve-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou a morte. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10 foram utilizadas as seguintes:

- **Acidentes de Transporte**, que correspondem às categorias V01 a V99 do CID-10 e incorporam além dos comumente denominados “acidentes de trânsito”, outros acidentes derivados das atividades de transporte, como aéreo, por água etc.
- **Homicídios**, que correspondem à somatória das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de *Agressões*. Tem como característica a presença de agressão de terceiros que utilizam qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.
- **Suicídios**, que correspondem às categorias X60 a X84, todas sob o título *Lesões Autoprovocadas Intencionalmente*.
- **Óbitos por uso de Armas de Fogo**, ou, simplesmente, como será denominado ao longo do trabalho, *Armas de Fogo*. Trata-se de todos aqueles óbitos acidentais, por agressão de terceiros, autoprovocadas intencionalmente ou de intencionalidade desconhecida, cuja característica comum foi a morte causada por arma de fogo. Agrupa os casos de utilização de arma de fogo nas categorias W32 a W34 dos óbitos por traumatismos acidentais; X72 a X74 das Lesões Autoprovocadas Intencionalmente; X93 a X95 das Agressões e Y22 a Y24 do capítulo de *Intenção Indeterminada*.

A partir das bases de dados do *WHOSIS*, foi possível completar os dados de mortalidade para 83 países do mundo, dezesseis pertencentes à América Latina. São os países que utilizam, ou CID-9 – versão anterior à atualmente utilizada, mas que, para os capítulos estudados, possibilita equiparação – ou CID-10. A única exceção foram os dados de mortalidade por armas de fogo, que só foi possível discriminar para aqueles países que utilizam o CID-10. Por esse motivo, só contamos com dados de setenta países, quinze da América Latina.

Outro fator também limitou a inclusão dos países existentes nas bases de dados. Como existem demoras e lacunas no envio das informações à OMS, não foi possível computar dados para um mesmo ano. Para conservar um mínimo de comparabilidade e ao mesmo tempo ter condições de analisar o maior número de países possível, foi utilizado o lapso de um quinquênio. Assim, o ano utilizado para efeito da comparação pode oscilar de 2002 a 2006, dependendo do último dado disponível. Nas tabelas elaboradas, para não perder de vista essas diferenças, foi consignado o ano do dado utilizado.

Como alguns países da América Latina, foco de nossa atenção, disponibilizam dados posteriormente enviados à OMS, via internet, julgou-se oportuno atualizar os dados e/ou preencher lacunas, de três países da região.

- **Colômbia.** Os dados correspondentes a 2002, 2003 e 2005 foram obtidos do site do órgão oficial de estatísticas e censos do Governo da Colômbia: o Departamento Administrativo Nacional de Estatística¹³.
- **Brasil.** Os dados correspondentes ao ano de 2005 foram obtidos no site do Ministério da Saúde do Brasil¹⁴.
- **Venezuela.** Dados para o ano de 2005 obtidos do Anuário de Mortalidad 2005 del Ministerio de Salud /Venezuela¹⁵.

Para o cálculo das taxas de mortalidade, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio *WHOSIS*. Contudo, perante a existência de grandes lacunas nos dados de população, foi utilizada a Base Internacional de Dados do *US Census Bureau*¹⁶.

Algumas ressalvas devem ser ainda observadas. Em primeiro lugar, sérias discrepâncias encontradas em dados referentes a homicídios entre as informações enviadas à OMS e levantamentos realizados por fontes independentes em dois dos 83 países analisados.

- **África do Sul.** Os dados constantes no *WHOSIS* indicam, para o ano de 2005, um total 4.951 homicídios, o que determinaria uma taxa de 10,4 homicídios em 100 mil habitantes. Já o Serviço da Polícia da África do Sul¹⁷ divulga que no ano foram um total de 18.545 homicídios, correspondente a uma taxa de 39,6 homicídios em 100 mil, quase quatro vezes maior. Esse dado colocaria o país no terceiro lugar no ranking internacional de homicídios, logo depois de El Salvador e Colômbia.
- **República Dominicana.** No último ano disponibilizado pelo *WHOSIS*: 2004, teriam sido contabilizados 498 homicídios, equivalentes a 5,6 homicídios em 100 mil habitantes. Já para o Observatório Centro-Americano sobre Violência – Oncavi, com base em dados da polícia do país, o ano registrou 2.354 homicídios, com uma taxa de 25,25 homicídios em 100 mil habitantes, quase cinco vezes maior. As conseqüências desse diferencial serão vistas quando for analisado o caso da República Dominicana no capítulo correspondente a homicídios.

Em segundo lugar, as informações contidas na base do *WHOSIS* referentes ao continente africano são praticamente inexistentes, pelo que países indicados por outras fontes por seus elevados índices de violência, como Serra Leoa, Somália, Libéria ou Angola, dentre outros, não foram considerados no estudo por não contar com informações desagregadas para o segmento jovem, foco principal do trabalho. Por tal motivo, nas análises comparativas, os dados referentes ao continente africano podem estar prejudicados.

13 <www.dane.gov.co>, consultado em 1º/8/2008.

14 <www.datasus.gov.br> consultado em 25/7/2008.

15 <http://www.mpps.gob.ve/ms/direcciones_msds/Epidemiologia/Estadistica/Archivos/Anuarios.htm>, consultado em 25/7/2008.

16 <<http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>>.

17 Murder in the RSA for the period April to March 2001/2002 to 2007/2008” (PDF). South African Police Service. <http://www.saps.gov.za/statistics/reports/crimestats/2008/march_april_2001_2008/catagory/murder.pdf>

2. HOMICÍDIOS

O presente capítulo deverá traçar, em primeiro lugar, um panorama dos homicídios no mundo, na tentativa de dimensionar a situação dos países da América Latina no contexto internacional. Para evidenciar como certos mecanismos que formam parte de nosso horizonte cultural fazem aparecer como normais ou naturais situações que são, em realidade, extraordinárias, fora do comum. Em segundo lugar, deverá ser feita uma análise específica das mudanças recentes dos quantitativos de homicídios em cada um dos países da região. Posteriormente, e depois de uma análise sintética da região, procurar-se-á analisar a existência e incidência de determinantes macroestruturais na produção de violência homicida.

2.1 - Homicídios no contexto internacional.

As tabelas a seguir sintetizam a situação de 83 países, dentre os quais, dezesseis da América Latina, para os quais a OMS, através de seu sistema de informações, disponibilizou dados de mortalidade. Como foi esclarecido no capítulo inicial, que trata da metodologia do trabalho, esses 83 países não representam uma amostra nem resultam de uma seleção arbitrária. Os países-membros enviam suas informações à OMS de forma irregular, o que faz com que os dados constantes em suas bases sejam referentes a períodos variados e diferentes. Mas, como a intenção é comparar países, não seria aconselhável utilizar datas muito distantes no tempo. Assim, foi necessário fazer um recorte temporal, pelo qual foram selecionados aqueles países que enviaram sua informação, como mínimo, para o ano de 2002.

A primeira tabela, a 2.1.1, informa as taxas de homicídio jovem e não-jovem agrupadas por região/continente. Vemos que as elevadas taxas da América Latina, que por afinidade regional e cultural estendem-se aos países caribenhos, são, de longe, bem superiores aos das restantes regiões analisadas, duplicando as africanas, triplicando ou quadruplicando as da América do Norte e muito, mas muito distantes, dos índices da Europa. A probabilidade de um jovem da América Latina morrer vítima de homicídio é trinta vezes maior que a de um jovem da Europa e acima de setenta vezes maior que a de jovens de países como a Grécia ou a Hungria, ou a Inglaterra, ou a Áustria, ou o Japão, ou a Irlanda.

Tabela 2.1.1: Taxas de homicídio jovem, não-jovem e total por região/continente

Região / Continente	Jovem	Não-Jovem	Total
África	16,1	8,5	10,1
América do Norte	12,0	4,6	5,6
América Latina	36,6	16,1	19,9
Ásia	2,4	2,1	2,1
Caribe	31,6	13,2	16,3
Europa	1,2	1,3	1,2
Oceania	1,6	1,2	1,3

Fonte: Microdados *WHOSIS* e complementares (ver item 1.2)

Na tabela 2.1.2 a informação é desagregada para cada um dos 83 países, número de homicídios jovens, não-jovens e totais das taxas de homicídio – relacionando o número de incidentes para cada 100 mil indivíduos – e dos índices de vitimização, resultado da relação entre a taxa jovem e a taxa não-jovem. Esse último índice constitui forte indicador de problemas juvenis. Quando esse índice fica próximo de 1, significa que não existem dificuldades, as taxas jovem e não-jovem são muito semelhantes. Se o índice está significativamente abaixo de 1, significa que a juventude se encontra preservada: proporcionalmente, morrem mais não-jovens que jovens. Mas se está acima da unidade, é um indicador de dificuldades juvenis, e quanto mais acima da unidade, maior o problema. Nessa tabela, os países se encontram relacionados em ordem alfabética. Os países da América Latina, para sua melhor identificação, foram destacados com a cor amarela na listagem.

A tabela seguinte, a 2.1.3, apresenta três séries diferentes de dados: as taxas de homicídio total, as taxas de homicídio juvenil e os índices de vitimização. Na tabela, os índices dos países encontram-se ordenados de forma decrescente.

Vários fatos chamam imediatamente a atenção.

- Os quatro países com maiores taxas totais de homicídio dentre os 83 países analisados, Colômbia, El Salvador, Guatemala e Venezuela, pertencem à América Latina.
- Dos quinze países com as maiores taxas totais de homicídio, nove são da região.
- Os países que apresentam as menores taxas totais de homicídio na América Latina encontram-se, no contexto mundial, em posição intermediária ou até mesmo, entre os de violência elevada. Assim, a menor taxa regional, a do Uruguai, com seu índice total de 4,5 homicídios em 100 mil habitantes, encontra-se na 35ª posição no ordenamento internacional, isto é, no grupo das taxas moderadas para acima e bem longe da maior parte dos países da Europa ou da Ásia, cujos índices nem chegam a 2 homicídios em 100 mil habitantes.
- Se o panorama regional quanto aos homicídios na população total já é grave, quando entramos no capítulo dos homicídios juvenis a situação regional torna-se mais séria ainda: os cinco primeiros lugares, dentre os 83 países, correspondem à América Latina.
- O Uruguai, de menor índice regional, que nos homicídios totais ocupava a posição 35 no ordenamento internacional, agora passa a ocupar a posição 27, isto é, incluído no grupo de países de elevada incidência de homicídios.
- Também na entrada da vitimização juvenil os países da América Latina ocupam uma posição de destaque. Se o primeiro lugar em vitimização é ocupado por Porto Rico, Estado Livre Associado dos Estados Unidos da América, mas que compartilha muitos elementos da cultura latina, cinco das dez primeiras posições correspondem a países da América

Latina. O México, que é o país de menor vitimização da região, ocupa a posição 40 no ordenamento internacional.

- Contrapondo-se à noção de que a violência juvenil é um fenômeno universal vemos, pela mesma tabela, que em mais da metade dos países a proporção de vítimas jovens é quase igual, ou inferior, às vítimas não-jovens. Em 36 países, entre os quais, Áustria, Finlândia, Grécia, Irlanda, Japão, Hungria Nova Zelândia, Polônia etc., as taxas de homicídios não-jovens são equivalentes ou superiores às taxas juvenis.
- Nesse sentido, um fato casual, mas altamente indicativo: a tabela 2.1.3, que ordena os países de forma decrescente nos três índices acima mencionados por sua extensão teve que ser dividida em duas páginas com aproximadamente o mesmo número de países em cada uma. Pode-se notar que a totalidade dos países da América Latina encontra-se na primeira página, a dos índices mais elevados. Na segunda, a dos menores índices, não encontramos nenhum.

Tabela 2.1.2: Número e taxas de homicídio (em 100.000) e índices de vitimização, para a população jovem, não-jovem e total. Diversos Países. Último ano disponível.

País	Ano	Número de Homicídios			Taxas de Homicídio			Vitimização
		Jovem	Não- Jovem	Total	Jovem	Não- Jovem	Total	
África do Sul	2005	1.720	3.231	4.951	16,6	8,7	10,4	1,9
Albânia	2004	28	103	131	4,8	4,0	4,2	1,2
Alemanha	2004	65	461	526	0,7	0,6	0,6	1,1
Antígua e Barbuda	2002	0	4	4	0,0	6,1	5,1	0,0
Argentina	2004	624	1.620	2.244	9,4	5,0	5,8	1,9
Armênia	2003	9	51	60	1,5	2,0	1,9	0,8
Austrália	2003	46	211	257	1,7	1,2	1,3	1,4
Áustria	2006	4	62	66	0,4	0,9	0,8	0,5
Bermuda	2002	0	0	0	0,0	0,0	0,0	
Brasil	2005	17.994	29.775	47.578	51,6	19,3	25,2	2,7
Bulgária	2004	25	197	222	2,3	2,9	2,9	0,8
Canadá	2004	111	403	514	2,5	1,5	1,6	1,7
Chile	2004	211	642	853	7,9	4,9	5,4	1,6
Colômbia	2005	5.587	13.288	18.875	73,4	37,4	43,8	2,0
Costa Rica	2005	72	229	301	9,2	7,1	7,5	1,3
Croácia	2005	6	53	59	1,0	1,4	1,3	0,7
Cuba	2005	124	558	682	7,7	5,7	6,0	1,3
Dominica	2003	2	5	7	15,4	8,5	9,8	1,8
El Salvador	2005	1.242	2.036	3.278	92,3	37,9	48,8	2,4
Equador	2005	689	1.718	2.407	26,1	16,0	18,0	1,6
Escócia	2005	18	61	79	2,7	1,4	1,6	2,0
Eslováquia	2005	11	78	89	1,3	1,7	1,7	0,7
Eslovênia	2006	1	12	13	0,4	0,7	h0,6	0,6
Espanha	2005	60	329	389	1,1	0,9	0,9	1,3
Estônia	2005	10	113	123	4,8	9,9	9,1	0,5
Finlândia	2006	11	94	105	1,7	2,0	2,0	0,8
França	2005	54	381	435	0,7	0,7	0,7	1,0
Grécia	2006	7	88	95	0,5	0,9	0,9	0,6
Guadalupe	2005	4	11	15	6,8	2,9	3,4	2,3
Guatemala	2004	1.359	2.044	3.403	55,4	21,5	28,5	2,6
Guiana	2005	32	106	138	21,2	17,3	18,0	1,2
Guiana Francesa	2005	3	8	11	9,7	5,0	5,8	1,9
Holanda	2004	24	167	191	2,4	1,1	1,2	2,2
Hong Kong	2005	4	32	36	0,4	0,5	0,5	0,8
Hungria	2005	7	187	194	0,5	2,1	1,9	0,3
Ilha Reunião	2005	0	17	17	0,0	2,6	2,2	0,0
Ilhas Virgens	2003	4	27	31	27,1	28,6	28,4	0,9
Inglaterra e Gales	2005	31	106	137	0,4	0,2	0,3	2,0
Irlanda	2005	2	12	14	0,3	0,3	0,3	0,9
Irlanda do Norte	2005	6	26	32	2,4	1,8	1,9	1,3
Islândia	2005	1	2	3	2,3	0,8	1,0	2,9
Israel	2003	87	239	326	8,0	4,4	5,0	1,8

(continua)

Tabela 2.1.2: Número e taxas de homicídio (em 100.000) e índices de vitimização, para a população jovem, não-jovem e total. Diversos Países. Último ano disponível. (continuação)

País	Ano	Número de Homicídios			Taxas de Homicídio			Vitimização
		Jovem	Não- Jovem	Total	Jovem	Não- Jovem	Total	
Itália	2003	78	570	648	1,3	1,1	1,1	1,1
Japão	2006	46	534	580	0,3	0,5	0,5	0,7
Kuwait	2002	7	19	26	2,0	0,9	1,1	2,1
Letônia	2005	19	210	229	5,3	10,8	10,0	0,5
Lituânia	2005	28	286	314	5,3	9,9	9,2	0,5
Luxemburgo	2005	1	6	7	1,9	1,5	1,5	1,3
Macedônia	2003	11	55	66	3,3	3,2	3,3	1,0
Malta	2005	1	1	2	1,7	0,3	0,5	5,9
Martinica	2005	3	11	14	5,3	3,2	3,5	1,6
México	2005	2.108	7.744	9.852	10,4	9,0	9,3	1,2
Moldávia	2006	31	232	263	4,5	8,0	7,3	0,6
Nicarágua	2005	199	372	571	16,6	8,7	10,4	1,9
Noruega	2005	5	24	29	0,9	0,6	0,6	1,5
Nova Zelândia	2004	6	41	47	1,0	1,2	1,1	0,9
Panamá	2004	100	222	322	17,8	8,7	10,4	2,0
Paraguai	2004	256	508	764	22,3	10,1	12,3	2,2
Polônia	2005	45	513	558	0,7	1,6	1,5	0,4
Porto Rico	2003	280	460	740	46,6	14,0	19,1	3,3
Portugal	2003	23	147	170	1,7	1,6	1,6	1,0
Quirguistão	2005	49	329	378	4,5	8,2	7,4	0,6
Reino Unido	2005	55	193	248	0,7	0,4	0,4	1,9
Rep. da Maurícia	2005	6	39	45	3,1	3,8	3,7	0,8
Rep. das Maldivas	2005	0	1	1	0,0	0,5	0,3	0,0
Rep. da Coreia	2006	58	732	790	0,9	1,7	1,6	0,5
Rep. Dominicana	2004	154	344	498	9,1	4,7	5,6	1,9
Rep. Tcheca	2005	10	86	96	0,7	1,0	0,9	0,8
Rodrigues	2005	0	2	2	0,0	7,0	5,4	0,0
Romênia	2004	85	607	692	2,5	3,3	3,2	0,8
Santa Lúcia	2002	8	30	38	26,4	24,0	24,5	1,1
São Vicente e G.	2003	3	7	10	12,1	7,6	8,6	1,6
Sérvia	2006	17	136	153	1,8	2,1	2,1	0,8
Sérvia e Montenegro	2002	30	153	183	2,7	2,2	2,3	1,2
Singapura	2006	0	12	12	0,0	0,4	0,3	0,0
Suécia	2004	12	85	97	1,1	1,1	1,1	1,0
Tadjiquistão	2005	22	101	123	1,4	1,9	1,8	0,7
Tailândia	2002	605	2.727	3.332	5,7	5,2	5,3	1,1
Trinidade e Tobago	2002	49	130	179	21,2	14,9	16,2	1,4
Uruguai	2004	36	116	152	7,0	4,0	4,5	1,7
USA	2005	5.444	12.443	17.887	12,9	4,9	6,0	2,6
Uzbequistão	2005	128	606	734	2,2	3,0	2,8	0,7
Venezuela	2004	2.965	4.383	7.348	64,2	21,6	29,5	3,0

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 2.1.3: Ordenamento das taxas de homicídio total, juvenil e não-juvenil e dos índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível.

TAXA DE HOMICÍDIO TOTAL			TAXA DE HOMICÍDIO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
El Salvador	48,8	1º	El Salvador	92,3	1º	Porto Rico	3,3	1º
Colômbia	43,8	2º	Colômbia	73,4	2º	Venezuela	2,9	2º
Venezuela	29,5	3º	Venezuela	64,2	3º	Brasil	2,7	3º
Guatemala	28,5	4º	Guatemala	55,4	4º	USA	2,6	4º
Ilhas Virgens	28,4	5º	Brasil	51,6	5º	Guatemala	2,6	5º
Brasil	25,2	6º	Porto Rico	46,6	6º	El Salvador	2,4	6º
Santa Lúcia	24,5	7º	Ilhas Virgens	27,1	7º	Guadalupe	2,3	7º
Porto Rico	19,1	8º	Santa Lúcia	26,4	8º	Holanda	2,2	8º
Guiana	18,0	9º	Equador	26,1	9º	Paraguai	2,2	9º
Equador	18,0	10º	Paraguai	22,3	10º	Kuwait	2,1	10º
Trinidade e Tobago	16,2	11º	Trinidade e Tobago	21,2	11º	Panamá	2,0	11º
Paraguai	12,3	12º	Guiana	21,2	12º	Escócia	2,0	12º
Nicarágua	10,4	13º	Panamá	17,8	13º	Colômbia	2,0	13º
África do Sul	10,4	14º	Nicarágua	16,6	14º	Inglatera e Gales	2,0	14º
Panamá	10,4	15º	África do Sul	16,6	15º	Guiana Francesa	1,9	15º
Letônia	10,0	16º	Dominica	15,4	16º	Rep. Dominicana	1,9	16º
Dominica	9,8	17º	USA	12,9	17º	Nicarágua	1,9	17º
México	9,3	18º	São Vicente e G.	12,1	18º	África do Sul	1,9	18º
Lituânia	9,2	19º	México	10,4	19º	Reino Unido	1,9	19º
Estônia	9,1	20º	Guiana Francesa	9,7	20º	Argentina	1,9	20º
São Vicente e G.	8,6	21º	Argentina	9,4	21º	Israel	1,8	21º
Costa Rica	7,5	22º	Costa Rica	9,2	22º	Dominica	1,8	22º
Quirguistão	7,4	23º	Rep. Dominicana	9,1	23º	Canadá	1,7	23º
Moldávia	7,3	24º	Israel	8,0	24º	Uruguai	1,7	24º
USA	6,0	25º	Chile	7,9	25º	Equador	1,6	25º
Cuba	6,0	26º	Cuba	7,7	26º	Martinica	1,6	26º
Argentina	5,8	27º	Uruguai	7,0	27º	Chile	1,6	27º
Guiana Francesa	5,8	28º	Guadalupe	6,8	28º	São Vicente e G.	1,6	28º
Rep. Dominicana	5,6	29º	Tailândia	5,7	29º	Noruega	1,5	29º
Rodrigues	5,4	30º	Lituânia	5,3	30º	Trinidade e Tobago	1,4	30º
Chile	5,4	31º	Letônia	5,3	31º	Austrália	1,4	31º
Tailândia	5,3	32º	Martinica	5,3	32º	Cuba	1,3	32º
Antígua e Barbuda	5,1	33º	Albânia	4,8	33º	Irlanda do Norte	1,3	33º
Israel	5,0	34º	Estônia	4,8	34º	Espanha	1,3	34º
Uruguai	4,5	35º	Quirguistão	4,5	35º	Costa Rica	1,3	35º
Albânia	4,2	36º	Moldávia	4,5	36º	Luxemburgo	1,3	36º
Rep. da Maurícia	3,7	37º	Macedônia	3,3	37º	Sérvia e Montenegro	1,2	37º
Martinica	3,5	38º	Rep. da Maurícia	3,1	38º	Guiana	1,2	38º
Guadalupe	3,4	39º	Escócia	2,7	39º	Albânia	1,2	39º
Macedônia	3,3	40º	Sérvia e Montenegro	2,7	40º	México	1,2	40º
Romênia	3,2	41º	Canadá	2,5	41º	Itália	1,1	41º

(continua)

Tabela 2.1.3: Ordenamento das taxas de homicídio total, juvenil e não-juvenil e dos índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível. (continuação)

TAXA DE HOMICÍDIO TOTAL			TAXA DE HOMICÍDIO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Bulgária	2,9	42º	Romênia	2,5	42º	Santa Lúcia	1,1	42º
Uzbequistão	2,8	43º	Holanda	2,4	43º	Tailândia	1,1	43º
Sérvia e Montenegro	2,3	44º	Irlanda do Norte	2,4	44º	Alemanha	1,1	44º
Ilha Reunião	2,2	45º	Bulgária	2,3	45º	Portugal	1,0	45º
Sérvia	2,1	46º	Islândia	2,3	46º	Macedônia	1,0	46º
Finlândia	2,0	47º	Uzbequistão	2,2	47º	Suécia	1,0	47º
Hungria	1,9	48º	Kuwait	2,0	48º	França	1,0	48º
Armênia	1,9	49º	Luxemburgo	1,9	49º	Ilhas Virgens	0,9	49º
Irlanda do Norte	1,9	50º	Sérvia	1,8	50º	Irlanda	0,9	50º
Tadjiquistão	1,8	51º	Malta	1,7	51º	Nova Zelândia	0,9	51º
Eslováquia	1,7	52º	Portugal	1,7	52º	Sérvia	0,8	52º
Portugal	1,6	53º	Austrália	1,7	53º	Finlândia	0,8	53º
Rep. da Coréia	1,6	54º	Finlândia	1,7	54º	Rep. da Maurícia	0,8	54º
Canadá	1,6	55º	Armênia	1,5	55º	Hong Kong	0,8	55º
Escócia	1,6	56º	Tadjiquistão	1,4	56º	Bulgária	0,8	56º
Luxemburgo	1,5	57º	Eslováquia	1,3	57º	Armênia	0,8	57º
Polônia	1,5	58º	Itália	1,3	58º	Romênia	0,8	58º
Croácia	1,3	59º	Espanha	1,1	59º	Rep. Tcheca	0,8	59º
Austrália	1,3	60º	Suécia	1,1	60º	Uzbequistão	0,7	60º
Holanda	1,2	61º	Croácia	1,0	61º	Tadjiquistão	0,7	61º
Nova Zelândia	1,1	62º	Nova Zelândia	1,0	62º	Croácia	0,7	62º
Itália	1,1	63º	Noruega	0,9	63º	Eslováquia	0,7	63º
Kuwait	1,1	64º	Rep. da Coréia	0,9	64º	Japão	0,7	64º
Suécia	1,1	65º	Rep. Tcheca	0,7	65º	Grécia	0,6	65º
Islândia	1,0	66º	Polônia	0,7	66º	Eslovênia	0,6	66º
Rep. Tcheca	0,9	67º	Reino Unido	0,7	67º	Moldávia	0,6	67º
Espanha	0,9	68º	França	0,7	68º	Quirguistão	0,6	68º
Grécia	0,9	69º	Alemanha	0,7	69º	Lituânia	0,5	69º
Áustria	0,8	70º	Grécia	0,5	70º	Rep. da Coréia	0,5	70º
França	0,7	71º	Hungria	0,5	71º	Letônia	0,5	71º
Eslovênia	0,6	72º	Inglaterra e Gales	0,4	72º	Estônia	0,5	72º
Alemanha	0,6	73º	Hong Kong	0,4	73º	Áustria	0,5	73º
Noruega	0,6	74º	Áustria	0,4	74º	Polônia	0,4	74º
Hong Kong	0,5	75º	Eslovênia	0,4	75º	Hungria	0,3	75º
Malta	0,5	76º	Japão	0,3	76º	Antígua e Barbuda	0,0	77º
Japão	0,5	77º	Irlanda	0,3	77º	Ilha Reunião	0,0	77º
Reino Unido	0,4	78º	Antígua e Barbuda	0,0	78º	Rep. das Maldivas	0,0	77º
Rep. das Maldivas	0,3	79º	Bermuda	0,0	79º	Rodrigues	0,0	77º
Irlanda	0,3	80º	Ilha Reunião	0,0	80º	Singapura	0,0	77º
Singapura	0,3	81º	Rep. das Maldivas	0,0	81º	Bermuda		
Inglaterra e Gales	0,3	82º	Rodrigues	0,0	82º	Malta	**	
Bermuda	0,0	83º	Singapura	0,0	83º	Islândia	**	

Fonte: Microdados WHOSIS e comp. (ver item 1.2)

**Não considerado: incidentes esporádicos.

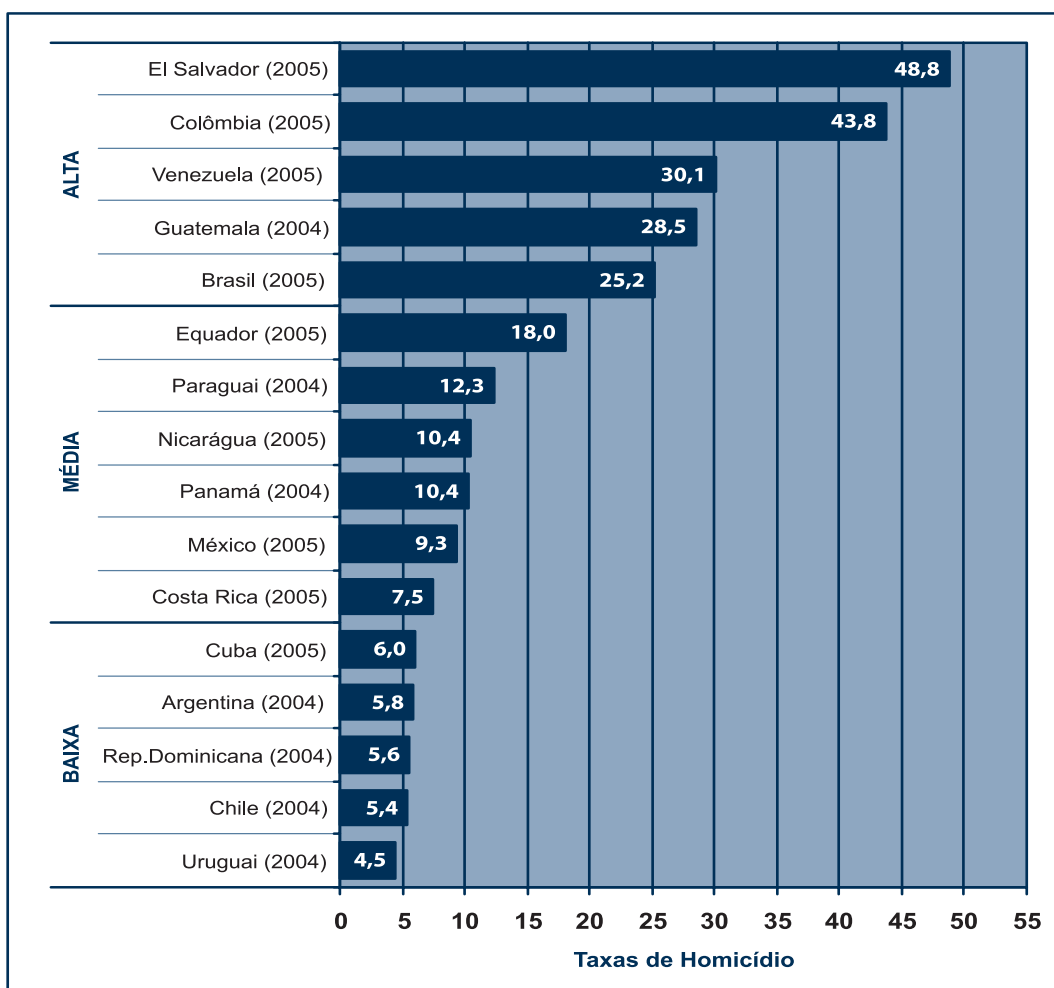
2.2 - Homicídios no contexto da América Latina

Os dois gráficos a seguir sintetizam os dados já vistos nas tabelas anteriores, mas focalizando exclusivamente os países da América Latina, que foram agrupados em três grandes grupos: nível alto, médio e baixo, de acordo com suas taxas de homicídio.

Já as tabelas 2.2.1 e 2.2.2 sintetizam os dados disponíveis de um período mais longo de tempo: desde 1994, coletados com a finalidade de ponderar a evolução dos índices.

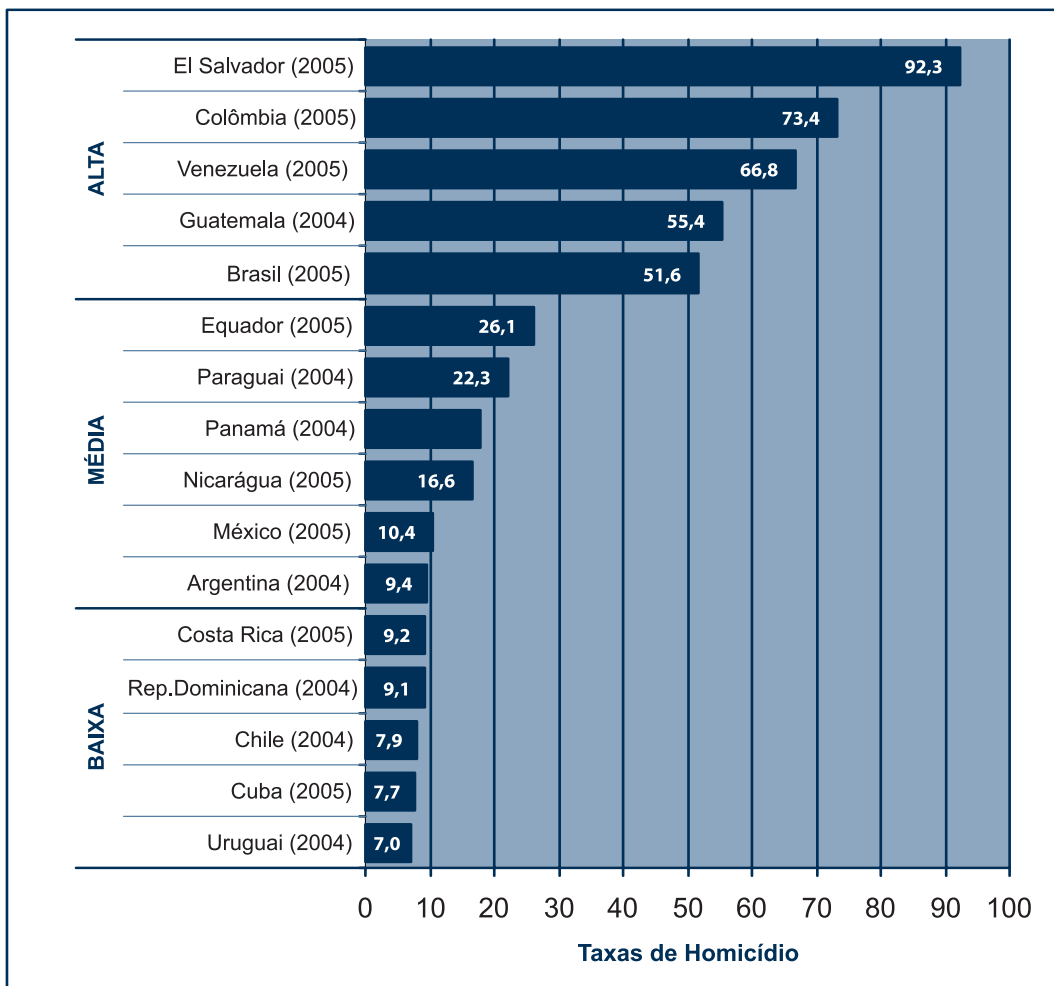
Esse conjunto de informações possibilitará realizar uma breve revisão da evolução e situação atual de cada país da região.

Gráfico 2.2.1: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Homicídio na População Total. Último ano disponível.



Fonte: Microdados *WHOSIS* e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 2.2.2: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Homicídio na População Jovem. Último ano disponível.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 2.2.1: Taxas de Homicídio na População Total. Países de América Latina. 1994/2005

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Argentina	4,3	4,1	4,5	4,7	4,7	5,2	5,8	6,9	7,5	7,3	5,8	
Brasil	20,2	22,7	23,4	24,0	24,5	24,7	25,7	26,8	27,4	27,7	25,9	25,2
Chile	2,9	3,3	3,0	2,6	2,8	3,0	5,2	5,5	5,4	5,3	5,4	
Colômbia	77,4	64,4	67,0	60,1	64,2	66,0	72,2	74,3	77,3	61,3	52,6	43,8
Costa Rica	5,6	5,3	5,6	5,8	6,0	6,5	6,5	6,4	6,6	7,3	6,6	7,5
Cuba	8,3	7,8	6,7	6,8	7,4	5,5	5,3	5,4	5,9	5,7	5,8	6,0
El Salvador		45,5	44,7	38,0	44,2	38,3	35,8	35,1	30,8	32,3	39,6	48,8
Equador	11,4	13,4	14,0	12,3	15,1	14,8	16,6	15,6	15,9	13,5	17,5	18,0
Guatemala	20,9	19,6	21,1	28,6	26,2	18,1	19,4	20,3	24,2	28,5	28,5	
México	17,3	16,8	15,4	14,1	14,0	12,4	10,7	10,0	9,7	9,6	8,8	9,3
Nicarágua	5,7		6,3	6,2	5,5	6,5	6,8	7,3	6,8	9,4	10,0	10,4
Panamá			7,8	10,7	8,9	8,6	9,9	10,4	12,1	11,7	10,4	
Paraguai	9,7	10,5	12,0	10,0	10,3	9,8	12,0	11,9	11,2	12,0	12,3	
Rep. Dominicana	4,8	4,6	5,0	6,6	7,8	7,6	5,8	4,6		3,8	5,6	
Uruguai	4,5	4,7	4,4	4,8	5,8	5,4	5,6	4,9			4,5	
Venezuela	15,9		15,2	12,8	12,4	17,4	27,1	27,5	30,9	35,8	29,5	30,1
América Latina	20,3	19,8	20,9	20,3	20,9	20,8	22,0	22,6	23,2	22,3	20,6	18,2

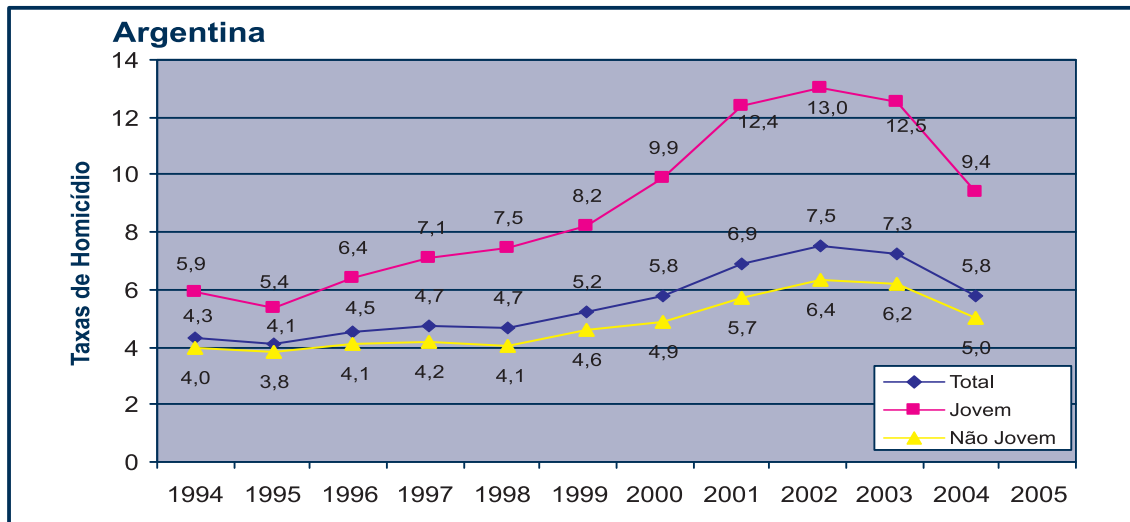
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 2.2.2: Taxas de Homicídio na População Jovem. Países de América Latina. 1994/2005

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Argentina	5,9	5,4	6,4	7,1	7,5	8,2	9,9	12,4	13,0	12,5	9,4	
Brasil	34,9	38,2	39,4	42,0	44,5	45,7	50,5	52,1	54,9	56,2	52,9	51,6
Chile	3,5	4,6	4,7	3,0	3,8	3,6	9,4	9,1	9,9	9,3	7,9	
Colômbia	138,0	116,1	119,3	104,6	114,0	120,6	130,6	137,7	142,5	107,3	88,1	73,4
Costa Rica	5,3	6,5	6,1	5,8	7,8	10,1	8,6	8,2	7,1	9,9	8,5	9,2
Cuba	12,4	12,3	10,8	10,2	9,5	5,6	6,6	7,5	7,2	7,5	5,9	7,7
El Salvador		74,7	73,7	59,5	71,8	64,1	58,3	60,2	52,1	57,1	74,4	92,3
Equador	14,7	18,5	19,1	16,5	21,9	20,7	24,3	23,4	22,5	19,0	24,3	26,1
Guatemala	29,2	28,0	29,7	44,0	41,0	27,8	31,8	34,9	45,5	55,1	55,4	
México	23,0	21,6	19,9	18,6	17,4	14,4	12,8	12,5	11,7	10,6	10,0	10,4
Nicarágua	8,1		10,6	9,0	9,5	9,3	12,4	12,0	11,3	16,1	15,5	16,6
Panamá			14,1	18,3	14,2	16,6	19,5	19,7	20,3	22,0	17,8	
Paraguai	12,1	14,8	16,7	13,5	13,1	15,2	19,6	19,0	16,9	17,9	22,3	
Rep. Dominicana	5,9	6,1	7,4	10,0	11,5	12,6	9,2	6,7		5,7	9,1	
Uruguai	4,7	4,6	7,4	5,7	8,5	7,9	7,6	6,3			7,0	
Venezuela	33,1		32,5	26,6	24,9	35,8	59,5	60,3	70,9	80,2	64,2	66,8
América Latina	33,9	32,3	34,5	33,8	35,4	35,9	39,9	41,3	43,1	41,4	37,8	33,6

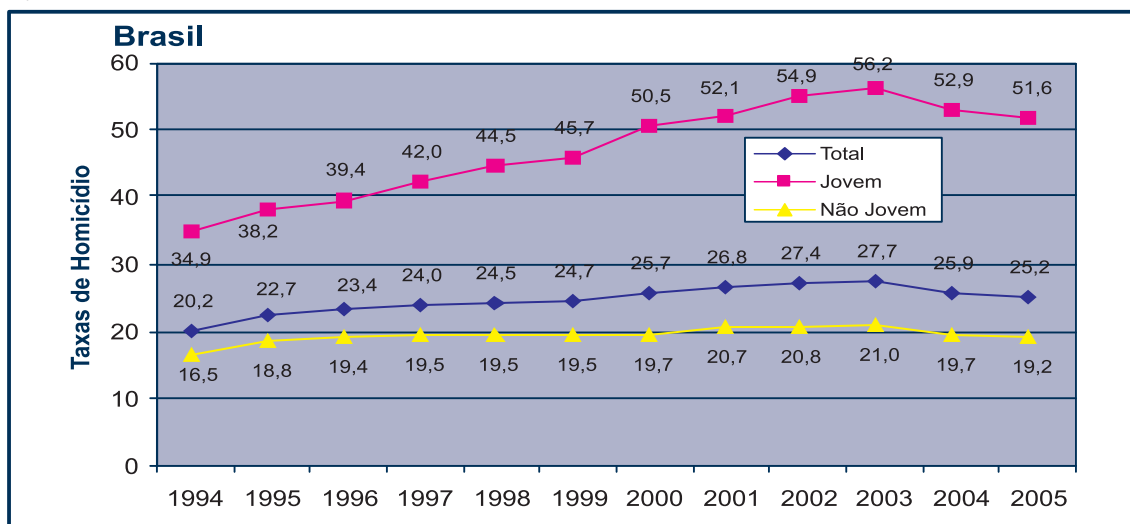
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Argentina: Considerando exclusivamente o contexto regional, a Argentina apresenta taxas de homicídio reativamente baixas na população total (13ª posição entre os dezesseis países considerados), embora bem mais significativas quando o marco são os 83 países do mundo (posição 27ª). Já as taxas juvenis são muito mais expressivas: 9,4 em 100 mil jovens, entrando aqui no grupo dos países da região com taxas intermediárias, e com níveis de vitimização juvenis relativamente elevados: a proporção de vítimas jovens quase duplica os índices do restante da população.



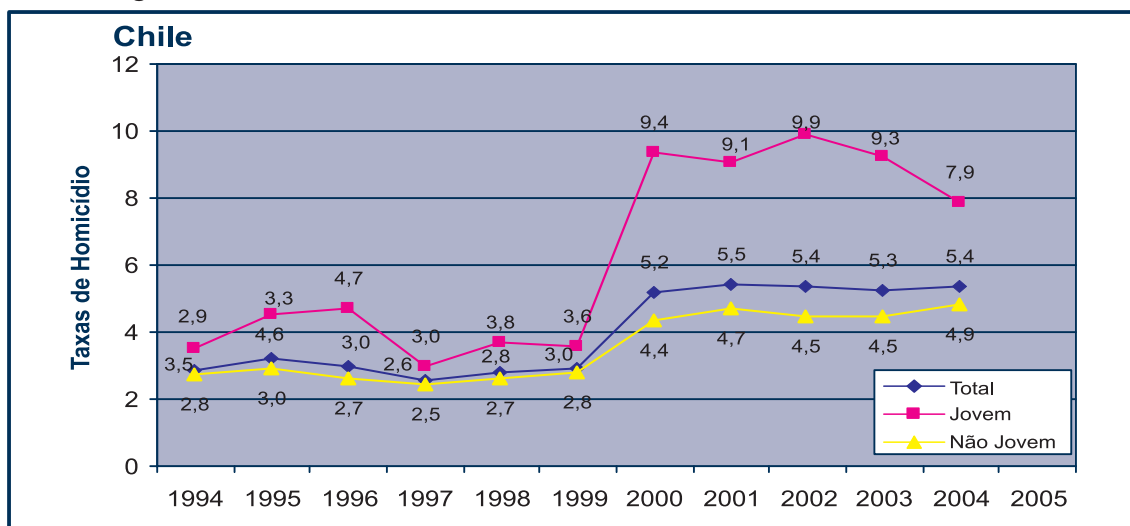
Com taxas relativamente baixas até 1995, inicia-se naquele ano uma espiral de violência homicida entre seus jovens, cujas taxas mais que duplicam no curto período dos sete anos seguintes, chegando a 13 em cada 100 mil jovens. No restante da população, até 1998, a taxa de homicídio permanece praticamente inalterada, em torno de 4 em 100 mil habitantes. A partir de 2002, tanto as taxas não-jovens e, principalmente, as juvenis, experimentam significativas quedas, ao menos, até o último ano com dados disponíveis: 2004.

Brasil: Com taxas historicamente elevadas, ocupou os primeiros lugares internacionais quanto regionais, no quesito homicídios. O aumento vertiginoso de suas taxas de homicídio jovem, até 2003, constitui o fator explicativo do aumento dos índices globais de homicídios, dado que a mortalidade não-jovem teve crescimento baixo no período considerado.



Em 2003 inicia-se um processo de queda das taxas atribuída, dentre outros fatores, a uma exitosa Campanha do Desarmamento. No nível internacional, ocupa a 6ª e a 5ª posição entre os 83 países considerados no ordenamento dos homicídios total e juvenil. Na região, a quinta posição em ambos os grupos, quando historicamente sempre ocupou posições mais elevadas, inclusive durante grande parte do período analisado, imediatamente depois da Colômbia. Isto se deve ao fato das quedas brasileiras dos últimos anos, enquanto em El Salvador, Guatemala e Venezuela as taxas cresceram significativamente, ultrapassando os índices brasileiros.

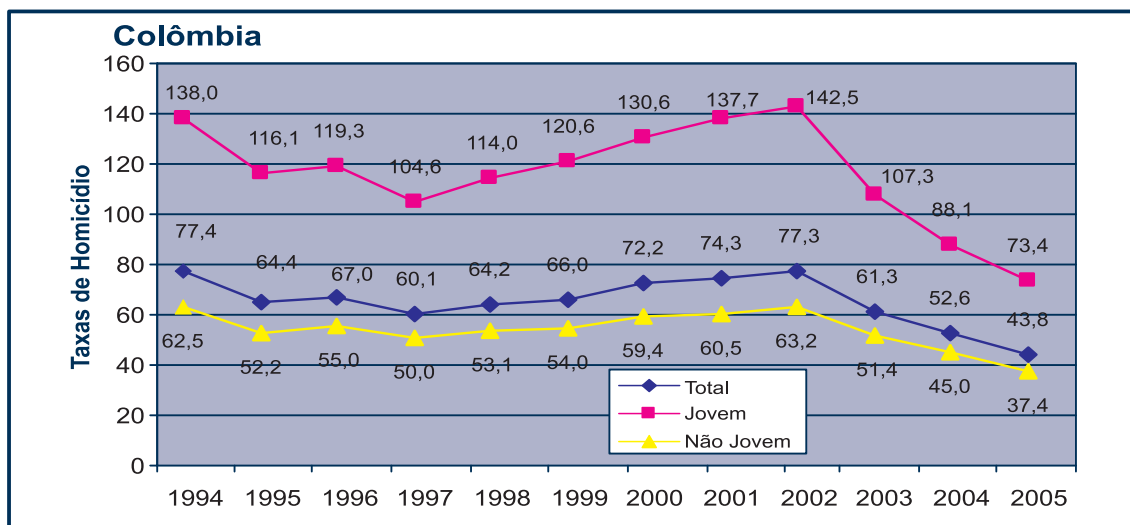
Chile: As informações ministradas pelo Chile para as bases de dados da OMS/WHOSIS apresentam uma aparente inconsistência no corte dos anos de 1999 para 2000, quando as taxas de homicídios, especialmente no setor juvenil, apresentam um enorme incremento¹⁸. Assim, consideraremos exclusivamente a série que vai de 2000 até 2005. Vemos que as taxas juvenis, embora elevadas no marco internacional (onde ocupa a posição 25 entre os 83 países analisados), resultam baixas no contexto regional (ocupa a posição 14 entre os dezesseis países considerados) e com tendência levemente regressiva, caindo desde 2002.



Também desde 2000 as taxas globais do país se mantêm estacionárias em aproximadamente 5,4 homicídios em 100 mil habitantes, dado que os índices da população não-jovem tiveram um leve incremento, compensando as quedas observadas na população jovem. Isso localiza o Chile numa situação moderada no contexto internacional (posição 31) e baixa no regional (posição 15).

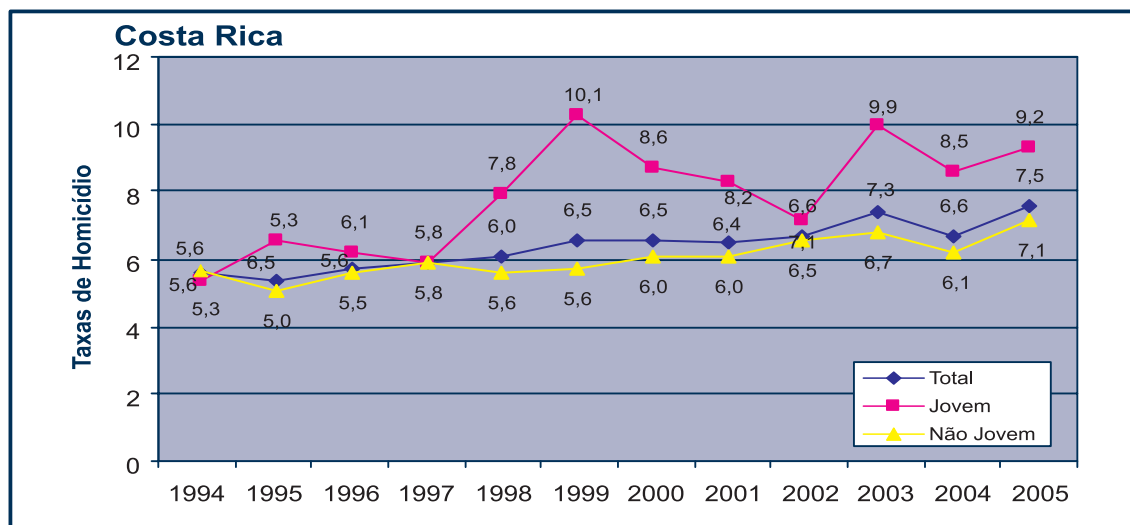
Colômbia: Ocupante tradicional do primeiro lugar no ranking da violência homicida, o país teve uma evolução bem sintomática nos últimos anos. Com quedas significativas até 1997, retoma sua escalada, mas de forma lenta e principalmente na área juvenil, até o ano de 2002.

18 As bases de dados foram reexaminadas, sem encontrar explicação plausível. Esse enorme incremento se dá em duas grandes categorias da Classificação Internacional de Doenças – CID 10 quando utilizados três dígitos: X95: Agressão por meio de disparo de outra arma de fogo ou de arma não-especificada, que em 1999 teve 74 registros e em 2000 esse número pulou para 204, e no X99: Agressão por meio de objeto cortante ou penetrante que em 1999 teve 138 registros e em 2000 pulou para 325.



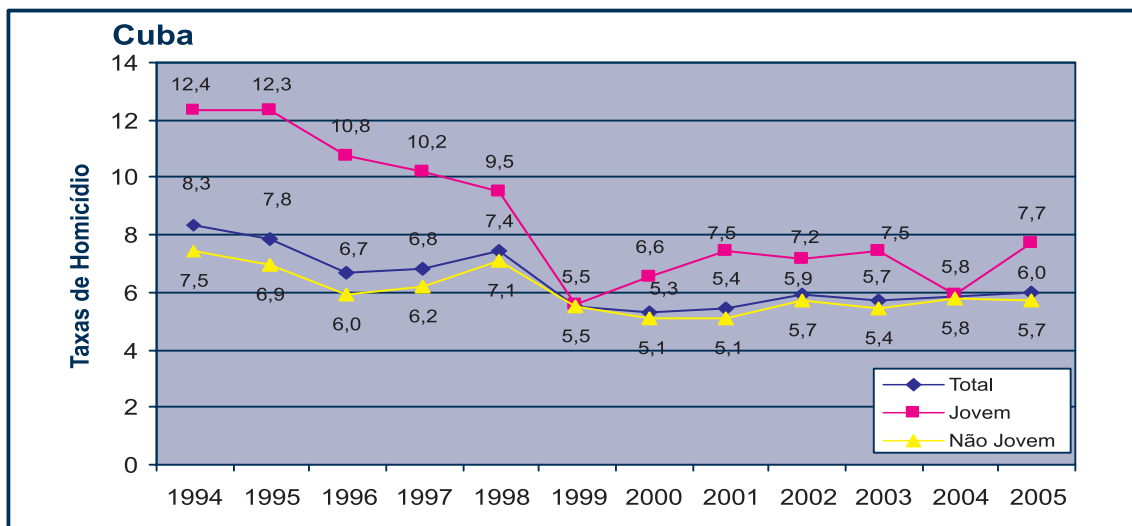
A partir daquela data, são observadas quedas muito expressivas, principalmente entre os jovens: desde 2002 a 2005 os índices despencam praticamente pela metade. Em função dessas quedas significativas, e também ao incremento em outros países, a Colômbia passa a ocupar a segunda posição, tanto nos índices totais quanto nos juvenis, no contexto internacional e no regional, precedida por El Salvador.

Costa Rica: Com uma taxa de 7,5 homicídios em 100 mil habitantes, Costa Rica ocupa uma posição intermediária para baixa (11ª) no contexto regional, mas relativamente elevada (22ª) entre os 83 países analisados.

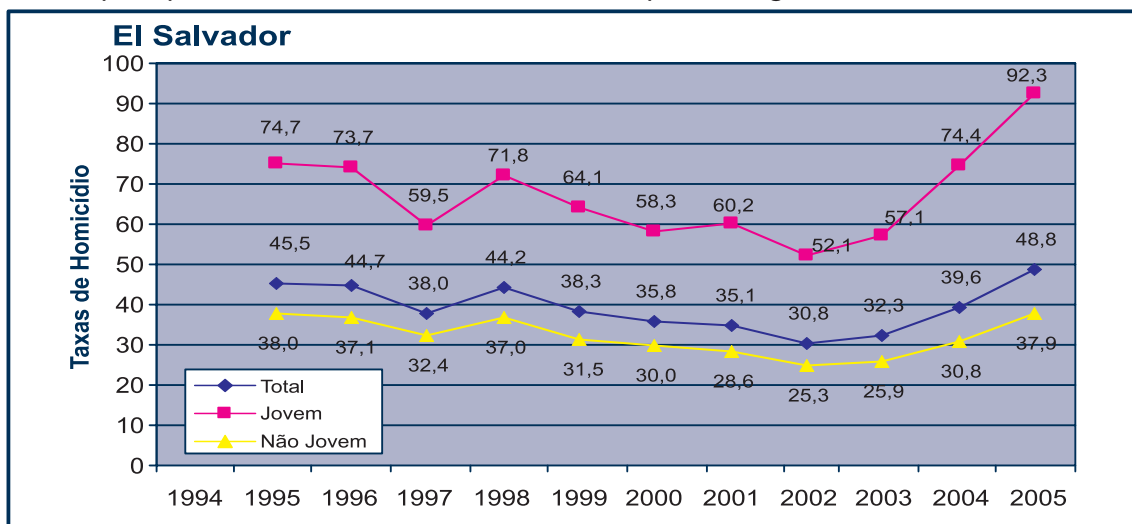


Nos jovens, sua taxa não é muito maior: 9,2 homicídios em cada 100 mil jovens, pelo que seu índice de vitimização juvenil pode ser considerado relativamente baixo para a região: 1,30 (isto é, a mortalidade juvenil é 30% maior que a do restante da população). Se as taxas juvenis mostram certo grau de oscilação e instabilidade, a tendência geral é de crescimento ao longo do período analisado.

Cuba: Com taxas relativamente baixas para a região: 12ª no total e 15ª na juvenil, os índices cubanos podem ser considerados elevados no contexto internacional (posição 26 tanto no total quanto no juvenil entre os 83 países analisados). A tendência geral nas três taxas (total, juvenil e não-juvem) é de queda ao longo do período, destacando-se as juvenis, com significativas quedas entre 1994 e 1999, quando os índices decrescem para menos da metade, se mantendo num patamar idêntico ao não-juvem nesse segundo período. Por isso, o índice de vitimização em 2005 de 1,34 pode ser considerado bem baixo para a região.



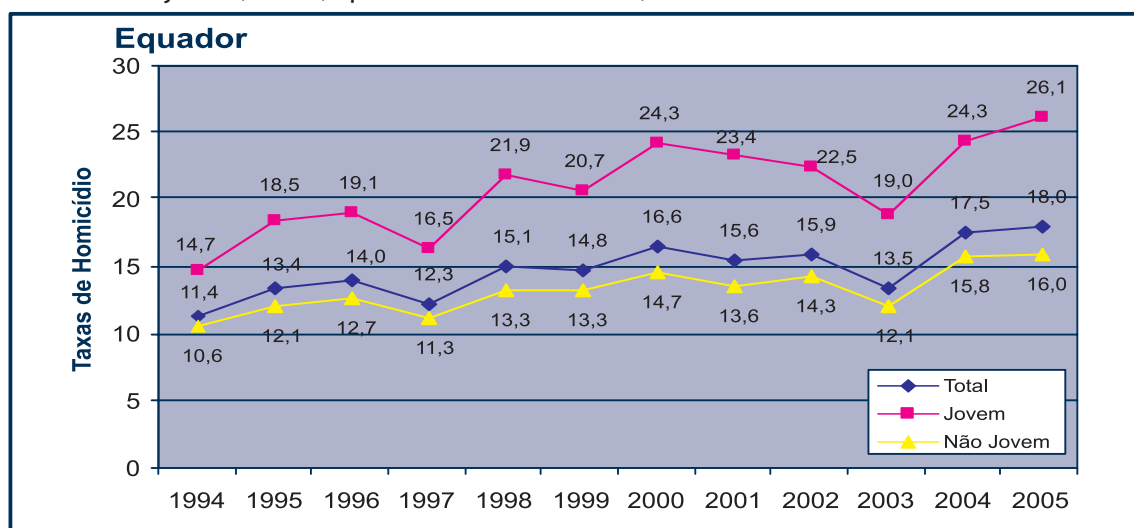
El Salvador: Um grande conjunto de fatores, além dos já tradicionalmente vigentes para toda a região – extremos de pobreza, concentração de renda, exclusão e crise da juventude, privatização dos espaços públicos, crise da família, da educação, da política etc. – tornaram vários países da América Central em espaços propícios à violência homicida: conflitos armados internos e externos, fundamentalmente políticos, na segunda metade do século XX, uma cultura cívica autoritária e violenta, largos movimentos migratórios e posterior retorno, muitas vezes forçado, dentre eles, de jovens pertencentes a gangues ou *maras*, que reproduziram os mesmos mecanismos no país de origem etc.



Dessa forma, no início do período considerado neste estudo, os índices de homicídios juvenis de El Salvador já eram elevados, e aumentaram mais ainda: passam de 74,7 para 92,3 em 100 mil jovens. Já as taxas dos não-jovens permanecem mais ou menos estacionárias, decrescendo levemente no início do período e aumentando nos últimos anos. Assim a maior responsabilidade pelos enormes incrementos registrados nas taxas totais a partir de 2002 deve-se aos homicídios juvenis. Esse enorme incremento a partir de 2002, aliado às quedas também significativas registradas nos índices da Colômbia, levam El Salvador a apresentar as maiores taxas, tanto no nível internacional quanto no regional, em ambas as séries: a dos homicídios totais e dos juvenis.

Equador: As taxas do país elevam-se significativamente no período:

- a total, de 11,4 em 1994 para 18 em 100 mil em 2005, o que representa um aumento de 57,7%;
- a juvenil, de 14,7 para 26,1 em 100 mil jovens = 77,4% de aumento; e,
- a não-jovem, de 10,6 para 16 em 100 mil = 51,6% de aumento.



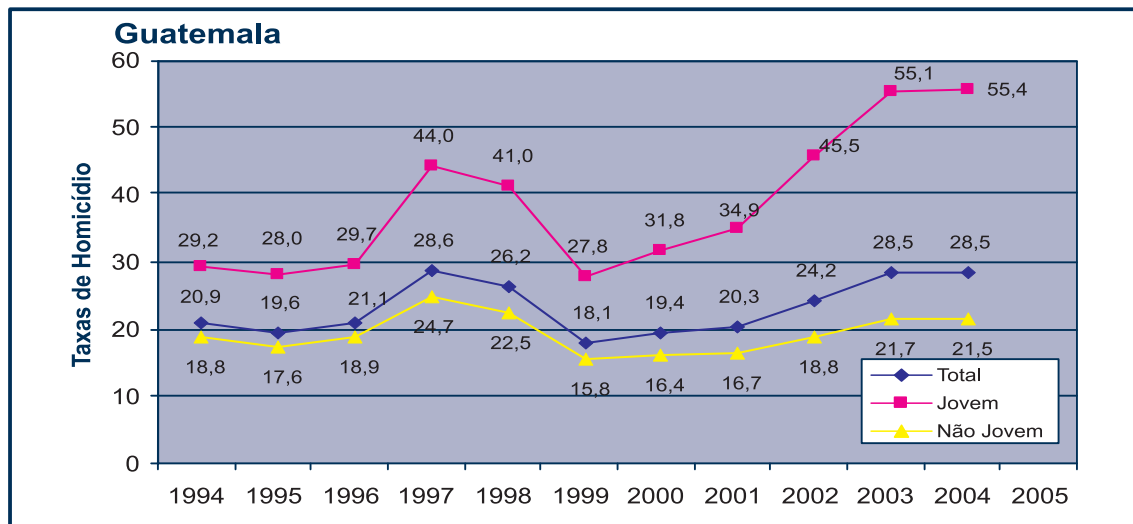
Vemos com isso que foram os homicídios juvenis os responsáveis pela maior parte dos incrementos da violência homicida no país no período considerado. Os índices de vitimização são intermediários: 1,63, o que significa que as taxas juvenis são 63% maiores que as dos não-jovens.

Essas taxas levam o Equador a ocupar a 10ª posição no ordenamento dos 83 países nas taxas totais de homicídios e a 9ª posição nos homicídios juvenis. Já no contexto da América Latina, o Equador ocupa a 6ª posição tanto nos homicídios totais quanto nos juvenis.

Guatemala: Limítrofe a El Salvador, e por motivos semelhantes, a Guatemala, que já ostentava elevados índices até 1999, os vê crescer ainda mais a partir daquela data até 2004, último ano que contamos com informação sobre o tema. Considerando somente desde o ano de 1999 até 2004, isto é, no lapso de cinco anos, as taxas crescem:

- de 27,8 em 1999 para 55,4 em 100 mil em 2004, com crescimento de 99,4% nos homicídios juvenis;

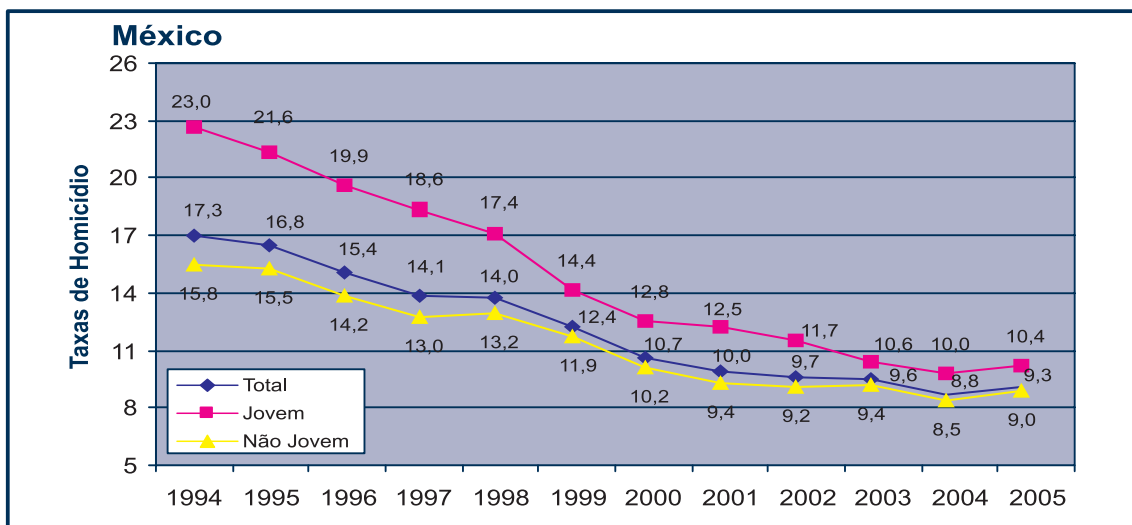
- de 15,8 para 21,5 em 100 mil para os não-jovens, com crescimento de 36,8% no quinquênio;
e
- de 18,1 para 29,5 em 100 mil habitantes para a população total, com crescimento de 57,1%.



O expressivo incremento dos homicídios juvenis neste último período faz com que, em primeiro lugar, justifiquem a maior parte do incremento da violência homicida do país e, em segundo lugar, que a Guatemala apresente um dos cinco maiores índices de vitimização juvenil do planeta: 2,57. Significa que os jovens morrem vítimas de homicídio, proporcionalmente, 157% mais que os não-jovens. Essas elevadas taxas fazem o país ocupar a 4ª posição em homicídios total e juvenil tanto no contexto internacional quanto no regional.

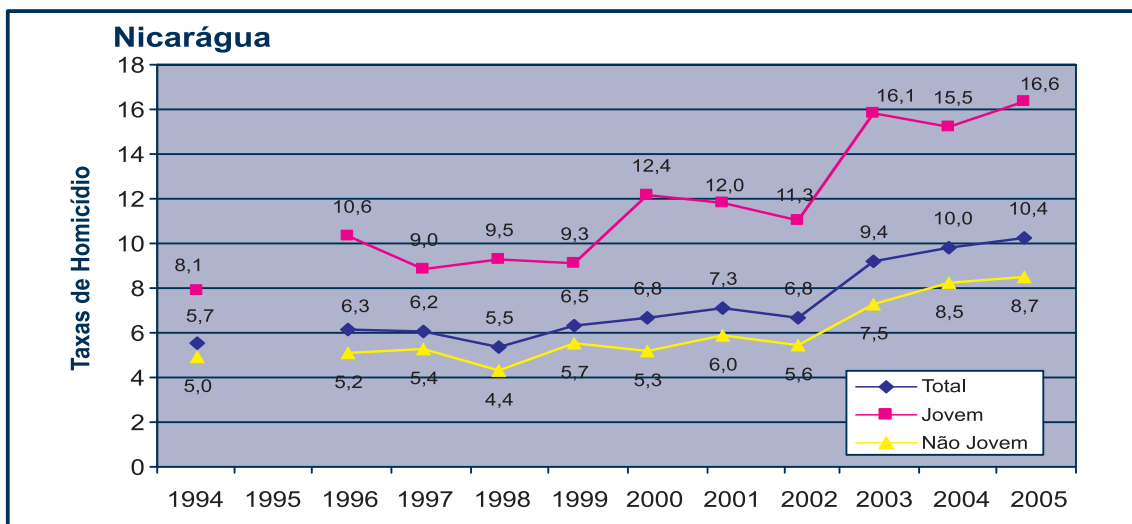
México: Tem evidenciado sistemáticas e significativas quedas nos índices em todo o período, salvo no último ano da série, 2005. Assim, observamos três fases bem demarcadas:

- Uma primeira fase, até 1999, com fortes quedas nos índices, especialmente nos juvenis, com o que a taxa jovem e não-jovem aproximam-se significativamente.
- Uma segunda fase, de 2000 até 2004, com quedas bem mais moderadas, e uma aproximação leve das taxas jovem e não-jovem
- Entre 2004 e 2005 estagnação ou ainda, crescimento muito leve, nas taxas.



Assim, no período considerado, os índices caem praticamente pela metade: 46,4% a taxa total; 54,6% a juvenil e 43% a não-jovem. Esse diferencial nas quedas jovem/não- jovem faz com que os índices, no final do período, sejam muito semelhantes, pelo que os índices de vitimização juvenil sejam somente de 16% maiores, um dos índices mais baixos da região e em posição 40 no contexto internacional dos 83 países considerados.

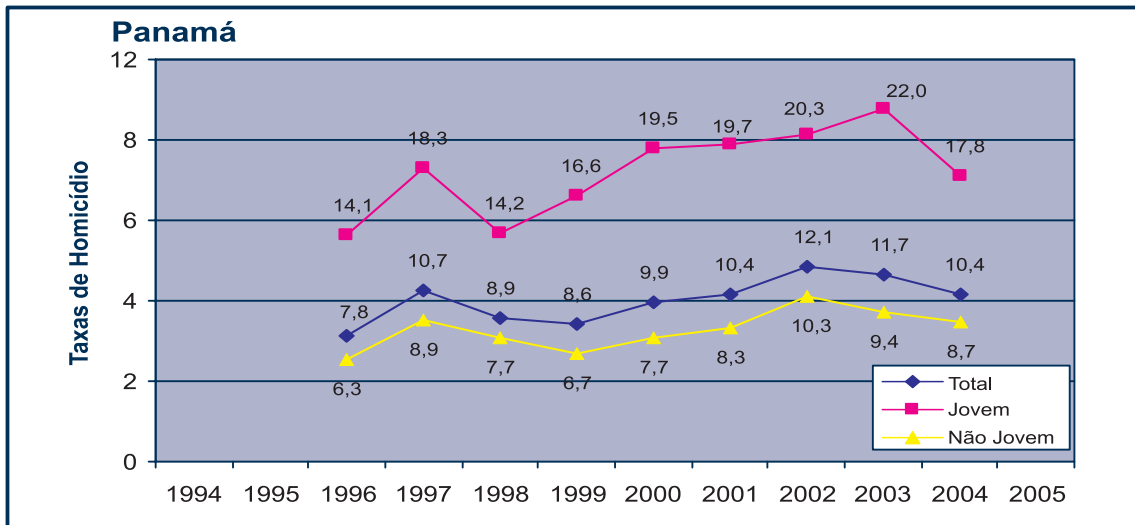
Nicarágua: Também na Nicarágua, como em El Salvador e na Guatemala, os últimos anos do período, desde 2002, evidenciaram enorme incremento nos níveis de homicídios, principalmente os juvenis, que crescem, em três anos, perto de 50%. Os determinantes foram mais ou menos semelhantes: conflitos armados internos de forte motivação política, movimentos migratórios e posterior retorno, uma cultura cívica autoritária e violenta, além dos tradicionais fatores vigentes em toda a região. Os níveis de vitimização juvenil são relativamente elevados: morrem por homicídios, proporcionalmente, 91% mais jovens que no resto da população.



A Nicarágua, com sua taxa de 10,4 homicídios em 100 mil habitantes ocupa a 13ª posição no contexto internacional e a 8ª entre os países da região. Já a taxa de 16,6 homicídios em 100 mil jovens leva o país a ocupar a 14ª posição no mundo e a 9ª posição na região.

Panamá: Se bem não contarmos com a série temporal completa, os dados disponíveis de 1996 a 2004 permitem verificar tendência de incremento moderado nos níveis de homicídio do país, com oscilações ao longo do período, principalmente nas taxas jovens. No Panamá, o crescimento foi maior no grupo não-jovem:

- de 14,1 em 1996 para 17,8 em 100 mil em 2004, com crescimento de 26,7% nos homicídios juvenis;
- de 6,3 para 8,7 em 100 mil para os não-jovens, com crescimento de 37,9% no quinquênio;
- e
- de 7,8 para 10,4 em 100 mil habitantes para a população total, com crescimento de 32,2%.

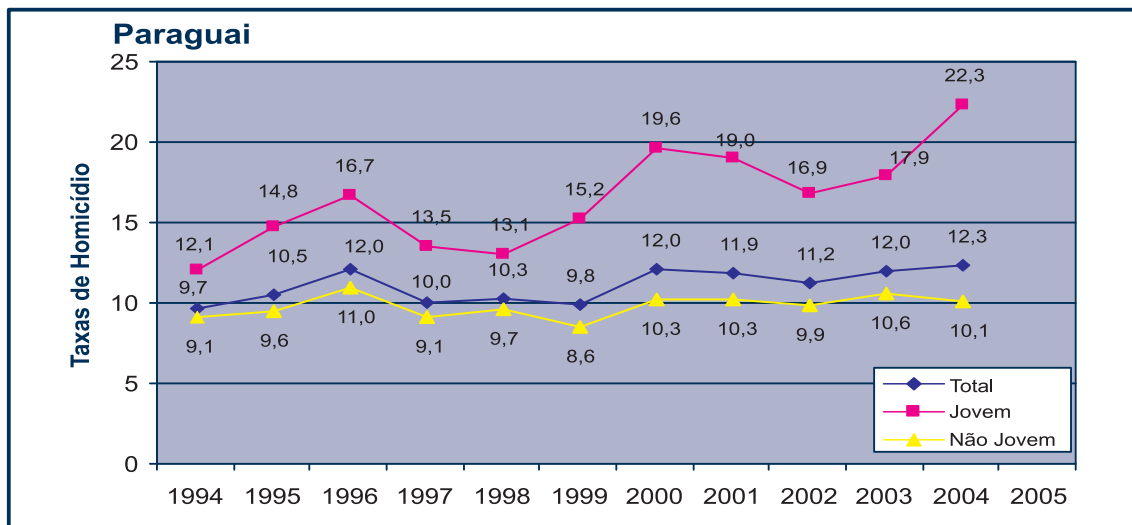


As taxas exibidas pelo país o colocam, no contexto internacional, na 15ª posição quando se trata de homicídios totais e na 13ª posição quando se observam os homicídios juvenis. Já no contexto regional, se encontra em uma situação intermediária: na 9ª posição nos homicídios totais e na 8ª nos juvenis. Esse diferencial de posições deve-se, fundamentalmente, aos elevados índices de vitimização juvenil do país: 2,0, o que significa que as taxas de vítimas jovens duplicam as vítimas não-jovens.

Paraguai: Também a evolução do Paraguai, no período considerado, teve diversas oscilações. No global do período teríamos que:

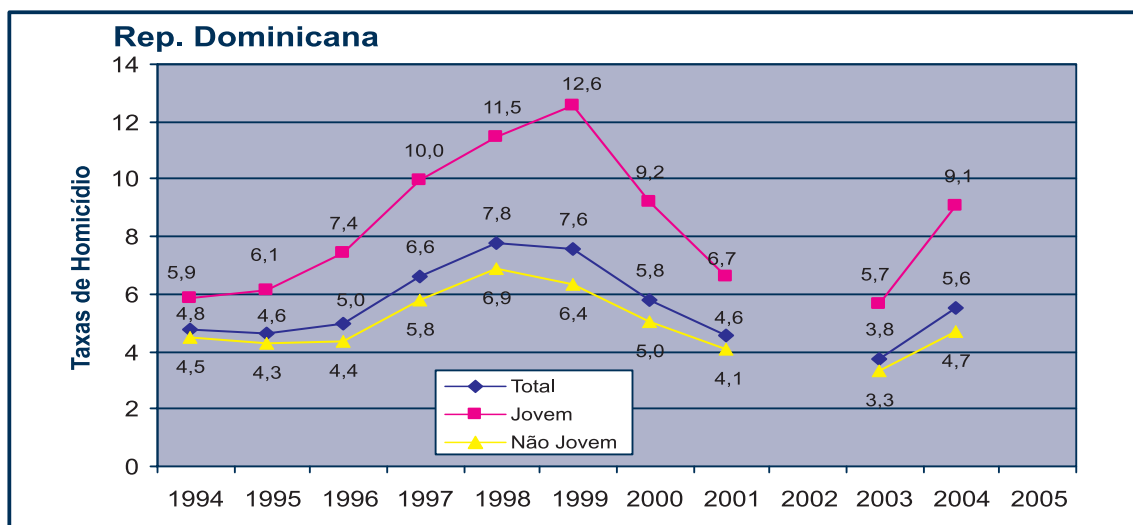
- as taxas de homicídios juvenis tiveram crescimento significativo no período 1994/2004, passando de 12,1 homicídios em 100 mil jovens para 22,3, o que representa aumento de 84,3%;

- já nos homicídios não-juvêns os incrementos foram bem modestos: de 9,1 em 100 mil para 10,1 em 2004;
- indica, claramente, que o crescimento no período deveu-se fundamentalmente ao aumento dos homicídios entre os jovens. A taxa total passa de 9,7 para 12,3 em 100 mil habitantes, o que representa aumento de 27,7% entre as duas datas.



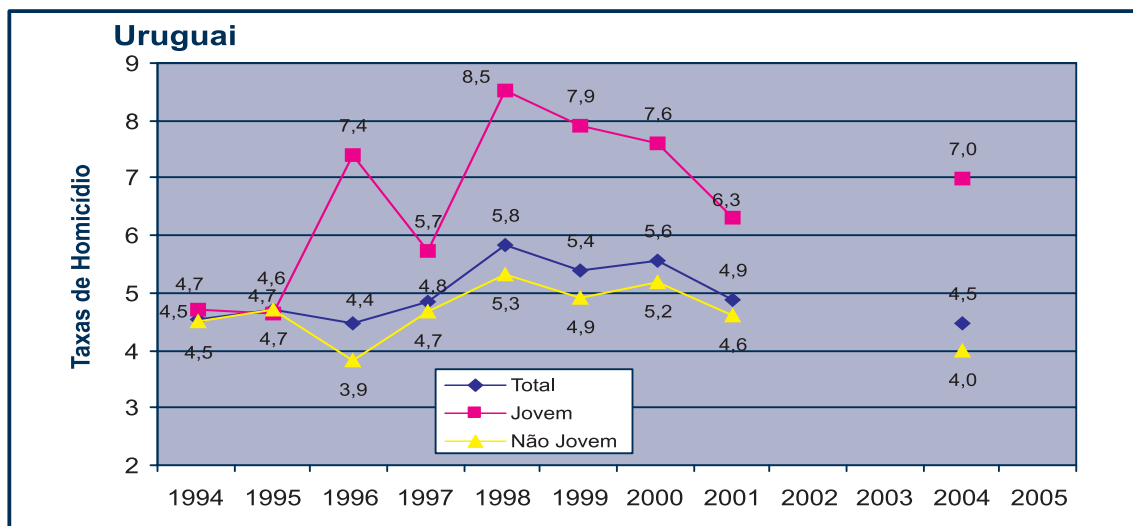
Essas taxas fazem com que o Paraguai, no contexto internacional, ocupe a 12ª posição no referente a homicídios totais e a 10ª posição no tocante a homicídios juvenis. No contexto regional, ocupa a 7ª posição em ambos os tipos de homicídios.

República Dominicana: Como esclarecido no primeiro capítulo, os dados referentes a homicídios da República Dominicana devem ser tomados com reserva, dado que existem fontes alternativas relativamente confiáveis indicando magnitudes bem maiores. Os dados disponíveis indicam profundas oscilações ao longo do período. No quinquênio de 1994 /1999: vertiginoso crescimento dos índices, principalmente os juvenis, que passam de 5,9 para 12,6 homicídios em 100 mil jovens, isto é, mais que duplicam. Também nos não-juvêns, que crescem aproximadamente de 50%. De 1999 a 2003, quedas também vertiginosas: as taxas juvenis voltam ao nível de 1994, e as não-juvêns caem mais ainda, para 3,3 em 100 mil não-juvêns, bem abaixo da taxa de 1994 que era de 4,5. De 2003 a 2004, crescimento novamente vertiginoso: os índices juvenis pulam para 9,1, e os não-juvêns para 4,7 em um único ano.



As taxas do país são de intermediárias para altas quando as referimos ao contexto internacional – ocupa a posição 29 em homicídios totais e a 23 em homicídios juvenis. Já no contexto regional, as mesmas taxas são relativamente baixas, ocupando a 14ª e a 13ª respectivamente. Essas diferenças de posição estão a indicar índices relativamente elevados de vitimização juvenil. Efetivamente o índice da República Dominicana é de 1,92, isto é, morrem proporcionalmente 92% mais jovens do que não-jovens.

Uruguai: Também no Uruguai observamos oscilações, mas com uma tendência definida: de uma situação inicial no período, com taxas muito parelhas nas proporções de homicídios jovens e não-jovens, a realidade vai evoluindo distanciando ambas as faixas de homicídio. Com isso, de um índice de vitimização praticamente inexistente em 1994, em 2005 morrem, proporcionalmente, 75% mais jovens que não-jovens, evidenciando a existência de situações conflitivas ou problemáticas nessa entrada. Efetivamente:



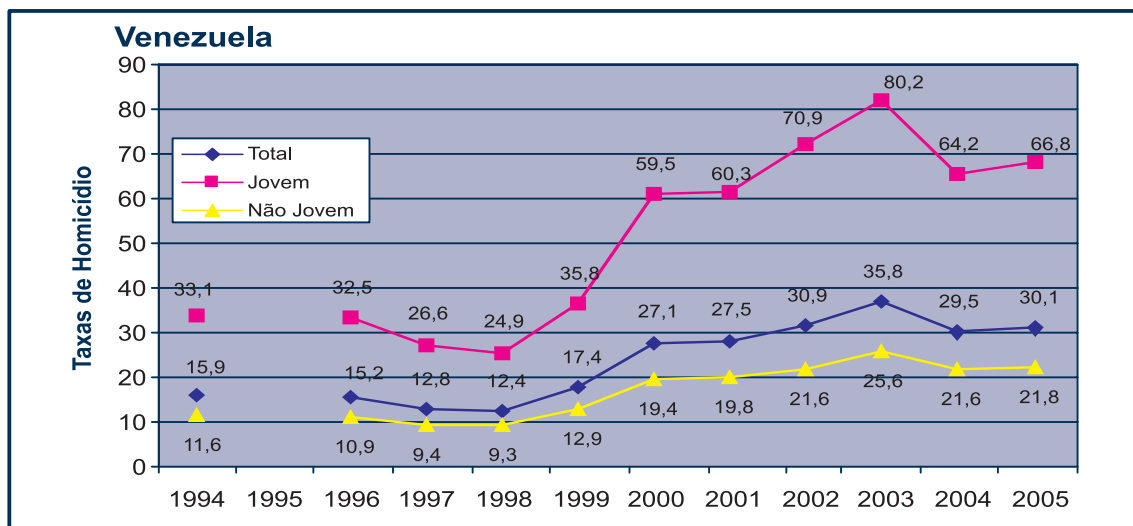
- Entre 1994 e 2004 as taxas de homicídios juvenis passam de 4,7 para 7,0 em 100 mil jovens, evidenciando um crescimento de 49,5%.
- Já os homicídios não-juvenis, no mesmo período, caem de 4,5 para 4,0 em 100 mil não jovens, o que representa uma queda de 11%.

Com isso as taxas globais permanecem exatamente iguais nos dois extremos do período: 4,6 homicídios em 100 mil habitantes.

Ainda assim, as taxas do Uruguai são as mais baixas da região, mas ocupa uma posição intermediária no contexto internacional, quando se se refere a homicídios totais – 35ª –, e uma posição relativamente mais elevada – 27ª – nos homicídios juvenis, fato explicado pelos elevados índices de vitimização juvenil, acima indicados.

Venezuela. Depois de um período de declínio modesto nas taxas de homicídio entre 1994 e 1998, os índices aumentam drasticamente até 2003: os homicídios juvenis aumentam 222%, e os não-juvenis 174%. A partir de 2003, quedas moderadas. Considerando o período 1994/2005 teríamos:

- as taxas juvenis crescendo 101,5%;
- as não-juvenis 88,5%;
- a total 89,6%



Esse diferencial no crescimento das taxas originou o maior índice de vitimização juvenil da região e o segundo maior entre os 83 países aqui analisados: 2,94. Em outras palavras: morre, proporcionalmente, quase o triplo de jovens que os pertencentes às outras faixas etárias.

Esses índices levam a Venezuela a ostentar o terceiro lugar internacional nas taxas de homicídio, tanto total quanto juvenil, logo depois de El Salvador e Colômbia. Nos índices de vitimização, Venezuela ocupa o segundo lugar, logo depois de Porto Rico.

2.3 - Análise sintética da América Latina

O quadro a seguir sintetiza tanto a situação quanto a evolução dos diversos indicadores que viemos abordando no presente capítulo, na tentativa de extrair algumas inferências sobre as mudanças recentes nos índices de violência homicida na região. Devemos esclarecer que a ponderação da situação, constante nas respectivas colunas do quadro, tomam como marco de referência os índices regionais. Assim, os índices de homicídios do Uruguai ou do Chile foram considerados baixos, mas no contexto regional, tomando em conta só as taxas vigentes nos países da América Latina. Essas taxas assumem outra dimensão quando confrontadas com as européias, ou as asiáticas: até as menores taxas da região adquirem, no marco desses países, um ar de marcada gravidade.

Seguindo esse critério regionalizado, colocamos um número mais ou menos aproximado de países em cada nível de taxas: altas, médias e baixas, cuja situação já foi analisada nos itens anteriores.

Quadro 2.3.1 - Síntese da Situação e Evolução dos Índices de Homicídio nos Países da América Latina

País	Período	Taxas de Homicídio*					Crescimento**					Vitimização Juvenil	Situação		
		Total	Situação	Jovem	Situação	Não-Jovem	Situação	Total	Situação	Jovem	Situação			Não-Jovem	Situação
Argentina	1994/2005	5,8	↓	9,4	↓	5,0	↓	34,0	↓	59,3	↓	26,3	↓	1,87	↓
Brasil	1994/2005	25,2	↑	51,6	↑	19,2	↑	24,3	↔	47,7	↔	16,0	↔	2,69	↑
Chile	1994/2004	5,4	↓	7,9	↓	5,4	↓	83,9	↑	122,6	↑	74,0	↑	1,62	↔
Colômbia	1994/2005	43,8	↑	73,4	↑	37,4	↑	-43,4	↓	-46,8	↓	-40,1	↓	1,96	↔
Costa Rica	1994/2005	7,5	↔	9,2	↓	7,1	↔	34,9	↔	73,9	↑	26,1	↔	1,30	↓
Cuba	1995/2005	6,0	↓	7,7	↓	5,7	↓	-27,7	↓	-37,7	↓	-23,0	↓	1,34	↓
El Salvador	Argentina	48,8	↑	92,3	↑	37,9	↑	7,3	↔	23,5	↔	0,0	↔	2,43	↑
Equador	1994/2005	18,0	↔	26,1	↔	16,0	↔	57,7	↑	77,4	↑	51,6	↑	1,63	↔
Guatemala	1994/2005	28,5	↑	55,4	↑	21,5	↑	36,6	↔	89,6	↑	14,5	↔	2,57	↑
México	1994/2005	9,3	↔	10,4	↔	9,0	↔	-46,4	↓	-54,6	↓	-43,0	↓	1,16	↓
Nicarágua	1994/2005	10,4	↔	16,6	↔	8,7	↔	84,7	↑	106,6	↑	73,6	↑	1,91	↔
Panamá	1996/2004	10,4	↔	17,8	↔	8,7	↔	32,2	↔	26,7	↔	37,9	↔	2,04	↑
Paraguai	1994/2004	12,3	↔	22,3	↔	10,1	↔	27,7	↔	84,3	↑	10,8	↔	2,21	↑
Rep. Dominicana	1994/2004	5,6	↓	9,1	↓	4,7	↓	16,1	↔	54,4	↑	4,8	↔	1,92	↔
Uruguai	1994/2004	4,5	↓	7,0	↓	4,0	↓	-1,6	↓	49,5	↔	-11,0	↓	1,75	↔
Venezuela	1994/2005	30,1	↑	66,8	↑	21,8	↑	89,6	↑	101,5	↑	88,5	↑	2,94	↑
* Último ano disponível		Taxa Alta ↑					Crescimento Alto ↑					Alta ↑			
** entre o ano inicial e o ano final disponível		Taxa Média ↔					Crescimento Baixo ↔					Média ↔			
		Taxa Baixa ↓					Crescimento Negativo ↓					Baixa ↓			

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Isso nos leva diretamente às modalidades do crescimento das taxas, e surgem algumas questões dignas de menção.

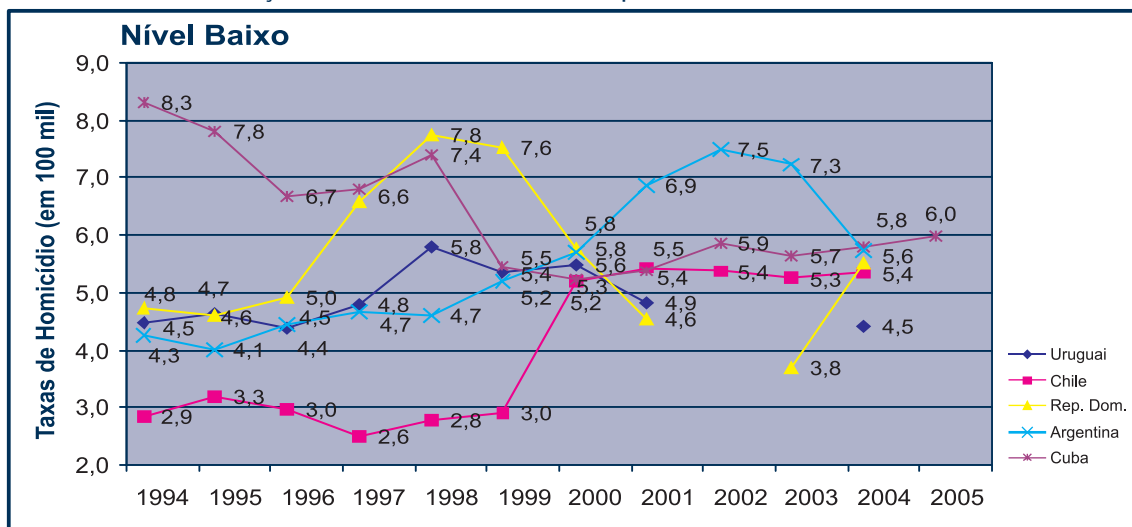
- Só quatro dos dezesseis países da região com dados disponíveis tiveram quedas nas taxas totais de homicídio, as de maior significação: México e Colômbia. Embora isso, doze países evidenciaram incrementos, em alguns casos muito significativos, superando a faixa dos

80% de aumento, como os casos do Chile – com taxas ainda baixas –, Nicarágua – com taxas intermediárias – e Venezuela, que ostenta taxas elevadas para a região.

- Na população jovem, só três países: Colômbia, Cuba e México mostram quedas em suas taxas de homicídio. Na maioria, treze países, as taxas cresceram e, em vários casos, de forma alarmante. Chile, Nicarágua e Venezuela mais que duplicam os índices de homicídios juvenis.
- Novamente vemos nos dados o grave e preocupante panorama da vitimização homicida da juventude da América Latina. Em casos extremos, como os do Brasil, El Salvador, Guatemala e Paraguai, as vítimas juvenis são responsáveis pela quase totalidade dos aumentos dos homicídios no período.

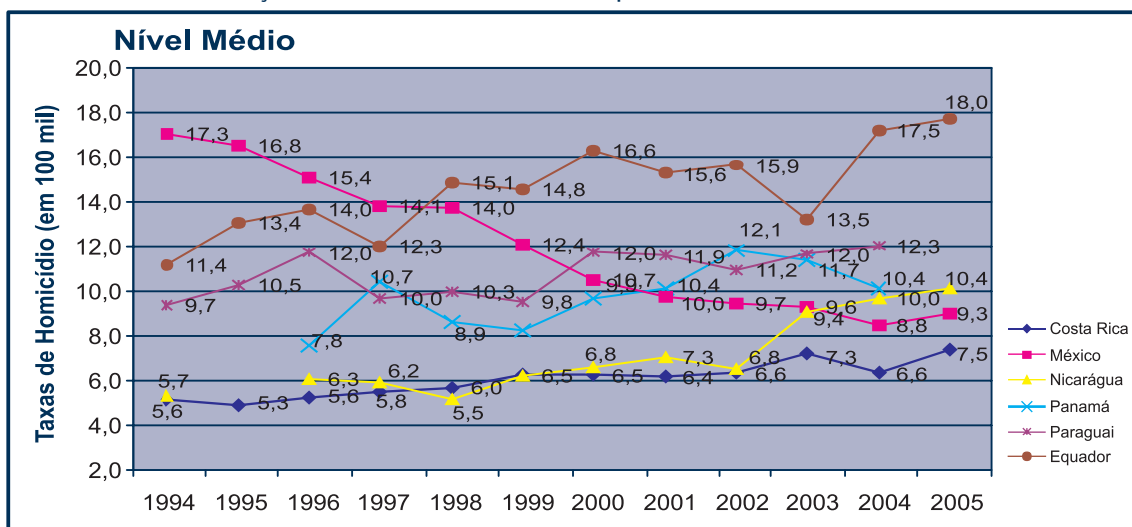
Os Gráficos 2.3.1 a 2.3.3 a seguir, detalham as características dessa evolução e as mudanças observáveis.

Gráfico 2.3.1: Evolução das Taxas do Homicídio nos países da América Latina com Taxas Baixas.



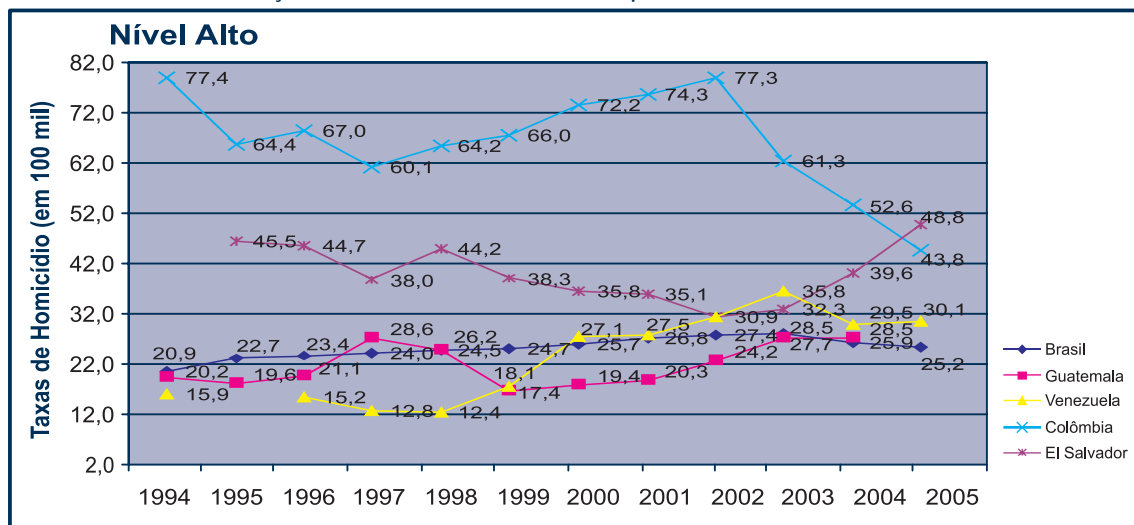
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 2.3.2: Evolução das Taxas do Homicídio nos países da América Latina com Taxas Médias.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 2.3.3: Evolução das Taxas do Homicídio nos países da América Latina com Taxas Altas.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

2.4 - Fatores explicativos.

Muitos foram até hoje os fatores arrolados na tentativa de explicar os determinantes da violência homicida, principalmente em nossa região, que se destaca de forma visível pelos seus elevados índices. Não é nossa intenção, dados os limitados objetivos do presente estudo, realizar uma revisão ou uma análise crítica das diversas posturas e propostas. Como analisado em trabalhos anteriores, achamos o fenômeno da violência, principalmente a homicida, resultante de uma grande variedade de fatores que se concatenam de forma específica na produção do fato violento. Por isso preferimos falar de mecanismos de determinação, e não de relações causais.

Sob essa óptica, todos esses argumentos esgrimidos podem ser classificados em três grandes níveis. Em primeiro lugar, os de **nível estrutural** que, desde uma perspectiva macro, estariam sobredeterminando o comportamento dos restantes fatores. Nessa entrada, os mais frequentemente indicados foram os relacionados com a pobreza, em que fome, miséria e exclusão seriam os motores impulsores da violência. Também nessa entrada, processos acelerados de urbanização, com sua desestruturação normativa, estruturas políticas geradoras de cultura cívica autoritária, opressiva e violenta, têm sido arrolados, principalmente na América Latina, para explicar as diversas formas de eclosão da violência homicida.

Em segundo lugar, os de **nível institucional**. Diversos tipos e mecanismos de crises nas instituições básicas de nossa sociedade têm sido apontados como indutores da moderna violência: desestruturação familiar, insuficiência educacional, crises das instituições políticas, erosão dos estatutos morais etc.

Por último, também determinantes de **nível individual**, fundamentalmente os psicológicos que, em determinadas situações, podem gerar condições de resiliência às reações potencialmente violentas.

Como já indicado, não pretendemos aqui abordar esse enorme conjunto de possíveis determinantes. Mas uma série de fatores ligados ou derivados da situação de forte concentração da renda imperante na região, sempre chamou nossa atenção e foi objeto de análise em diversos estudos que focavam a violência homicida no Brasil. Efetivamente, são já históricas taxas de concentração de renda que caracterizam a região¹⁹. Ao longo das últimas décadas, a América Latina sempre apresentou índices Gini²⁰ em torno de 0,50, enquanto os países da OCDE e os de renda elevada em torno de 0,34; o Oriente Médio e a África do Norte em torno de 0,40; a Europa Oriental em torno de 0,29; a Ásia Oriental e Pacífico em torno de 0,39. Só a África Sul-Saariana se aproxima dos índices da América Latina: algo em torno de 0,47. Os dados mais recentes, que correspondem ao ano de 2006²¹, estão a indicar que, nessa categoria, pouca coisa mudou. A grande maioria dos países da região ainda apresenta índices Gini superiores a 0,5 e, em alguns casos, como os da Bolívia, ou do Brasil, superiores a 0,6.

19 MORLEY, S. La distribución del Ingreso en América Latina y el Caribe. Santiago. Fondo de Cultura Económica. 2000. BARROS, R.P. Henriques, R. & MENDOÇA, R. *A estabilidade inaceitável*. Desigualdade e Pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, R. *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2000.

20 O índice Gini é uma medida de concentração, neste caso, de renda, que vai de 0 – quando todos os indivíduos ou grupos têm a mesma participação na renda – até 1, limite superior que acontece quando só um indivíduo ou grupo se apropria da totalidade da renda gerada.

21 Cepal/Eclac. *Panorama social de América Latina 2007*. Santiago. Cepal, nov. 2007.

Tabela 2.4.1: Índice Gini dos Países da América Latina.

País	Gini	País	Gini	País	Gini
Argentina	0,510	Equador	0,526	Panamá	0,548
Bolívia	0,614	El Salvador	0,493	Paraguai	0,536
Brasil	0,602	Guatemala	0,543	Peru	0,505
Chile	0,522	Honduras	0,587	Rep. Dominicana	0,578
Colômbia	0,584	México	0,506	Uruguai	0,452
Costa Rica	0,478	Nicarágua	0,579	Venezuela	0,441

Fonte: Cepal/Eclac. Panorama Social de América Latina 2.007

Índices superiores a 0,600 só existem, além de uns poucos países da América Latina, num pequeno grupo de países africanos, como Botsuana, Namíbia, Lesoto, República Centro-Africana e Serra Leoa²².

A partir dessas considerações, pensamos que a existência de um pequeno conjunto de indicadores bem significativos, que foram sistematizados para todos os países do mundo nos Relatórios de Desenvolvimento Humano, facilitaria enormemente a tarefa de associar os índices de violência abordados neste estudo com os indicadores de desenvolvimento humano. Selecionou-se o Relatório dos anos 2007/2008 por conter dados para a elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano correspondentes ao ano de 2005, aproximadamente, ano de nossos indicadores de violência.

Em primeiro lugar, foram utilizados os coeficientes de correlação r de Pearson, estatística de associação mais adequada por se tratar de variáveis intervalares²³. Para interpretar esses valores, foi utilizado o coeficiente de determinação r^2 que indica a proporção da variabilidade de uma variável que é explicada pela variabilidade da outra. Os coeficientes de correlação e os de determinação calculados podem ser encontrados na tabela 2.4.2. Insistimos no esclarecimento de que a correlação foca países e não indivíduos, pelo que todas as interpretações devem-se referir a esse nível.

Vemos pelos dados da tabela 2.4.2 que o IDH evidencia uma correlação de fraca para moderada e negativa com os índices de violência homicida dos países, de forma tal que, com o aumento do IDH tendem a cair, de forma leve, as taxas de homicídio. Nesse caso, o IDH explica 11,2% da variação dos índices totais de homicídio.

Já o PIB *per capita*, indicador de riqueza ou pobreza de um país, apresenta uma associação bem mais robusta com os índices de homicídio, explicando 18,7% das taxas totais. Uma questão bem significativa deve ser aqui apontada: os índices de homicídio juvenis são bem menos afetados pela renda *per capita* – 13,% – do que os índices não- jovens. O Índice de Renda do IDH, que se constrói com base na renda *per capita*, apresenta comportamento semelhante, mas com coeficientes um tanto inferiores, devido aos mecanismos empregados para sua construção.

Mas os indicadores que surpreendem pela sua elevada capacidade explicativa dos níveis de homicídio são os relativos à concentração/distribuição da renda. Vemos que os coeficientes de correlação, nesse caso, são muito elevados, principalmente a do indicador que só toma em conta os extremos da distribuição: quantas vezes maior é a renda dos 10% mais ricos em relação aos 10%

22 PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008. Coimbra, UNDP, 2007

23 O coeficiente r de Pearson vai de +1 = correlação positiva perfeita, onde ao crescimento de uma das variáveis corresponde um crescimento concomitante proporcional da outra até -1 = correlação negativa perfeita, onde ao crescimento de uma das variáveis corresponde um decréscimo concomitante proporcional da outra, passando pelo valor 0 = ausência total de associação. Os valores r , quanto mais perto do 1 maior a associação, quanto mais perto do 0 menor a associação.

de menor renda. Vemos que aqui o coeficiente de correlação gira em torno de 0,700 com um poder de determinação total de 47,9%. Noutras palavras: quase 48% da variação dos índices de homicídio total são explicadas pela variação dos índices de concentração de renda. Mais ainda, diferentemente do que acontece com o indicador de pobreza, o referente à concentração da renda explica melhor os homicídios juvenis (50,7%) do que os homicídios não-juvenis (45,2%). Isto é, os jovens seriam mais afetados pelos diversos efeitos e manifestações da concentração de renda. O índice Gini, que é um segundo indicador de concentração de renda, mas que leva em conta toda a distribuição, tem um comportamento muito semelhante com o anterior, mas refletindo níveis menores de associação, mas ainda muito expressivos.

Com isso podemos concluir que, mais do que a pobreza absoluta ou generalizada é a pobreza dentro da riqueza, são os contrastes entre ambas, com sua seqüela de maximização e visibilidade das diferenças, a que teria maior poder de determinação dos níveis de homicídio de um país.

Tabela 2.4.2: Coeficientes de Correlação e de Determinação das Taxas de Homicídio Total, Jovem e Não-Jovem com Indicadores Seleccionados. 70 Países.

Correlação de Taxas de Homicídio com:	Coef. r de Pearson			Coef. de Determinação r ²		
	Jovem	Não-Jovem	Total	Jovem	Não-Jovem	Total
Índice de Desenvolvimento Humano-IDH	-0,295	-0,345	-0,335	8,7%	11,9%	11,2%
Esperança de vida à nascença (anos)	-0,210	-0,288	-0,268	4,4%	8,3%	7,2%
Taxa de alfabetização de adultos	-0,273	-0,221	-0,245	7,5%	4,9%	6,0%
Taxa de escolarização bruta combinada	-0,276	-0,301	-0,298	7,6%	9,0%	8,9%
PIB <i>per capita</i> (Dólares PPC)	-0,361	-0,458	-0,433	13,1%	21,0%	18,7%
Índice de Esperança de Vida	-0,210	-0,288	-0,267	4,4%	8,3%	7,2%
Índice de Educação	-0,249	-0,221	-0,237	6,2%	4,9%	5,6%
Índice de Renda	-0,310	-0,386	-0,366	9,6%	14,9%	13,4%
Relação 10% mais ricos/10% mais pobres	0,712	0,672	0,692	50,7%	45,2%	47,9%
Índice Gini	0,610	0,599	0,608	37,2%	35,8%	36,9%

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

Mas não só as taxas de homicídio são influenciadas fortemente pela concentração da renda, também os índices de vitimização juvenil sofrem fortemente influência dos contrastes de renda que caracterizam a região. Realizadas as mesmas operações de associação que no caso das taxas de homicídio, aqui temos que as diversas dimensões do IDH pouco se associam com os índices de vitimização juvenil, salvo a taxa de alfabetização, que apresenta uma correlação negativa e fraca, isto é, uma leve tendência que a melhor alfabetização, menor vitimização. Mesmo assim, o analfabetismo explica quase 9% dos índices de vitimização. Mas a variável que tem forte poder preditivo dos índices de vitimização juvenil novamente é a concentração da renda. A maior concentração de renda, maior vitimização juvenil. A concentração de renda explica em torno de 40% dos níveis de vitimização juvenil, como pode ser visto na tabela 2.4.3.

Tabela 2.4.3: Coeficientes de Correlação e de Determinação dos Índices de Vitimização Juvenil com Indicadores Selecionados. 70 Países.

Correlação de Taxas de Homicídio com:	Coef. r de Pearson	Coef. de Determinação r ²
Índice de Desenvolvimento Humano-IDH	-0,106	1,1%
Esperança de vida à nascença (anos)	-0,028	0,1%
Taxa de alfabetização de adultos	-0,298	8,9%
Taxa de escolarização bruta combinada	-0,132	1,7%
PIB <i>per capita</i> (Dólares PPC)	-0,027	0,1%
Índice de Esperança de Vida	-0,028	0,1%
Índice de Educação	-0,211	4,4%
Índice de Renda	-0,056	0,3%
Relação 10% mais ricos/10% mais pobres	0,627	39,3%
Índice Gini	0,632	39,9%

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

Melhor imagem do significado desses coeficientes pode ser obtida acompanhando os dados da tabela 2.4.4. Para a construção dessa tabela, os 67 países para os quais se contava com dados tanto no WHOSIS quanto no Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 foram ordenados segundo seu índice Gini e divididos em três grandes grupos de igual número de países: os de Gini alto (de 0,420 para acima), os de índice médio (de Gini entre 0,330 e 0,410) e os de Gini baixo (0,400 para baixo).

Podemos verificar que, se no grupo de Gini alto, a taxa média de homicídio total é de 14 em 100 mil habitantes, cai para 4,1 no grupo de índice médio e para 1,8 homicídios em 100 mil no grupo de índice baixo.

Tabela 2.4.4: Médias de Taxas de Homicídio e de Vitimização segundo Nível de Concentração de Renda. 67 Países.

Nível Índice Gini	Gini Médio	Média das Taxas de Homicídio			Média de Vitimização Juvenil
		Jovem	Não-Jovem	Total	
Alto (0,420 e +)	0,509	26,08	12,16	14,82	1,78
Médio (0,330 a 0,410)	0,364	4,07	4,13	4,12	1,10
Baixo (0,400 e -)	0,287	1,51	1,92	1,84	0,86

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

Mais expressivas ainda são as diferenças quando observamos o caso dos homicídios juvenis: 26,1 homicídios em 100 mil jovens nos países de Gini alto, 4,1 nos países de Gini médio e 1,8 nos de Gini baixo. Isso indica bem claramente as diferenças de níveis de homicídios derivadas da concentração da renda.

Ainda assim, os resultados mais sintomáticos são os que se verificam quando abordamos o tema da vitimização juvenil. Nos países de Gini elevado verificam-se índices de vitimização bem elevados: 1,78 em média. Noutras palavras: são países onde, proporcionalmente, morrem 78% mais jovens que não-jovens. Já nos países de Gini intermediário morre, aproximadamente, a mesma proporção de jovens e de não-jovens, pelo que a média de vitimização encontra-se perto da paridade. Já nos países de baixa concentração de renda são maiores os índices de homicídio não-jovem do que os juvenis. Por esse motivo, o índice de vitimização juvenil encontra-se abaixo da paridade (0,86). Noutras palavras, existem esquemas de resguardo da juventude.

Ainda foram realizadas, com os mesmos indicadores, análises de regressão múltipla²⁴, na tentativa de controlar as diversas incidências e interações entre os indicadores pesquisados. Para o caso dos homicídios, só restaram dois fatores com poder explicativo superior a 1%: a concentração da renda, medida pela relação entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres e, em escala bem menor, o Produto Interno Bruto *per capita*.

Tabela 2.4.5: Resultados da Regressão Múltipla de Indicadores Seleccionados com as Taxas de Homicídio para a População Jovem, Não-Jovem e Total. 70 Países.

Indicadores	Jovem		Não-Jovem		Total	
	r Cumulada	R2 Agregado	r Cumulada	R2 Agregado	r Cumulada	R2 Agregado
Relação dos 10% + ricos/10% + pobres	0,797	0,635	0,750	0,562	0,773	0,597
PIB per capita			0,771	0,032	0,786	0,020

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados WHOSIS

Para a população jovem, só a concentração de renda mostrou poder explicativo superior a 1%, mas de forma extremamente poderosa: isoladamente explica 63,5% da variabilidade dos homicídios.

Já para a população não-jovem e na total, além da concentração de renda, que continua forte, entre 56 e 60%, entra também o PIB *per capita*, mas com poder explicativo bem baixo: explica entre 2 e 3% da variabilidade. Esses resultados reforçam as constatações já expostas.

- Não é especificamente a pobreza, medida pelo PIB *per capita*, indicador utilizado para separar *países pobres* de *países ricos* ou *os desenvolvidos* de *países em desenvolvimento*, o determinante dos níveis de homicídio. É a concentração de renda – seja a indicada pela relação entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres, indicador bem mais sensível aos contrastes extremos, seja pelo índice Gini, que atenta mais para a distribuição no conjunto da população – a principal fonte, e extremamente poderosa, de determinação dos níveis de violência homicida.
- Entre os jovens, o indicador de concentração de renda constitui o único que supera a faixa de 1% de incidência, dando a entender que entre os jovens é levemente mais determinante que no resto da população, e a pobreza, como fator específico, não tem muita incidência nessa faixa etária, bem mais influenciada pelos contrastes e as contradições derivadas da polarização social, isto é, da exclusão.

24 Utilizando o método *Stepwise* na regressão linear múltipla e removendo indicadores cujo poder explicativo (R²) fosse inferior a 1%..

3. MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

O presente capítulo pretende delinear, em primeiro lugar, a situação da mortalidade ocasionada por acidentes de transporte nos diversos países, visando verificar a posição da América Latina no contexto mundial. Como fundamentado no capítulo conceitual, consideramos também essa forma de mortalidade como fenômeno socialmente regulado. À primeira vista, pareceria contra-senso definir que um fato acidental, que tem como fundamento o acaso e a imprevisibilidade, possa ser tratado com a idéia de regulamentação, que traz implícita a noção de regularidade, de normatividade, de repetibilidade obedecendo a certos padrões bem contrários ao acaso. Mas da mesma forma que as restantes formas de violência abordadas ao longo deste trabalho, longe de serem produtos aleatórios de atores isolados, configuram tendências que encontram sua explicação em determinantes culturais, sociais, políticos e econômicos que cada país atravessa.

Por último, deverá ser feita análise mais detalhada da situação e evolução recente da mortalidade causada pelos acidentes de transporte nos dezesseis países da América Latina para os quais contamos com informação, tentando encontrar, também nesse caso, determinantes estruturais que explicam sua produção.

3.1 – Mortalidade por acidentes de transporte: o contexto internacional.

Os dados disponíveis permitem caracterizar a América Latina como região muito violenta também em termos de mortalidade por acidentes de transporte. Efetivamente, agregando os dados dos 83 países disponíveis por região ou continente – tabela 3.1.1 – vemos que a América Latina, com sua taxa de 16,2 óbitos por acidentes de transporte para cada 100 mil habitantes, ultrapassa levemente a América do Norte – 16,1 – e de forma bem mais ampla a Europa (10,5) e a Ásia (11,8). Mas, semelhante à África, seus índices de vitimização juvenil são relativamente baixos: 1,19 que implica que morrem proporcionalmente 19% mais jovens que não-jovens, enquanto na Europa essa proporção é de 77%, e na Oceania de 124% maior. Por isso a grande responsável pelas elevadas taxas regionais é a mortalidade não-jovem, que também supera, e em alguns casos amplamente, os índices das outras regiões.

Tabela 3.1.1: Taxas de óbito em acidentes de transporte e Vitimização juvenil segundo faixa etária e regiões do mundo.

Região	População			Vitimização Juvenil
	Jovem	Não-Jovem	Total	
África	11,8	10,4	10,7	1,13
América do Norte	26,7	14,3	16,1	1,86
América Latina	18,5	15,5	16,2	1,19
Ásia	14,5	11,3	11,8	1,28
Caribe	18,0	12,6	13,5	1,43
Europa	16,9	9,5	10,5	1,77
Oceania	18,3	8,2	9,6	2,24

Fonte: Microdados WHOSIS

Observando as tabelas 3.1.2 e 3.1.3, onde os mesmos dados foram desagregados por país, podemos verificar que:

Se Lituânia, país báltico do Leste Europeu, com 25,9 mortes por acidentes de transporte em 100 mil habitantes ocupa a primeira posição no ranking, Venezuela e El Salvador, países da América Latina, com uma taxa de óbitos total por acidentes de transporte de 21,8 em 100 mil habitantes, ocupam a 2ª e 3ª posição respectivamente, quando se trata de população total.

Também Brasil e Equador, com suas taxas de 19,4 e 17,8 em 100 mil ocupam uma lugar de destaque: 9ª e 11ª posição.

Nesse mesmo terreno, mas no outro extremo da escala, a Guatemala, com sua taxa de 3,3 mortes em 100 mil habitantes, ocupa a 80ª posição entre os 83 países analisados.

Já no terreno da mortalidade juvenil por acidentes de transporte, os países da região com maiores taxas: Venezuela e Brasil, com 24,7 e 23,3 mortes em 100 mil jovens, respectivamente, encontram-se ocupando a 12ª e 13ª posição no contexto internacional, e com índices bem inferiores aos da Tailândia, que com uma taxa de 36,6 em 100 mil, ocupa a primeira posição.

Em geral, os países da região se localizam na porção inferior do ranking juvenil, como os casos da Argentina, Cuba, Nicarágua, Uruguai, com taxas em torno de 11, e Guatemala, com taxa de 3 mortes em 100 mil jovens.

Isso denota que os índices de vitimização da região sejam relativamente baixos. O de maior índice regional, 1,4 para o Paraguai, recém aparece na 34ª posição no ranking internacional de vitimização juvenil. Mais ainda, cinco países da região aparecem com índices de vitimização negativos (abaixo da unidade), evidenciando maior proporção de mortes não-jovens.

Tabela 3.1.2: Número e taxas (em 100.000) de óbitos em acidentes de transporte para a população jovem, não-jovem e total e índice de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível.

País	Ano	Número de Óbitos			Taxas de Óbitos			Vitimização
		Jovem	Não- Jovem	Total	Jovem	Não- Jovem	Total	
África do Sul	2005	1.006	4.435	5.441	9,7	12,0	11,5	0,8
Albânia	2004	56	297	353	9,7	11,7	11,3	0,8
Alemanha	2004	1.517	4.570	6.087	15,7	6,3	7,4	2,5
Antígua e Barbuda	2002	0	3	3	0,0	4,6	3,8	0,0
Argentina	2004	712	3.034	3.746	10,8	9,4	9,7	1,1
Armênia	2003	20	179	199	3,3	6,9	6,2	0,5
Austrália	2003	450	1.318	1.768	16,5	7,7	8,9	2,1
Áustria	2006	167	559	726	16,4	7,7	8,8	2,1
Bermuda	2002	1	4	5	13,0	7,1	7,8	1,8
Brasil	2005	8.138	27.664	36.611	23,3	18,0	19,4	1,3
Bulgária	2004	142	842	984	13,3	12,5	12,6	1,1
Canadá	2004	728	2312	3040	16,7	8,4	9,5	2,0
Chile	2004	322	1.987	2.309	12,0	15,1	14,6	0,8
Singapura	2006	38	118	156	8,0	3,8	4,3	2,1
Colômbia	2005	1.176	4.982	6.158	15,4	14,0	14,3	1,1
Costa Rica	2005	115	482	597	14,7	14,9	14,9	1,0
Croácia	2005	135	503	638	23,1	13,0	14,4	1,8
Cuba	2005	173	1.144	1.317	10,8	11,8	11,6	0,9
Dominica	2003	1	4	5	7,7	6,8	7,0	1,1
El Salvador	2005	216	1.249	1.465	16,1	23,3	21,8	0,7
Equador	2005	440	1.938	2.378	16,7	18,1	17,8	0,9
Escócia	2005	83	218	301	12,6	4,9	5,9	2,6
Eslováquia	2005	130	634	764	15,2	14,0	14,2	1,1
Eslovênia	2006	69	224	293	26,6	12,8	14,6	2,1
Espanha	2005	925	3.971	4.896	17,7	10,4	11,3	1,7
Estônia	2005	37	166	203	17,6	14,6	15,1	1,2
Finlândia	2006	86	357	443	13,1	7,7	8,4	1,7
França	2005	1.416	3.961	5.377	18,0	7,5	8,8	2,4
Guiana Francesa	2005	8	33	41	25,8	20,6	21,5	1,2
Grécia	2006	365	1.437	1.802	27,9	14,6	16,2	1,9
Guadalupe	2005	11	52	63	18,6	13,7	14,4	1,4
Guatemala	2004	73	326	399	3,0	3,4	3,3	0,9
Guiana	2005	34	124	158	22,5	20,2	20,6	1,1
Holanda	2004	189	689	878	19,1	4,5	5,4	4,3
Hong Kong	2005	21	182	203	2,3	3,1	3,0	0,8
Hungria	2005	213	1.350	1.563	16,2	15,4	15,5	1,1
Ilha Reunião	2005	22	60	82	16,9	9,2	10,4	1,8
Ilhas Virgens	2003	1	7	8	6,8	7,4	7,3	0,9
Inglaterra e Gales	2005	788	2.201	2.989	11,3	4,7	5,6	2,4
Irlanda	2005	83	202	285	13,0	5,8	6,9	2,3
Irlanda do Norte	2005	68	107	175	26,9	7,3	10,1	3,7
Islândia	2005	8	12	20	18,5	4,8	6,8	3,9

(continua)

Tabela 3.1.2: Número e taxas (em 100.000) de óbitos em acidentes de transporte para a população jovem, não-jovem e total e índice de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível. (continuação)

País	Ano	Número de Óbitos			Taxas de Óbitos			Vitimização
		Jovem	Não- Jovem	Total	Jovem	Não- Jovem	Total	
Israel	2003	105	395	500	9,7	7,3	7,7	1,3
Itália	2003	1.294	5.516	6.810	21,0	10,7	11,8	2,0
Japão	2006	952	8096	9048	7,1	7,2	7,2	1,0
Kuwait	2002	97	274	371	27,5	13,6	15,7	2,0
Letônia	2005	90	397	487	25,0	20,5	21,2	1,2
Lituânia	2005	168	717	885	31,8	24,8	25,9	1,3
Luxemburgo	2005	10	36	46	18,9	8,9	10,1	2,1
Macedônia	2003	23	106	129	7,0	6,2	6,4	1,1
Malta	2005	8	10	18	13,7	2,9	4,5	4,7
Martinica	2005	12	32	44	21,1	9,4	11,1	2,2
México	2005	3.577	12.842	16.419	17,7	14,9	15,5	1,2
Moldávia	2006	103	401	504	14,9	13,9	14,1	1,1
Nicarágua	2005	125	403	528	10,5	9,4	9,7	1,1
Noruega	2005	68	219	287	12,0	5,4	6,2	2,2
Nova Zelândia	2004	155	367	522	26,5	10,5	12,8	2,5
Panamá	2004	89	323	412	15,9	12,7	13,3	1,2
Paraguai	2004	137	426	563	11,9	8,4	9,1	1,4
Polónia	2005	1.147	4.806	5.953	18,4	15,1	15,6	1,2
Porto Rico	2003	117	393	510	19,5	12,0	13,2	1,6
Portugal	2003	351	1.646	1.997	25,8	18,1	19,1	1,4
Quirguistão	2005	101	641	742	9,3	15,9	14,5	0,6
Reino Unido	2005	939	2.526	3.465	11,9	4,8	5,8	2,5
Rep. da Maurícia	2005	18	114	132	9,4	11,2	10,9	0,8
Rep. das Maldivas	2005	1	0	1	1,3	0,0	0,3	
Rep. da Coreia	2006	619	7203	7822	9,1	17,1	16,0	0,5
Rep. Dominicana	2004	282	949	1231	16,6	13,1	13,8	1,3
Rep. Tcheca	2005	260	1.001	1.261	19,1	11,3	12,3	1,7
Rodrigues	2005	1	0	1	12,3	0,0	2,7	
Romênia	2004	427	3.092	3.519	12,7	16,9	16,2	0,8
Santa Lúcia	2002	7	26	33	23,1	20,8	21,2	1,1
São Vicente e G.	2003	2	9	11	8,1	9,8	9,4	0,8
Sérvia	2006	121	768	889	12,6	11,9	12,0	1,1
Sérvia e Montenegro	2002	106	593	699	9,6	8,5	8,6	1,1
Suécia	2004	107	422	529	9,7	5,4	5,9	1,8
Tadjiquistão	2005	41	268	309	2,7	5,1	4,5	0,5
Tailândia	2002	3.872	9.566	13.438	36,6	18,4	21,5	2,0
Trinidade e Tobago	2002	37	142	179	16,0	16,3	16,2	1,0
Uruguai	2004	58	300	358	11,3	10,4	10,5	1,1
USA	2005	11.238	36.479	47.717	26,7	14,3	16,1	1,9
Uzbequistão	2005	323	2.070	2.393	5,6	10,1	9,1	0,6
Venezuela	2005	1.053	4.334	5.387	22,6	21,0	21,3	1,1

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 3.1.3: Ordenamento das taxas de óbito em acidentes de transporte juvenil e não-juvem e dos índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível.

TAXA DE ÓBITO TOTAL			TAXA DE ÓBITO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Lituânia	25,9	1º	Tailândia	36,6	1º	Malta	4,7	1º
El Salvador	21,8	2º	Lituânia	31,8	2º	Holanda	4,3	2º
Guiana Francesa	21,5	3º	Grécia	27,9	3º	Islândia	3,9	3º
Tailândia	21,5	4º	Kuwait	27,5	4º	Irlanda do Norte	3,7	4º
Venezuela	21,3	5º	Irlanda do Norte	26,9	5º	Escócia	2,6	5º
Santa Lúcia	21,2	6º	USA	26,7	6º	Nova Zelândia	2,5	6º
Letônia	21,2	7º	Eslovênia	26,6	7º	Alemanha	2,5	7º
Guiana	20,6	8º	Nova Zelândia	26,5	8º	Reino Unido	2,5	8º
Brasil	19,4	9º	Guiana Francesa	25,8	9º	França	2,4	9º
Portugal	19,1	10º	Portugal	25,8	10º	Inglaterra e Gales	2,4	10º
Equador	17,8	11º	Letônia	25,0	11º	Irlanda	2,3	11º
Trinidade e Tobago	16,2	12º	Brasil	23,3	12º	Martinica	2,2	12º
Romênia	16,2	13º	Santa Lúcia	23,1	13º	Noruega	2,2	13º
Grécia	16,2	14º	Croácia	23,1	14º	Austrália	2,1	14º
USA	16,1	15º	Venezuela	22,6	15º	Singapura	2,1	15º
Rep. da Coréia	16,0	16º	Guiana	22,5	16º	Áustria	2,1	16º
Kuwait	15,7	17º	Martinica	21,1	17º	Luxemburgo	2,1	17º
Polônia	15,6	18º	Itália	21,0	18º	Eslovênia	2,1	18º
Hungria	15,5	19º	Porto Rico	19,5	19º	Kuwait	2,0	19º
México	15,5	20º	Rep. Tcheca	19,1	20º	Canadá	2,0	20º
Estônia	15,1	21º	Holanda	19,1	21º	Tailândia	2,0	21º
Costa Rica	14,9	22º	Luxemburgo	18,9	22º	Itália	2,0	22º
Eslovênia	14,6	23º	Guadalupe	18,6	23º	Grécia	1,9	23º
Chile	14,6	24º	Islândia	18,5	24º	USA	1,9	24º
Quirguistão	14,5	25º	Polônia	18,4	25º	Ilha Reunião	1,8	25º
Guadalupe	14,4	26º	França	18,0	26º	Bermuda	1,8	26º
Croácia	14,4	27º	México	17,7	27º	Suécia	1,8	27º
Colômbia	14,3	28º	Espanha	17,7	28º	Croácia	1,8	28º
Eslováquia	14,2	29º	Estônia	17,6	29º	Espanha	1,7	29º
Moldávia	14,1	30º	Ilha Reunião	16,9	30º	Rep. Tcheca	1,7	30º
Rep. Dominicana	13,8	31º	Canadá	16,7	31º	Finlândia	1,7	31º
Panamá	13,3	32º	Equador	16,7	32º	Porto Rico	1,6	32º
Porto Rico	13,2	33º	Rep. Dominicana	16,6	33º	Portugal	1,4	33º
Nova Zelândia	12,8	34º	Austrália	16,5	34º	Paraguai	1,4	34º
Bulgária	12,6	35º	Áustria	16,4	35º	Guadalupe	1,4	35º
Rep. Tcheca	12,3	36º	Hungria	16,2	36º	Israel	1,3	36º
Sérvia	12,0	37º	El Salvador	16,1	37º	Brasil	1,3	37º
Itália	11,8	38º	Trinidade e Tobago	16,0	38º	Lituânia	1,3	38º
Cuba	11,6	39º	Panamá	15,9	39º	Rep. Dominicana	1,3	39º
África do Sul	11,5	40º	Alemanha	15,7	40º	Guiana Francesa	1,2	40º
Albânia	11,3	41º	Colômbia	15,4	41º	Panamá	1,2	41º
Espanha	11,3	42º	Eslováquia	15,2	42º	Polônia	1,2	42º
Martinica	11,1	43º	Moldávia	14,9	43º	Letônia	1,2	43º
Rep. da Maurícia	10,9	44º	Costa Rica	14,7	44º	Estônia	1,2	44º
Uruguai	10,5	45º	Malta	13,7	45º	México	1,2	45º

(continua)

Tabela 3.1.3: Ordenamento das taxas de óbito em acidentes de transporte juvenil e não-juvem e dos índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível. (continuação)

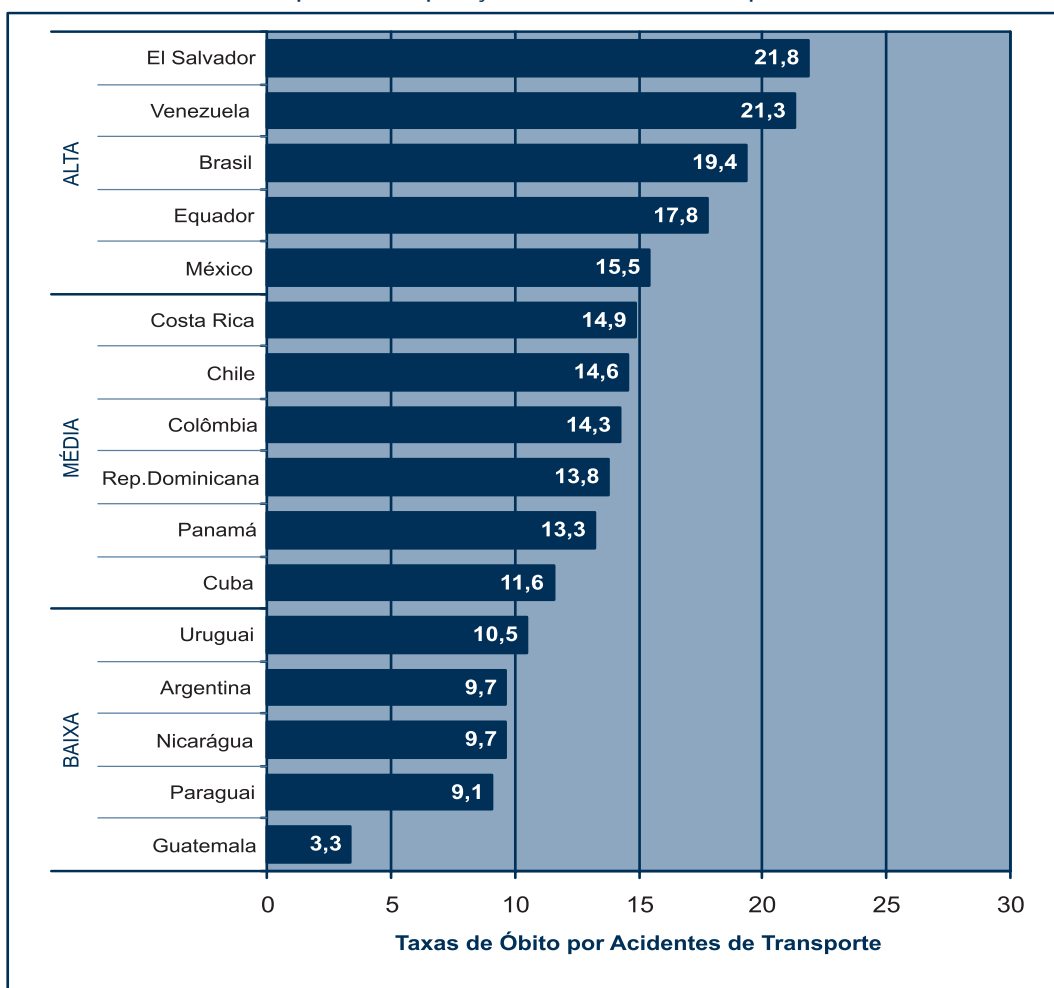
TAXA DE ÓBITO TOTAL			TAXA DE ÓBITO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Ilha Reunião	10,4	46º	Bulgária	13,3	46º	Argentina	1,1	46º
Irlanda do Norte	10,1	47º	Finlândia	13,1	47º	Sérvia e Montenegro	1,1	47º
Luxemburgo	10,1	48º	Bermuda	13,0	48º	Dominica	1,1	48º
Argentina	9,7	49º	Irlanda	13,0	49º	Macedônia	1,1	49º
Nicarágua	9,7	50º	Romênia	12,7	50º	Guiana	1,1	50º
Canadá	9,5	51º	Escócia	12,6	51º	Santa Lúcia	1,1	51º
São Vicente e G.	9,4	52º	Sérvia	12,6	52º	Nicarágua	1,1	52º
Uzbequistão	9,1	53º	Rodrigues	12,3	53º	Colômbia	1,1	53º
Paraguai	9,1	54º	Chile	12,0	54º	Uruguai	1,1	54º
Austrália	8,9	55º	Noruega	12,0	55º	Eslováquia	1,1	55º
França	8,8	56º	Reino Unido	11,9	56º	Venezuela	1,1	56º
Áustria	8,8	57º	Paraguai	11,9	57º	Moldávia	1,1	57º
Sérvia e Montenegro	8,6	58º	Inglaterra e Gales	11,3	58º	Bulgária	1,1	58º
Finlândia	8,4	59º	Uruguai	11,3	59º	Sérvia	1,1	59º
Bermuda	7,8	60º	Argentina	10,8	60º	Hungria	1,1	60º
Israel	7,7	61º	Cuba	10,8	61º	Costa Rica	1,0	61º
Alemanha	7,4	62º	Nicarágua	10,5	62º	Japão	1,0	62º
Ilhas Virgens	7,3	63º	Israel	9,7	63º	Trinidade e Tobago	1,0	63º
Japão	7,2	64º	África do Sul	9,7	64º	Equador	0,9	64º
Dominica	7,0	65º	Suécia	9,7	65º	Ilhas Virgens	0,9	65º
Irlanda	6,9	66º	Albânia	9,7	66º	Cuba	0,9	66º
Islândia	6,8	67º	Sérvia e Montenegro	9,6	67º	Guatemala	0,9	67º
Macedônia	6,4	68º	Rep. da Maurícia	9,4	68º	Rep. da Maurícia	0,8	68º
Noruega	6,2	69º	Quirguistão	9,3	69º	Albânia	0,8	69º
Armênia	6,2	70º	Rep. da Coréia	9,1	70º	São Vicente e G.	0,8	70º
Escócia	5,9	71º	São Vicente e G.	8,1	71º	África do Sul	0,8	71º
Suécia	5,9	72º	Singapura	8,0	72º	Chile	0,8	72º
Reino Unido	5,8	73º	Dominica	7,7	73º	Hong Kong	0,8	73º
Inglaterra e Gales	5,6	74º	Japão	7,1	74º	Romênia	0,8	74º
Holanda	5,4	75º	Macedônia	7,0	75º	El Salvador	0,7	75º
Tadjiquistão	4,5	76º	Ilhas Virgens	6,8	76º	Quirguistão	0,6	76º
Malta	4,5	77º	Uzbequistão	5,6	77º	Uzbequistão	0,6	77º
Singapura	4,3	78º	Armênia	3,3	78º	Rep. da Coréia	0,5	78º
Antígua e Barbuda	3,8	79º	Guatemala	3,0	79º	Tadjiquistão	0,5	79º
Guatemala	3,3	80º	Tadjiquistão	2,7	80º	Armênia	0,5	80º
Hong Kong	3,0	81º	Hong Kong	2,3	81º	Antígua e Barbuda	0,0	81º
Rodrigues	2,7	82º	Rep. das Maldivas	1,3	82º	Rep. das Maldivas		82º
Rep. das Maldivas	0,3	83º	Antígua e Barbuda	0,0	83º	Rodrigues		83º

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

3.2 - Mortalidade por acidentes de transporte na América Latina.

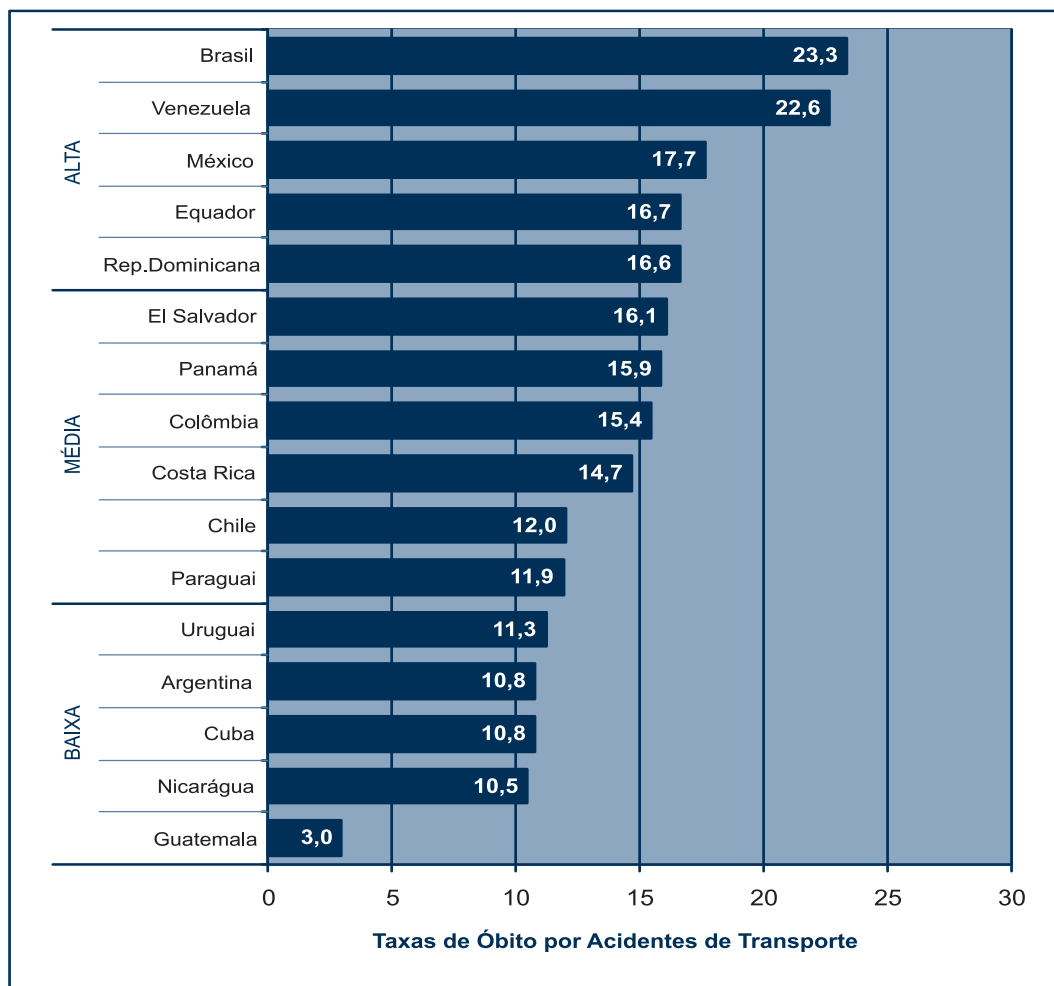
Os dois gráficos a seguir sintetizam os dados contidos nas tabelas anteriores, mas só para os países da América Latina. Categorizando as taxas, os dezesseis países foram divididos em três grupos com aproximadamente o mesmo número de integrantes cada um: os de taxas elevadas, médias e baixas, levando em conta só os níveis regionais.

Gráfico 3.2.1: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte na População Total. Último ano disponível.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 3.2.2: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte na População Jovem. Último ano disponível.



Fonte: Microdados *WHOSIS* e complementares (ver item 1.2)

As tabelas 3.2.1 a 3.2.3 detalham a evolução das taxas de óbito por acidentes de transporte para o período 1994/2005, segundo os dados disponibilizados pelo *WHOSIS*. A primeira tabela detalha a evolução dos óbitos na população total, a segunda na população jovem, e a 3.2.3 na população não-jovem. Essas tabelas permitem traçar um sintético perfil da evolução dos índices de óbito por acidentes de transporte de cada um dos países da região.

Tabela 3.2.1: Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte na População Total. Países de América Latina. 1994/2005

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Δ%
Argentina	13,1	11,7	11,6	11,6	13,1	12,6	11,0	11,2	9,5	9,8	9,7		-26,2
Brasil	18,3	20,3	21,4	21,2	18,1	17,3	16,8	17,3	18,3	18,3	19,1	19,4	5,6
Chile	12,7	12,0	12,4	12,8	13,3	11,0	14,5	13,4	13,0	14,7	14,6		14,6
Colômbia	17,6	19,7	18,3	19,0	22,3	19,6	18,6	17,9	17,2	16,1	15,3	14,3	-18,8
Costa Rica	17,5	16,1	12,8	16,6	17,5	18,4	18,8	17,9	18,9	16,4	15,8	14,9	-15,1
Cuba	22,9	21,4	19,9	19,5	18,1	15,6	15,3	14,4	13,3	11,5	11,4	11,6	-49,2
El Salvador		23,7	24,7	24,6	25,8	27,6	28,4	27,4	25,1	26,9	26,6	21,8	-7,8
Equador	16,9	16,1	15,0	17,1	17,3	14,8	16,3	15,0	15,3	15,4	14,1	17,8	5,4
Guatemala	4,4	5,1	4,3	5,0	4,7	2,9	3,6	3,0	3,1	3,2	3,3		-24,2
México	16,6	15,4	15,9	16,0	15,2	14,9	14,7	14,2	14,6	14,7	14,7	15,5	-6,9
Nicarágua	9,8		7,6	8,3	8,5	10,9	9,9	9,3	9,0	9,2	8,4	9,7	-1,3
Panamá			15,5	19,7	20,3	19,3	14,9	15,3	14,9	15,0	13,3		-14,2
Paraguai	8,6	9,6	9,1	10,0	8,3	9,1	7,3	8,7	6,5	8,2	9,1		6,1
Rep. Dominicana	11,3	12,2	12,3	15,1	15,9	17,9	14,7	13,9		15,5	13,8		21,8
Uruguai	13,5	14,2	13,4	16,4	15,0	14,3	10,9	11,6			10,5		-22,4
Venezuela	23,2		19,2	18,4	21,2	20,5	22,3	25,2	23,8	21,4	21,8	21,3	-8,3
América Latina	16,6	16,1	17,5	17,7	16,9	16,1	15,8	15,8	15,6	15,8	16,0	14,3	-13,4

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 3.2.2: Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte na População Jovem. Países de América Latina. 1994/2005

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Δ%
Argentina	16,3	15,1	14,8	13,7	16,7	15,1	12,7	13,5	11,0	10,0	10,8		-34,1
Brasil	19,9	21,3	22,9	23,0	19,6	19,3	18,7	19,3	21,6	21,4	22,8	23,3	17,4
Chile	12,2	12,3	11,9	13,1	12,3	8,8	11,9	10,2	11,4	12,2	12,0		-1,3
Colômbia	17,4	20,7	20,8	22,0	25,9	23,3	21,1	20,6	19,6	17,6	16,7	15,4	-11,3
Costa Rica	16,1	18,1	11,1	17,2	18,4	19,0	19,8	19,8	16,6	18,8	15,8	14,7	-8,3
Cuba	22,5	22,2	20,3	20,2	19,8	13,5	12,9	14,3	11,3	12,8	11,1	10,8	-52,3
El Salvador		22,6	23,0	21,4	23,7	23,1	24,7	23,1	22,0	22,0	19,0	16,1	-28,9
Equador	14,2	14,5	13,8	14,5	16,8	13,7	14,5	13,3	13,5	13,8	13,4	16,7	17,1
Guatemala	4,2	5,3	4,4	5,5	5,8	2,7	3,0	3,1	2,3	2,7	3,0		-29,7
México	18,2	16,8	16,7	17,3	15,8	16,1	15,7	15,3	16,4	16,3	16,7	17,7	-2,8
Nicarágua	9,2		6,4	8,3	8,5	12,0	9,8	9,8	8,9	8,6	9,3	10,5	14,0
Panamá			15,4	22,1	15,7	17,3	17,0	16,3	16,7	17,3	15,9		3,1
Paraguai	9,2	13,2	11,5	13,3	10,3	11,3	9,0	8,7	7,8	10,8	11,9		29,5
Rep. Dominicana	12,8	13,5	13,6	17,3	22,1	22,1	19,9	18,9		21,8	16,6		29,7
Uruguai	16,3	14,8	16,8	15,7	19,9	16,2	11,6	13,2			11,3		-30,8
Venezuela	27,8		20,5	19,4	22,7	22,9	26,2	29,6	28,6	25,1	24,7	22,6	-18,4
América Latina	17,9	17,2	18,9	19,3	18,4	17,7	17,2	17,4	17,7	17,7	18,2	16,5	-7,9

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

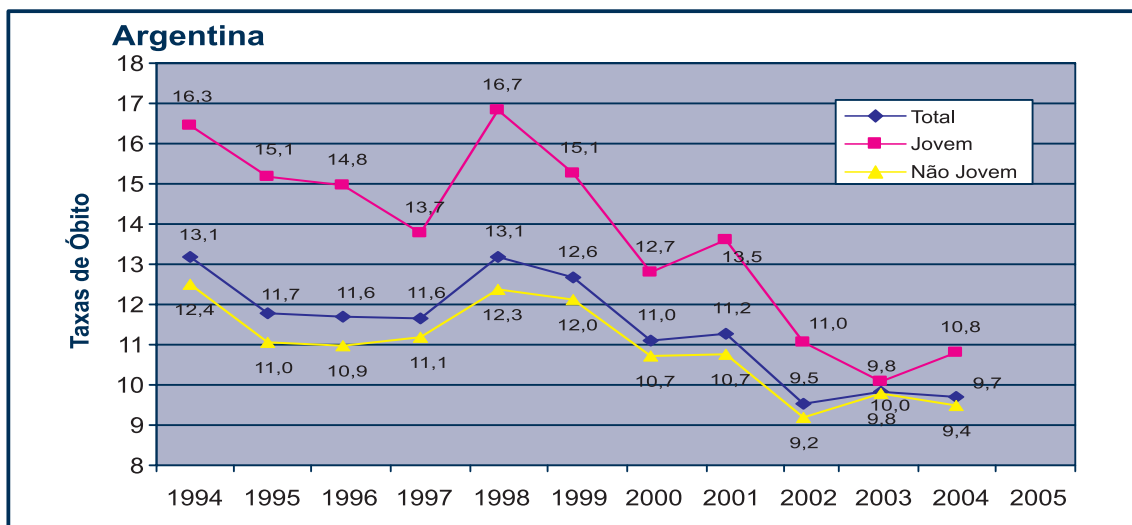
Tabela 3.2.3: Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte na População Não-Jovem. Países de América Latina. 1994/2005

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Δ%
Argentina	12,4	11,0	10,9	11,1	12,3	12,0	10,7	10,7	9,2	9,8	9,4		-24,1
Brasil	18,0	20,0	21,0	20,7	17,7	16,8	16,3	16,9	17,6	17,5	18,3	18,5	2,9
Chile	12,8	11,9	12,5	12,8	13,5	11,5	15,0	14,1	13,4	15,2	15,1		17,7
Colômbia	17,6	19,4	17,8	18,4	21,5	18,8	18,0	17,3	16,6	15,8	15,0	14,0	-20,4
Costa Rica	17,8	15,6	13,2	16,4	17,3	18,3	18,5	17,5	19,5	15,8	15,8	14,9	-16,5
Cuba	23,0	21,2	19,8	19,4	17,8	15,9	15,7	14,4	13,6	11,3	11,4	11,8	-48,7
El Salvador		23,9	25,1	25,5	26,4	28,8	29,4	28,5	26,0	28,1	28,5	23,3	-2,8
Equador	17,6	16,5	15,3	17,8	17,5	15,0	16,8	15,4	15,7	15,7	14,3	18,1	2,8
Guatemala	4,5	5,0	4,2	4,9	4,4	2,9	3,8	3,0	3,3	3,3	3,4		-22,8
México	16,2	15,1	15,7	15,6	15,0	14,6	14,5	13,9	14,2	14,4	14,3	14,9	-7,7
Nicarágua	9,9		8,0	8,2	8,4	10,6	9,9	9,1	9,1	9,4	8,2	9,4	-5,1
Panamá			15,5	19,1	21,3	19,7	14,4	15,1	14,5	14,5	12,7		-18,0
Paraguai	8,4	8,8	8,6	9,2	7,9	8,6	6,9	8,7	6,2	7,6	8,4		0,4
Rep. Dominicana	10,9	11,9	11,9	14,6	14,5	16,9	13,5	12,7	0,0	14,0	13,1		19,8
Uruguai	13,0	14,0	12,7	16,6	14,0	13,9	10,8	11,3	0,0	0,0	10,4		-20,2
Venezuela	22,1		18,9	18,2	20,8	20,0	21,3	24,1	22,6	20,6	21,2	21,0	-5,0
América Latina	16,2	15,8	17,2	17,4	16,6	15,7	15,4	15,5	15,1	15,3	15,5	13,9	-14,6

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

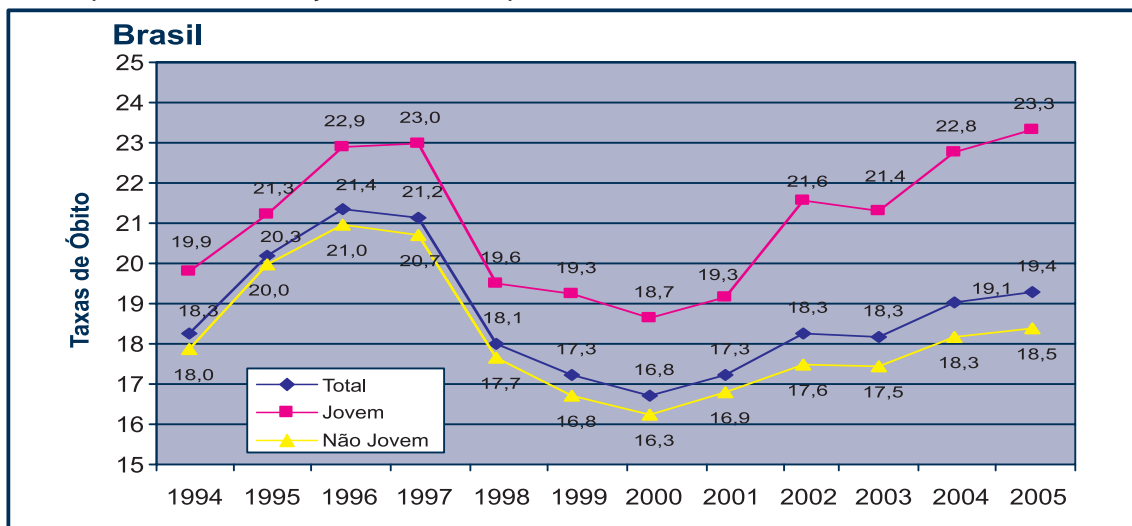
Argentina: Com níveis de mortalidade em acidentes de transporte relativamente baixos para o contexto regional, a Argentina, com suas taxas de 9,7 em 100 mil para a população total e de 10,8 para a jovem, ocupa a 13ª posição entre os dezesseis países estudados. O gráfico a seguir permite visualizar as significativas quedas experimentadas desde o início do período analisado. Com algumas oscilações, como por exemplo, o brusco aumento em 1998. Mas a tendência geral do período foi de marcada queda entre os anos extremos da série:

- -26,2% para a população total;
- -34,1% para a jovem; e
- -24,1% para a não-jovem.



Com o ritmo maior de queda nas taxas jovens, os índices de vitimização juvenil também tendem a cair drasticamente, quase emparelhando com o não-jovem no final do período analisado.

Brasil: Apresenta taxas de mortalidade relativamente elevadas para a região: 19,4 em 100 mil para a população total e 23,3 para a jovem. Isso localiza o Brasil no terceiro lugar nos índices totais e no primeiro quando se trata de jovens entre os países da América Latina.



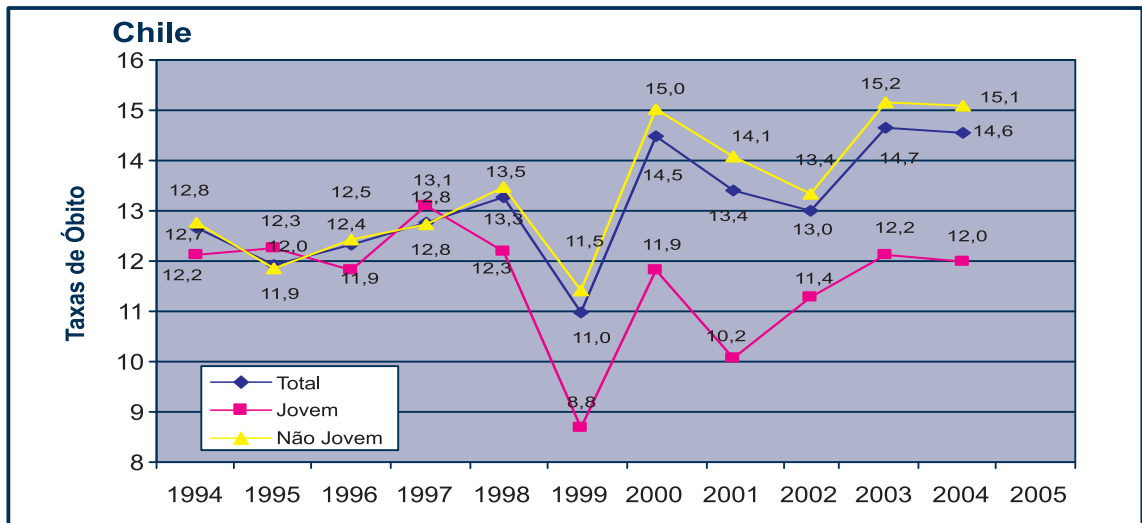
Ao longo do período analisado, o crescimento das taxas teve uma drástica inflexão em 1997 ocasionada por uma nova Lei de Trânsito. Mas a partir de 2000 o crescimento recobrou seu fôlego, pelo que cresceram no período:

- 5,6% as taxas totais;
- 17,4% as jovens; e
- 2,9% as não-jovens.

Com isso, cresce de forma leve a vitimização juvenil chegando, em 2005, a 30%.

Chile: Suas taxas intermediárias – 14,6 mortes no total e 12 no juvenil – localizam-no na 7ª posição no total e na 10ª no juvenil no contexto regional. Com uma evolução muito oscilante, cresce seu índice total, impulsionado pelo aumento das taxas não-jovem, enquanto a jovem permanece praticamente estagnada.

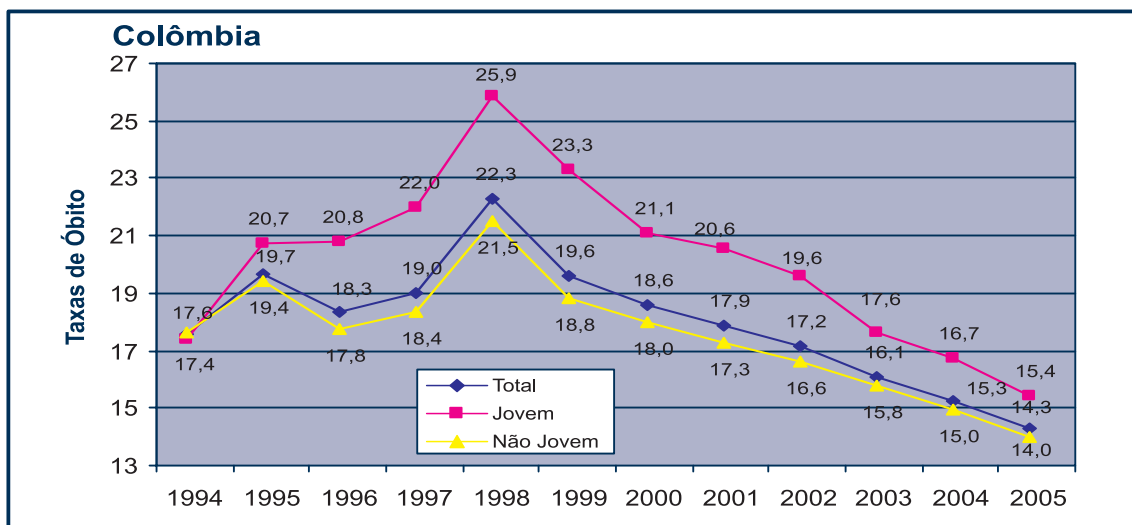
- A taxa total cresce 14,6%;
- a não-jovem 17,7%; e
- a jovem –1,3%.



Com isso, seu índice de vitimização de 0,8 aponta que é maior a taxa não-jovem do que a jovem.

Colômbia: Taxas de 14,3 no total e 15,4 no juvenil fazem a Colômbia ocupar o 8º lugar no contexto dos dezesseis países da América Latina estudados. A evolução recente registra dois momentos: o primeiro, de 1994 a 1998, com uma tendência de crescimento, principalmente nos óbitos juvenis. O segundo momento, de 1999 até 2005, de sucessivas quedas. Mas, no saldo do período, as quedas foram acentuadas:

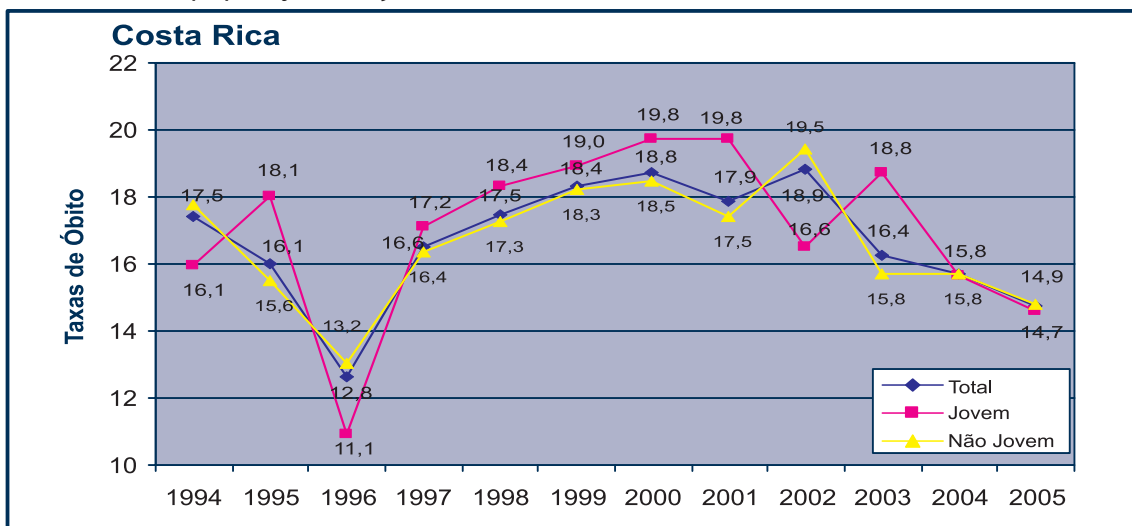
- -18,8% nas mortes totais;
- -11,3% nas juvenis; e
- -20,4% nas mortes não-jovens.



Com isso, os índices de vitimização juvenil, que foram bem maiores no fim da década passada, foram reduzidos para 10%.

Costa Rica: Com índices muito semelhantes na população total e na jovem: 14,9 e 14,7 mortes em acidentes de transporte em 100 mil, a Costa Rica ocupa a 6ª e a 9ª posição, respectivamente, entre os dezesseis países da região. Com oscilações ao longo do período analisado, Costa Rica evidencia uma tendência de queda entre as datas extremas:

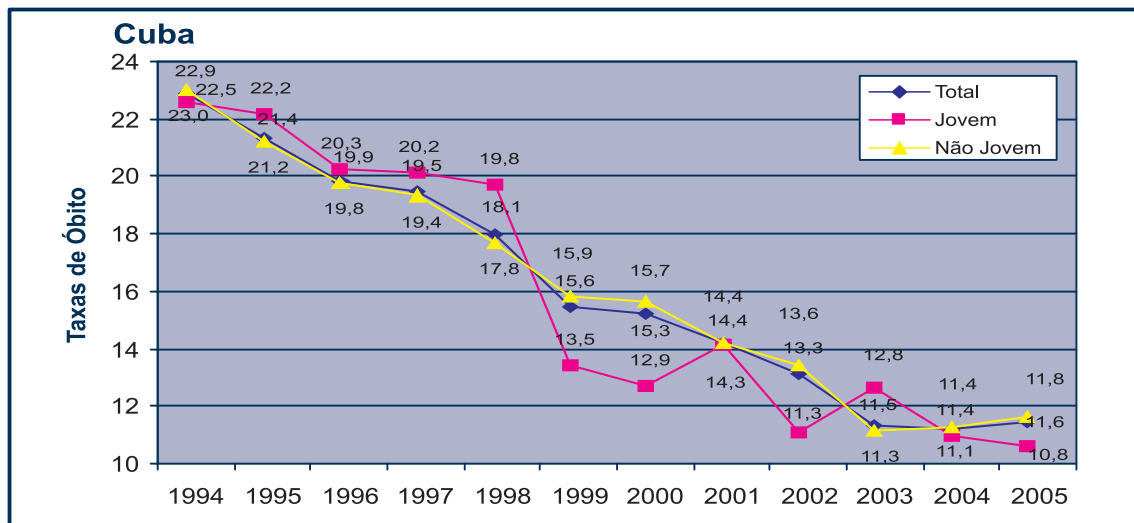
- -15,1 na população total;
- -8,3 na população jovem; e
- -16,5 na população não-jovem.



Com essa evolução, as taxas ficaram praticamente emparelhadas para o final do período.

Cuba: Evidencia contínuas e sistemáticas quedas de seus índices ao longo de todo o período analisado. Assim, já em 2005, com taxas de 11,6 para a população total e 10,8 para a jovem, ocupa a 11ª e a 14ª posição entre os dezesseis países da região. As significativas quedas no período cortaram os índices praticamente pela metade:

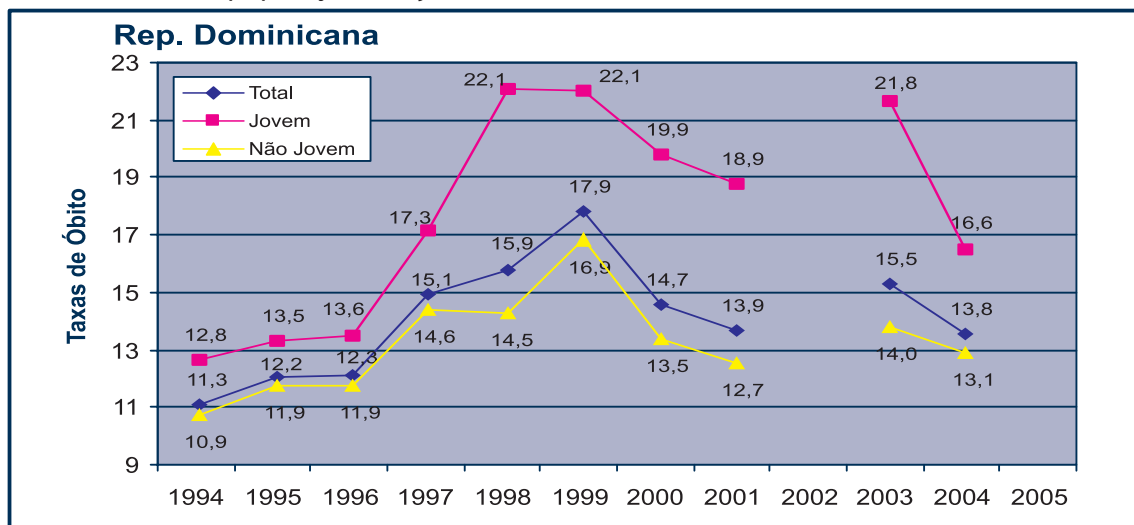
- -49,2% no total;
- -52,3% no juvenil; e
- -48,7% no não-jovem.



República Dominicana: Se a taxa de mortes em acidentes de transporte – 13,8 em 100 mil – pode ser considerada intermediária no contexto regional – ocupa a 9ª posição – a juvenil pode ser considerada elevada: com 16,6 mortes jovens em 100 mil, localiza-se na 5ª posição.

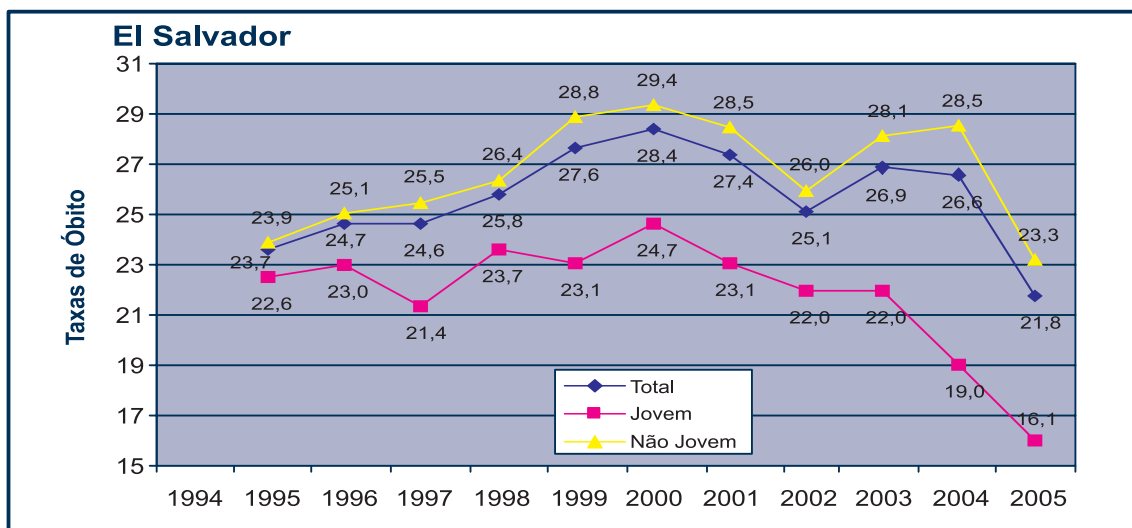
Apesar das fortes oscilações, a tendência geral do período foi de crescimento das taxas:

- 13,8% a taxa da população total;
- 16,6% a da população jovem; e
- 13,1% a da população não-jovem.



Esse maior crescimento da taxa jovem elevou seu índice de vitimização juvenil para 1,3. Isto é, morrem proporcionalmente algo em torno de 30% mais jovens do que não-jovens.

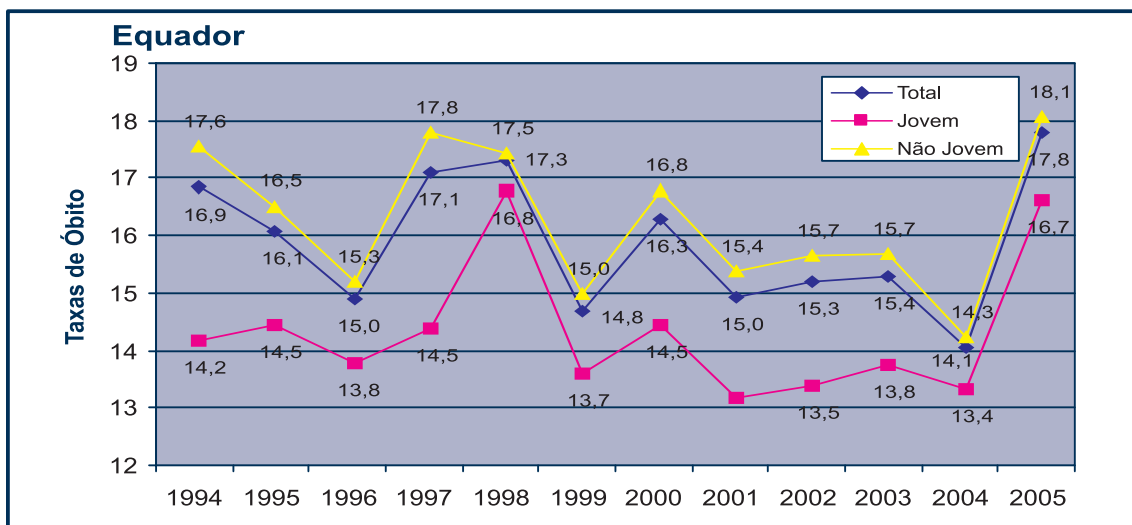
El Salvador: As mortes por acidentes de transporte do país são elevadas: 21,8 em 100 mil habitantes convertem o país no segundo maior índice no contexto internacional e no primeiro na América Latina. Já as taxas juvenis são bem menos relevantes: 16,1 em 100 mil jovens, pelo que ocupa a 37ª posição entre os países estudados, sendo sua taxa de vitimização uma das mais baixas no nível internacional, ocupando a posição 75. Se as taxas cresceram no período 1995/2000, a partir dessa data os índices juvenis caem drasticamente, mas os dos não-jovens, com tendência de queda, sofrem fortes oscilações.



Equador: Com taxas relativamente elevadas na população total, de 17,8 e de 16,7 para a jovem, o Equador ocupa a 4ª posição no contexto regional.

Vemos, pelo gráfico, que a tendência geral de queda ao longo do tempo, foi bruscamente interrompida no último ano, com aumentos fortes nos índices. Dessa forma, entre 1994 e 2005, as taxas crescem:

- 5,4% na população total;
- 17,1% na população jovem; e
- 2,8% na população não-jovem.

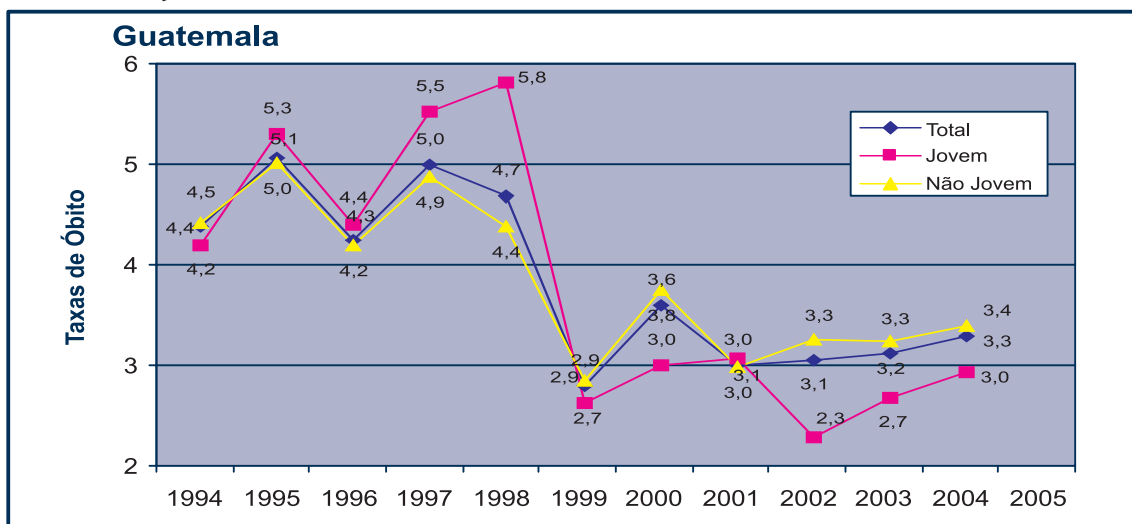


Apesar do maior crescimento das taxas juvenis, ainda são menores do que as taxas não- jovens (índice de vitimização juvenil de 0,9).

Guatemala: Apresenta os menores índices de óbito por acidentes de transporte da América Latina, com taxas de aproximadamente 3 mortes para cada 100 mil indivíduos. Se até 1998 a tendência foi de aumento, especialmente na população jovem, a partir dessa data registram-se quedas, às vezes muito acentuadas, como a do ano de 1998.

Ao longo do período, todas as taxas caem:

- a total 24,2%;
- a juvenil 29,7%;
- a não-jovem 22,8%.

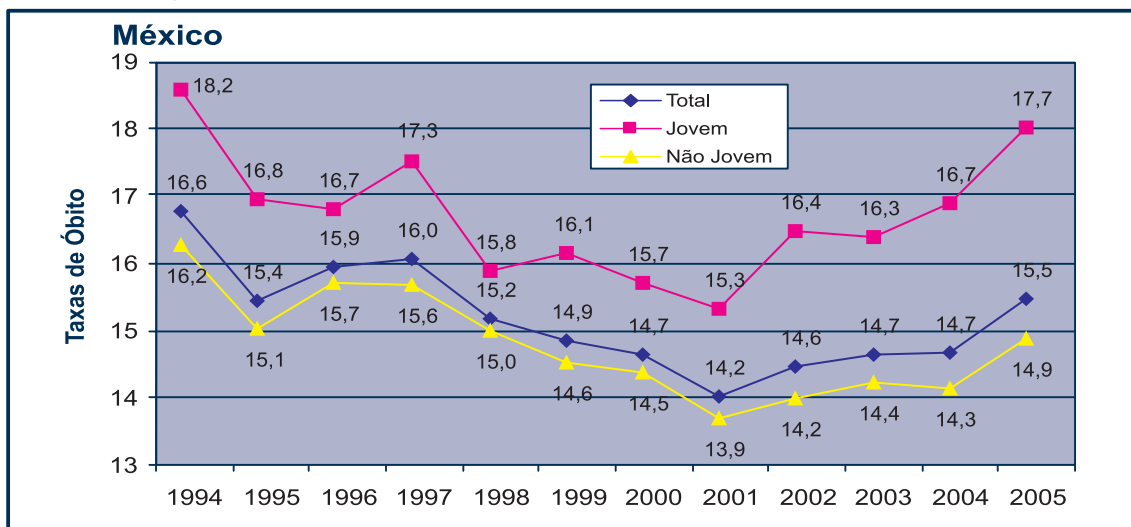


As taxas jovens são menores que as não-jovens, pelo que podemos dizer que não existe, nessa entrada, vitimização juvenil.

México: O México encontra-se no grupo de países de índices elevados para o contexto regional. Com sua taxa total de 15,5 óbitos por 100 mil habitantes está em quinto lugar entre os 16 países da região, e sua taxa juvenil de 17,7 em 100 mil jovens a localiza no terceiro lugar.

Na evolução recente das taxas, podem ser reconhecidos dois períodos claros: o primeiro que vai até o ano de 2001, com uma tendência decrescente nas taxas, e o segundo, de 2001 até 2005 com taxas em ascendente, especialmente as juvenis. O crescimento do período pode ser assim sintetizado:

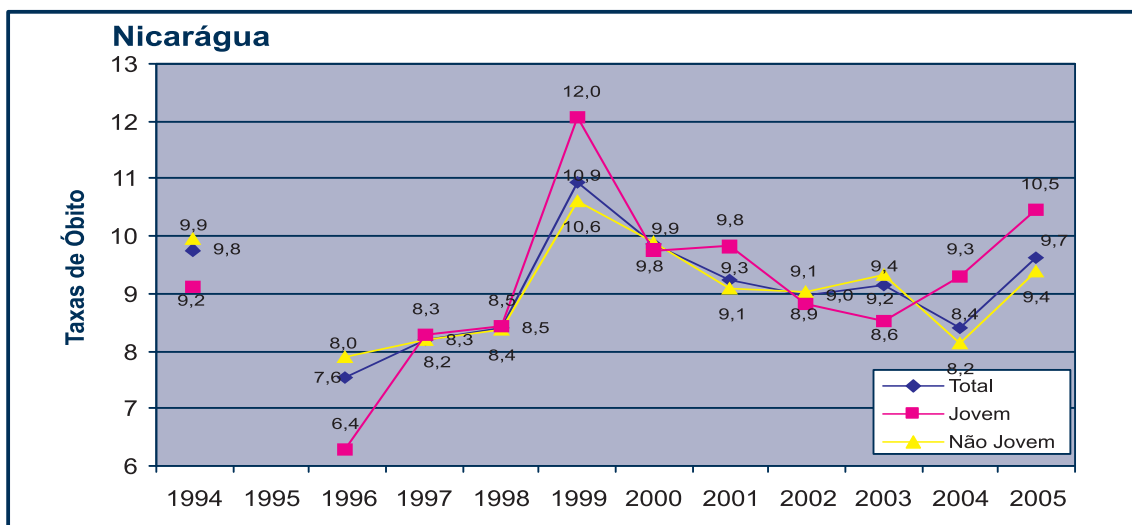
- as taxas totais caem 6,9%;
- as juvenis caem 2,8%;
- as não-juvens caem 7,7%.



A vitimização juvenil, nesse caso, eleva-se a 18%.

Nicarágua: As informações disponíveis indicam que, se as taxas totais e as não-juvens tiveram uma leve queda, as juvenis experimentaram um incremento mais que moderado no período.

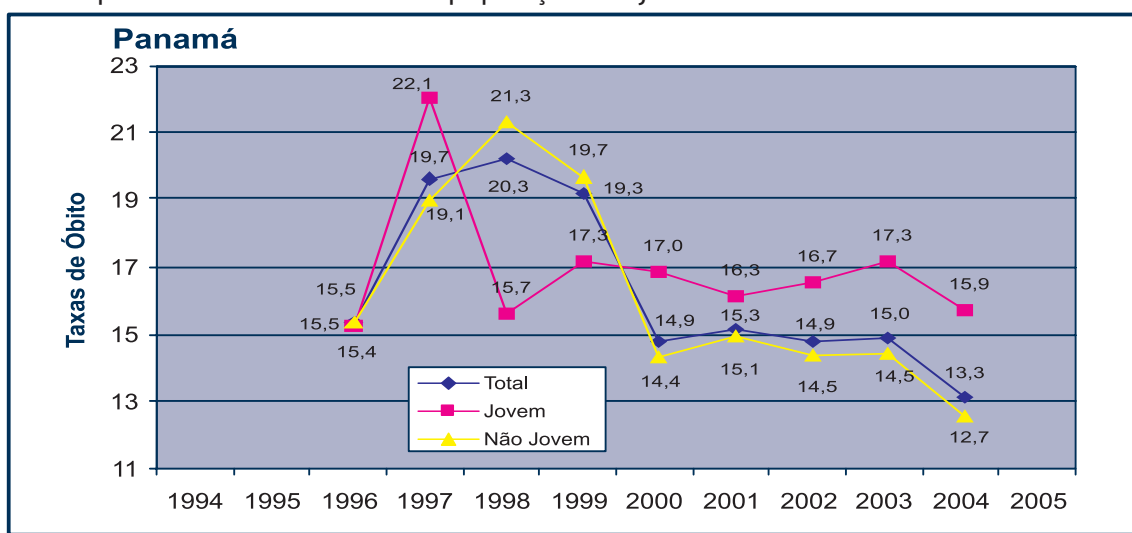
- As taxas totais caem 1,3%.
- As juvenis aumentam 14%.
- As não-juvens caem 5,1%



Mas as taxas são ainda relativamente baixas para o contexto regional: as da população total – 9,7 em 100 mil habitantes – localizam o país na 14ª posição regional e a juvenil, de 10,5, na 15ª posição entre os dezesseis países analisados. Os índices de vitimização juvenil são baixos: em torno de 10%.

Panamá: A taxa do Panamá de 13,3 mortes em acidentes de transporte na população total a localiza no grupo intermediário, na 10ª posição. Já a taxa juvenil, de 15,5 em 100 mil faz o país ocupar a 7ª posição na região. De evolução extremamente oscilante, teve fortes aumentos e fortes quedas no período 1996-2000 e, a partir dessa data, uma leve tendência de queda. Computando só os anos extremos do país: 1996-2004 teríamos:

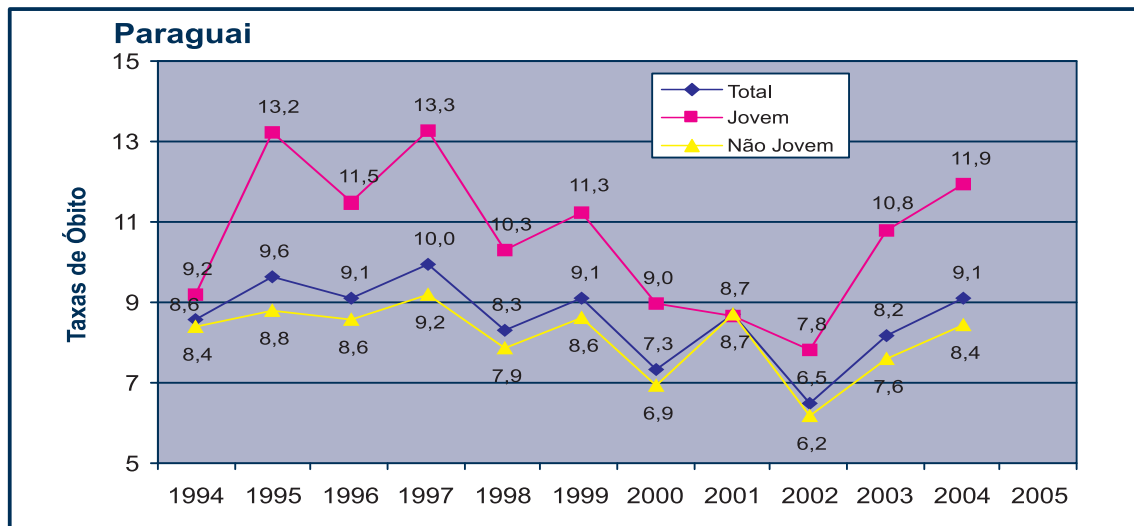
- queda de 14,2% nos índices totais;
- aumento de 3,1% nos índices juvenis;
- queda de 18% nos índices da população não-jovem.



Esse forte diferencial de evolução entre as taxas juvenis e as não-jovens já nos permite inferir a existência de vitimização juvenil. Efetivamente, as estimativas indicam que é da ordem de 25%, isto é, que proporcionalmente morrem 25% mais de jovens do que não-jovens, vítimas de acidentes de transporte.

Paraguai: Com taxas relativamente baixas, o Paraguai ocupa a 15ª posição entre os dezesseis países da região quando o índice é da população geral. Quando se trata da população jovem, com seu índice de 11,9 vítimas a cada 100 mil jovens, o Paraguai entra na zona dos países de taxas intermediárias, ocupando a 11ª posição. Isso já nos está a indicar que os níveis de vitimização juvenil nos acidentes de transporte são elevados. Efetivamente, verificamos que proporcionalmente morrem 41% mais jovens que não-jovens, o que representa a maior taxa de vitimização juvenil da região. Isso tem a ver com a evolução de suas taxas. Partindo de níveis mais ou menos equivalentes em 1994:

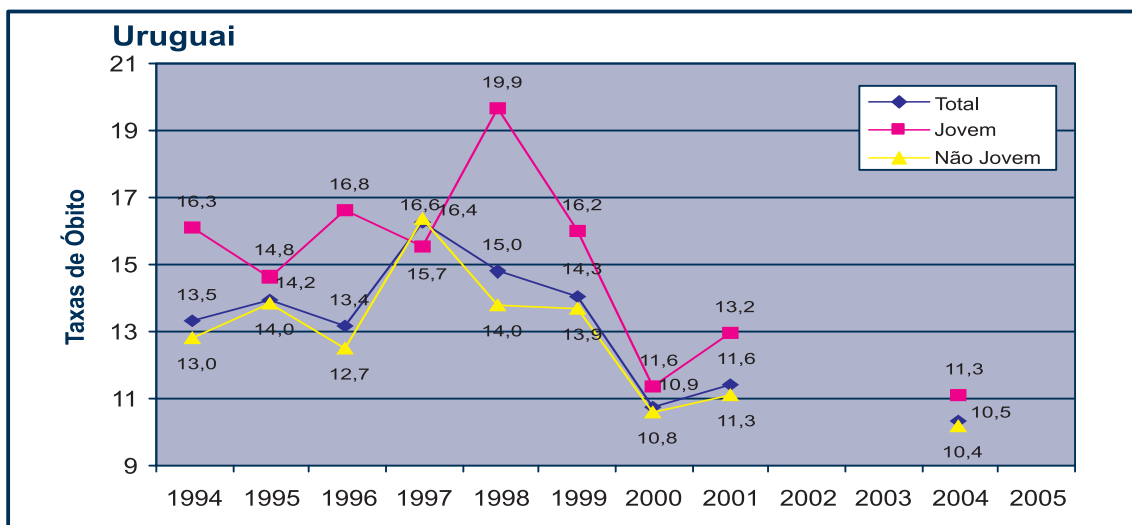
- as taxas totais cresceram 6,1%;
- as taxas juvenis 29,5%;
- as não-jovens 0,4%.



Uruguai: Com taxas de 10,5 para a população total e de 11,3 para a população jovem, o Uruguai alinha-se com os países de índices baixos, na 12ª posição regional.

É um país que a partir de uma situação relativamente instável na evolução de suas taxas, com tendência ao crescimento, viu despencar seus índices no lapso de dois anos: de 1998 a 2000, mantendo-se mais ou menos constantes desde então. Dessa forma, todas as taxas manifestam quedas relativamente significativas.

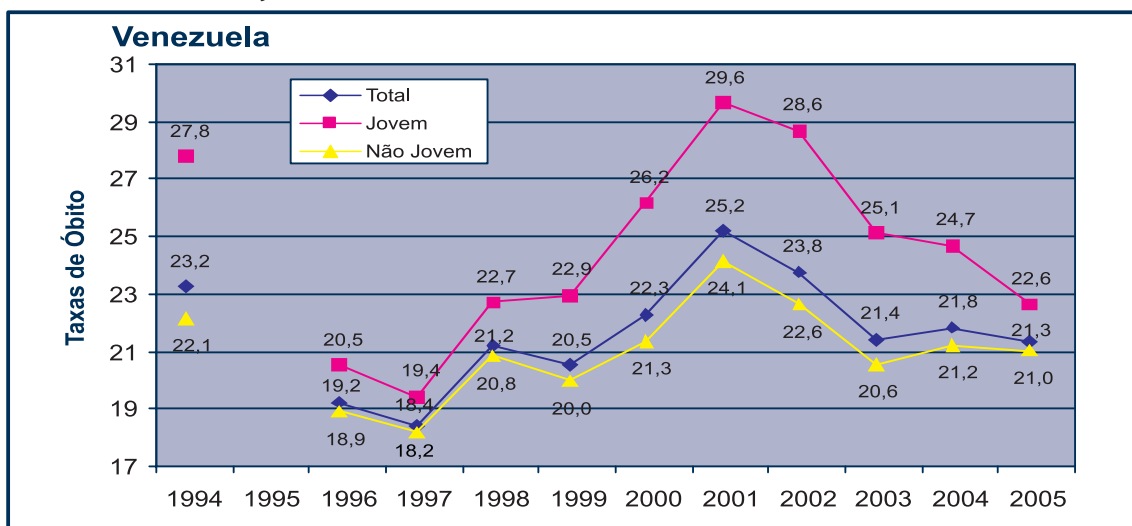
- 22,4% as da população total;
- 30,8 a juvenil; e
- 20,2 a não-jovem.



Essas quedas juvenis determinaram que os índices de vitimização juvenil fossem praticamente inexistentes: 1,1.

Venezuela: A evolução das taxas da Venezuela apresenta três momentos marcados. O primeiro, entre 1994 e 1997, de fortes quedas. O segundo, de forte aumento, entre 1997 e 2001, e um terceiro, a partir dessa data, quando voltam a se registrar quedas significativas. Mas no balanço entre as datas extremas – 1994 e 2005 –, registram-se leves quedas:

- de 8,3% na população total;
- de 18,4% na jovem;
- de 5% na não-jovem.



Essa queda maior nas taxas juvenis faz reduzir também o índice de vitimização que, para 2005, foi de 16%.

Ainda assim, as taxas de mortalidade do país são elevadas: a de 21,3 para a população total e a de 22,6 para a jovem o localizam no segundo lugar no ranking regional.

3.3 - Análise sintética da América Latina.

O quadro 3.3.1 sintetiza a situação e evolução dos diversos indicadores abordados no presente capítulo, tentando verificar a existência de padrões ou pautas na situação e a evolução recente dos índices de mortalidade no transporte. Também neste capítulo dividiremos os países em três grupos: de índices altos, médios e baixos, tomando como referência os níveis regionais. Seguindo esse critério regionalizado, temos um número mais ou menos aproximado de países em cada um dos três grupos.

Isso nos leva diretamente às modalidades de evolução das taxas, que apresentam algumas características dignas de menção.

- Em onze dos dezesseis países aconteceram quedas na mortalidade por acidentes de transporte e, em alguns casos, bem significativas, como os de Cuba, Argentina, Guatemala e Uruguai, onde as quedas superaram o patamar de 20%.

Quadro 3.3.1 - Síntese da Situação e Evolução dos Índices de Óbitos em Acidentes de Transporte.

Países da América Latina

País	Período	Taxas de Óbito*						Crescimento**						Vitimização Juvenil	Situação
		Total	Situação	Jovem	Situação	Não-Jovem	Situação	Total	Situação	Jovem	Situação	Não-Jovem	Situação		
Argentina	1994/2005	9,7	↓	10,8	↓	9,4	↓	-26,2	↓	-34,1	↓	-24,1	↓	1,1	↔
Brasil	1994/2005	19,1	↑	23,3	↑	18,5	↑	5,6	↔	17,1	↔	2,9	↔	1,3	↑
Chile	1994/2004	14,6	↔	12,0	↔	15,1	↑	14,6	↔	-1,3	↓	17,7	↔	0,8	↓
Colômbia	1994/2005	14,3	↔	15,4	↔	14,0	↔	-18,8	↓	-11,3	↓	-20,4	↓	1,1	↔
Costa Rica	1994/2005	14,9	↔	14,7	↔	14,9	↔	-15,1	↓	-8,3	↓	-16,5	↓	1,0	↔
Cuba	1995/2005	11,6	↔	10,8	↓	11,8	↔	19,2	↓	52,3	↓	-48,7	↓	0,9	↓
El Salvador	Argentina	21,8	↑	16,1	↔	23,3	↑	-7,8	↓	-28,9	↓	-2,8	↓	0,7	↓
Equador	1994/2005	17,8	↑	16,7	↑	18,1	↑	5,4	↔	17,1	↔	2,8	↔	0,9	↓
Guatemala	1994/2005	3,3	↓	3,0	↓	3,4	↓	-24,2	↓	-29,7	↓	-22,8	↓	0,9	↓
México	1994/2005	15,5	↑	17,7	↑	11,9	↔	6,9	↓	2,8	↓	-7,7	↓	1,2	↑
Nicarágua	1994/2005	9,7	↓	10,5	↓	9,4	↓	-1,3	↓	14,0	↔	-5,1	↓	1,1	↔
Panamá	1996/2004	13,3	↔	15,9	↔	12,7	↔	-14,2	↓	3,1	↔	-18,0	↓	1,2	↑
Paraguai	1994/2004	9,1	↓	11,9	↔	8,4	↓	6,1	↔	29,5	↑	0,4	↔	1,4	↑
Rep. Dominicana	1994/2004	13,8	↔	16,9	↑	13,1	↔	21,8	↑	29,7	↑	19,8	↔	1,3	↑
Uruguai	1994/2004	10,5	↓	11,3	↓	10,4	↓	-22,4	↓	-30,8	↓	-20,2	↓	1,1	↔
Venezuela	1994/2005	21,3	↑	22,6	↑	21,0	↑	-8,3	↓	-18,4	↓	-5,0	↓	1,1	↔
* Último ano disponível		Taxa Alta		↑		Crescimento Alto		↑		Alta		↑			
** entre o ano inicial e o ano final disponível		Taxa Média		↔		Crescimento Baixo		↔		Média		↔			
		Taxa Baixa		↓		Crescimento Negativo		↓		Baixa		↓			

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

- Com aumento acima de 20%, só se registra um caso: o da República Dominicana.
- Isso permite indicar uma tendência geral de queda na mortalidade por acidentes de transporte na região que, segundo os dados disponíveis, foi da ordem de 13,9% para a população total, entre as datas extremas das séries. Já entre os jovens, essa queda foi menor: 7,4%.
- Os níveis de vitimização juvenil neste capítulo de mortalidade são relativamente baixos: só três países superam a faixa de 30%. Enquanto em cinco países os índices de mortalidade não-jovem são superiores aos juvenis

3.4 - Fatores explicativos.

Diferentemente do acontecido com o caso dos homicídios, não foram encontradas associações muito expressivas na rubrica da mortalidade por acidentes de transporte.

Pela Tabela 3.4.1 podemos verificar que existem fortes diferenças entre a população jovem e o resto da população, mas, em geral, os coeficientes explicativos são muito baixos.

Tabela 3.4.1: Coeficientes de Correlação e de Determinação das Taxas de Óbito em Acidentes de Transporte da População Total, Jovem e Não-Jovem com Indicadores Selecionados. 70 Países.

Correlação de Taxas de Homicídio com:	Coef. r de Pearson			Coef. de Determinação r ²		
	Jovem	Não-Jovem	Total	Jovem	Não-Jovem	Total
Índice de Desenvolvimento Humano-IDH	0,273	-0,086	-0,025	7,4%	0,7%	0,1%
Esperança de vida à nascença (anos)	0,166	-0,152	-0,101	2,7%	2,3%	1,0%
Taxa de alfabetização de adultos	0,120	0,067	0,078	1,4%	0,5%	0,6%
Taxa de escolarização bruta combinada	0,248	-0,077	-0,024	6,1%	0,6%	0,1%
PIB <i>per capita</i> (Dólares PPC)	0,194	-0,323	-0,247	3,8%	10,4%	6,1%
Índice de Esperança de Vida	0,166	-0,152	-0,101	2,7%	2,3%	1,0%
Índice de Educação	0,245	0,106	0,135	6,0%	1,1%	1,8%
Índice de Renda	0,296	-0,158	-0,081	8,7%	2,5%	0,7%
Relação 10% mais ricos/10% mais pobres	-0,130	0,106	0,076	1,7%	1,1%	0,6%
Índice Gini	-0,095	0,140	0,115	0,9%	2,0%	1,3%

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

4. SUICÍDIOS

No presente capítulo deverão ser abordados, em primeiro termo, os quantitativos de suicídios nos diversos países, visando verificar o comportamento da América Latina no contexto internacional. Em seguida deverá ser feita uma análise específica da situação e evolução recente dos suicídios nos países da região para os quais temos séries de dados disponíveis e, com esses dados, verificar a existência de associações que permitam explicar as variações nas taxas de suicídio.

4.1 - Suicídios no contexto internacional.

Nas tabelas a seguir é detalhada a situação de 83 países, dentre os quais, dezesseis da América Latina, para os quais a OMS, através de seu sistema de informações, disponibilizou os dados de causas de mortalidade.

Na primeira das tabelas sintetiza-se a situação das taxas de suicídio nos continentes/regiões. Na segunda, informa-se o número de suicídios, desagregando os dados por faixa etária: jovem, não-jovem e total, para cada país. Também são apresentadas as taxas de suicídio – relacionando o número de incidentes em cada 100 mil habitantes, além dos índices de vitimização, resultado da relação entre a taxa de suicídios jovem e a taxa não-jovem.

Os países da América Latina, para melhor visualização, foram destacados com a cor amarela na listagem.

Já a terceira tabela apresenta três séries de dados: taxas de suicídio total, taxas de suicídio juvenil e índices de vitimização. Nessas tabelas, os países se encontram ordenados segundo suas taxas ou índices.

Vários fatos nessas tabelas chamam imediatamente a atenção.

- A situação da região, na rubrica dos suicídios, é relativamente excepcional. Por um lado, pelos baixos níveis: a taxa total de 5,2 suicídios em 100 mil habitantes só não é menor que a africana, sendo que as da Europa, da América do Norte, da Ásia e da Oceania mais que duplicam esse índice.

- Mas, por outro, os índices de vitimização juvenil que a região apresenta são extremamente elevados: seu índice de 1,45, evidencia que as taxas de suicídio juvenis, 45% superiores às não-jovens, nem se comparam com as restantes regiões do planeta. Inclusive, em várias áreas, como Ásia e a Europa, o suicídio apresenta-se como fenômeno específico dos não-jovens e, mais diretamente da idade adulta. Só na América Latina parecem vigorar taxas de suicídios juvenil bem maiores que as do restante da população.
- Evidência das baixas taxas de suicídio é o fato de que, dentre os 83 países analisados, o de maior taxa de suicídios da região, o Uruguai, com 15,5 suicídios em 100 mil habitantes, localiza-se só na 18ª posição. O segundo regional, Cuba, encontra-se na posição 27.
- Mas, confirmando os elevados níveis de suicídios que acontecem entre os jovens, temos que, entre os dez países com maiores taxas de suicídio juvenil, dois são da América Latina: Nicarágua e Uruguai e, entre os vinte de maior índice de suicídio, seis são da região.

Tabela 4.1.1: Taxas de Suicídio e Índices de Vitimização Juvenil segundo faixa etária e regiões do mundo.

Região	População			Vitimização Juvenil
	Jovem	Não-Jovem	Total	
África	1,3	1,3	1,3	1,02
América do Norte	10,1	11,2	11,0	0,90
América Latina	6,8	4,7	5,2	1,45
Ásia	9,6	17,7	16,6	0,54
Caribe	8,0	8,2	8,2	0,98
Europa	6,7	12,5	11,8	0,53
Oceania	12,2	10,9	11,0	1,12

Fonte: Microdados WHOSIS

Isso leva à evidência dos elevados níveis de vitimização juvenil vigentes. Entre os dez países do mundo com maiores índices de vitimização juvenil, sete são da América Latina, e nos sete as vítimas jovens, proporcionalmente, mais que duplicam as não-jovens, num mundo onde o suicídio aparece mais como saída de adulto do que da juventude.

Tabela 4.1.2: Número e taxas de suicídio (em 100.000) para a população jovem, não-jovem e total e índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível.

País	Ano	Número de Suicídios			Taxas de Suicídios			Vitimização
		Jovem	Não- Jovem	Total	Jovem	Não- Jovem	Total	
África do Sul	2005	120	340	460	1,2	0,9	1,0	1,3
Albânia	2004	39	107	146	6,7	4,2	4,7	1,6
Alemanha	2004	647	10.086	10.733	6,7	13,8	13,0	0,5
Antígua e Barbuda	2002	0	0	0	0,0	0,0	0,0	
Argentina	2004	813	2.321	3.134	12,3	7,2	8,1	1,7
Armênia	2003	1	58	59	0,2	2,2	1,8	0,1
Austrália	2003	291	1.864	2.155	10,7	10,9	10,8	1,0
Áustria	2006	93	1.200	1.293	9,1	16,5	15,6	0,6
Bermuda	2002	0	3	3	0,0	5,3	4,7	0,0
Brasil	2005	1.652	6.337	8.550	4,7	4,1	4,5	1,2
Bulgária	2004	52	961	1013	4,9	14,3	13,0	0,3
Canadá	2004	480	3.133	3.613	11,0	11,3	11,3	1,0
Chile	2004	354	1.381	1.735	13,2	10,5	11,0	1,3
Singapura	2006	18	354	372	3,8	11,3	10,3	0,3
Colômbia	2005	742	1.378	2.120	9,7	3,9	4,9	2,5
Costa Rica	2005	58	216	274	7,4	6,7	6,8	1,1
Croácia	2005	48	827	875	8,2	21,4	19,7	0,4
Cuba	2005	91	1.305	1.396	5,7	13,4	12,3	0,4
Dominica	2003	1	1	2	7,7	1,7	2,8	4,5
El Salvador	2005	168	289	457	12,5	5,4	6,8	2,3
Equador	2005	346	597	943	13,1	5,6	7,1	2,4
Escócia	2005	77	470	547	11,7	10,6	10,7	1,1
Eslováquia	2005	64	614	678	7,5	13,5	12,6	0,6
Eslovênia	2006	28	501	529	10,8	28,6	26,3	0,4
Espanha	2005	202	3197	3399	3,9	8,4	7,8	0,5
Estônia	2005	32	241	273	15,2	21,2	20,3	0,7
Finlândia	2006	127	934	1061	19,4	20,3	20,1	1,0
França	2005	567	10.140	10.707	7,2	19,1	17,6	0,4
Grécia	2006	25	369	394	1,9	3,8	3,5	0,5
Guadalupe	2005	2	44	46	3,4	11,6	10,5	0,3
Guatemala	2004	100	152	252	4,1	1,6	2,1	2,5
Guiana	2005	37	132	169	24,5	21,5	22,1	1,1
Guiana Francesa	2005	4	21	25	12,9	13,1	13,1	1,0
Holanda	2004	97	1.417	1.514	9,8	9,2	9,3	1,1
Hong Kong	2005	83	1.066	1.149	9,2	18,0	16,9	0,5
Hungria	2005	97	2.524	2.621	7,4	28,8	26,0	0,3
Ilha Reunião	2005	9	80	89	6,9	12,2	11,3	0,6
Ilhas Virgens	2003	2	7	9	13,6	7,4	8,2	1,8
Inglaterra e Gales	2005	275	3.039	3.314	4,0	6,5	6,2	0,6
Irlanda	2005	76	325	401	11,9	9,3	9,7	1,3
Irlanda do Norte	2005	32	154	186	12,6	10,5	10,8	1,2
Islândia	2005	3	30	33	6,9	11,9	11,2	0,6

(continua)

Tabela 4.1.2: Número e taxas de suicídio (em 100.000) para a população jovem, não-jovem e total e índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível. (continuação)

País	Ano	Número de Suicídios			Taxas de Suicídios			Vitimização
		Jovem	Não- Jovem	Total	Jovem	Não- Jovem	Total	
Israel	2003	67	350	417	6,2	6,5	6,4	1,0
Itália	2003	233	3.842	4.075	3,8	7,5	7,1	0,5
Japão	2006	1.892	28.029	29.921	14,1	24,9	23,7	0,6
Kuwait	2002	7	41	48	2,0	2,0	2,0	1,0
Letônia	2005	51	513	564	14,2	26,4	24,5	0,5
Lituânia	2005	111	1.208	1.319	21,0	41,9	38,6	0,5
Luxemburgo	2005	6	44	50	11,3	10,9	10,9	1,0
Macedônia	2003	15	122	137	4,6	7,2	6,8	0,6
Malta	2005	0	18	18	0,0	5,2	4,5	0,0
Martinica	2005	1	25	26	1,8	7,4	6,6	0,2
México	2005	1.215	3.091	4.306	6,0	3,6	4,1	1,7
Moldávia	2006	43	594	637	6,2	20,5	17,8	0,3
Nicarágua	2005	175	216	391	14,6	5,1	7,1	2,9
Noruega	2005	70	463	533	12,3	11,4	11,5	1,1
Nova Zelândia	2004	113	380	493	19,3	10,9	12,1	1,8
Panamá	2004	42	145	187	7,5	5,7	6,0	1,3
Paraguai	2004	93	144	237	8,1	2,9	3,8	2,8
Polônia	2005	701	5.342	6.043	11,2	16,7	15,8	0,7
Porto Rico	2003	39	223	262	6,5	6,8	6,8	1,0
Portugal	2003	50	1.105	1.155	3,7	12,1	11,0	0,3
Quirguistão	2005	108	362	470	10,0	9,0	9,2	1,1
Reino Unido	2005	384	3.663	4.047	4,9	7,0	6,7	0,7
Rep. da Maurícia	2005	14	88	102	7,3	8,7	8,5	0,8
Rep. das Maldivas	2005	0	1	1	0,0	0,5	0,3	0,0
Rep. da Coreia	2006	628	10.058	10.686	9,3	23,9	21,9	0,4
Rep. Dominicana	2004	25	125	150	1,5	1,7	1,7	0,9
Rep. Tcheca	2005	101	1.463	1.564	7,4	16,5	15,3	0,5
Rodrigues	2005	1	0	1	12,3	0,0	2,7	
Romênia	2004	199	2.521	2.720	5,9	13,8	12,5	0,4
Santa Lúcia	2002	3	9	12	9,9	7,2	7,7	1,4
São Vicente e G.	2003	0	4	4	0,0	4,3	3,4	0,0
Sérvia	2006	66	1.377	1.443	6,9	21,4	19,5	0,3
Sérvia e Montenegro	2002	88	1.481	1.569	8,0	21,2	19,3	0,4
Suécia	2004	122	1.032	1.154	11,0	13,1	12,8	0,8
Tadjiquistão	2005	43	144	187	2,8	2,7	2,7	1,0
Tailândia	2002	942	3.963	4.905	8,9	7,6	7,8	1,2
Trinidade e Tobago	2002	36	121	157	15,6	13,9	14,2	1,1
Uruguai	2004	73	454	527	14,2	15,7	15,5	0,9
USA	2005	4.202	28.357	32.559	10,0	11,1	11,0	0,9
Uzbequistão	2005	298	923	1.221	5,2	4,5	4,7	1,1
Venezuela	2004	278	756	1.034	6,0	3,7	4,2	1,6

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 4.1.3: Ordenamento das taxas de suicídio total, juvenil e não-juvem e dos índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível.

TAXA DE SUICÍDIO TOTAL			TAXA DE SUICÍDIO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Lituânia	38,6	1º	Guiana	24,5	1º	Dominica	4,5	1º
Eslovênia	26,3	2º	Lituânia	21,0	2º	Nicarágua	2,9	2º
Hungria	26,0	3º	Finlândia	19,4	3º	Paraguai	2,8	3º
Letônia	24,5	4º	Nova Zelândia	19,3	4º	Guatemala	2,5	4º
Japão	23,7	5º	Trinidade e Tobago	15,6	5º	Colômbia	2,5	5º
Guiana	22,1	6º	Estônia	15,2	6º	Equador	2,4	6º
Rep. da Coreia	21,9	7º	Nicarágua	14,6	7º	El Salvador	2,3	7º
Estônia	20,3	8º	Uruguai	14,2	8º	Ilhas Virgens	1,8	8º
Finlândia	20,1	9º	Letônia	14,2	9º	Nova Zelândia	1,8	9º
Croácia	19,7	10º	Japão	14,1	10º	Argentina	1,7	10º
Sérvia	19,5	11º	Ilhas Virgens	13,6	11º	México	1,7	11º
Sérvia e Montenegro	19,3	12º	Chile	13,2	12º	Venezuela	1,6	12º
Moldávia	17,8	13º	Equador	13,1	13º	Albânia	1,6	13º
França	17,6	14º	Guiana Francesa	12,9	14º	Santa Lúcia	1,4	14º
Hong Kong	16,9	15º	Irlanda do Norte	12,6	15º	Panamá	1,3	15º
Polônia	15,8	16º	El Salvador	12,5	16º	Irlanda	1,3	16º
Áustria	15,6	17º	Noruega	12,3	17º	África do Sul	1,3	17º
Uruguai	15,5	18º	Rodrigues	12,3	18º	Chile	1,3	18º
Rep. Tcheca	15,3	19º	Argentina	12,3	19º	Irlanda do Norte	1,2	19º
Trinidade e Tobago	14,2	20º	Irlanda	11,9	20º	Tailândia	1,2	20º
Guiana Francesa	13,1	21º	Escócia	11,7	21º	Brasil	1,2	21º
Bulgária	13,0	22º	Luxemburgo	11,3	22º	Uzbequistão	1,1	22º
Alemanha	13,0	23º	Polônia	11,2	23º	Guiana	1,1	23º
Suécia	12,8	24º	Suécia	11,0	24º	Trinidade e Tobago	1,1	24º
Eslováquia	12,6	25º	Canadá	11,0	25º	Costa Rica	1,1	25º
Romênia	12,5	26º	Eslovênia	10,8	26º	Quirguistão	1,1	26º
Cuba	12,3	27º	Austrália	10,7	27º	Escócia	1,1	27º
Nova Zelândia	12,1	28º	USA	10,0	28º	Noruega	1,1	28º
Noruega	11,5	29º	Quirguistão	10,0	29º	Holanda	1,1	29º
Ilha Reunião	11,3	30º	Santa Lúcia	9,9	30º	Luxemburgo	1,0	30º
Canadá	11,3	31º	Holanda	9,8	31º	Tadjiquistão	1,0	31º
Islândia	11,2	32º	Colômbia	9,7	32º	Guiana Francesa	1,0	32º
Portugal	11,0	33º	Rep. da Coreia	9,3	33º	Austrália	1,0	33º
USA	11,0	34º	Hong Kong	9,2	34º	Canadá	1,0	34º
Chile	11,0	35º	Áustria	9,1	35º	Kuwait	1,0	35º
Luxemburgo	10,9	36º	Tailândia	8,9	36º	Israel	1,0	36º
Austrália	10,8	37º	Croácia	8,2	37º	Finlândia	1,0	37º
Irlanda do Norte	10,8	38º	Paraguai	8,1	38º	Porto Rico	1,0	38º
Escócia	10,7	39º	Sérvia e Montenegro	8,0	39º	Uruguai	0,9	39º
Guadalupe	10,5	40º	Dominica	7,7	40º	USA	0,9	40º
Singapura	10,3	41º	Panamá	7,5	41º	Rep. Dominicana	0,9	41º
Irlanda	9,7	42º	Eslováquia	7,5	42º	Rep. da Maurícia	0,8	42º

(continua)

Tabela 4.1.3: Ordenamento das taxas de suicídio total, juvenil e não-jovem e dos índices de vitimização. Diversos Países. Último ano disponível. (continuação)

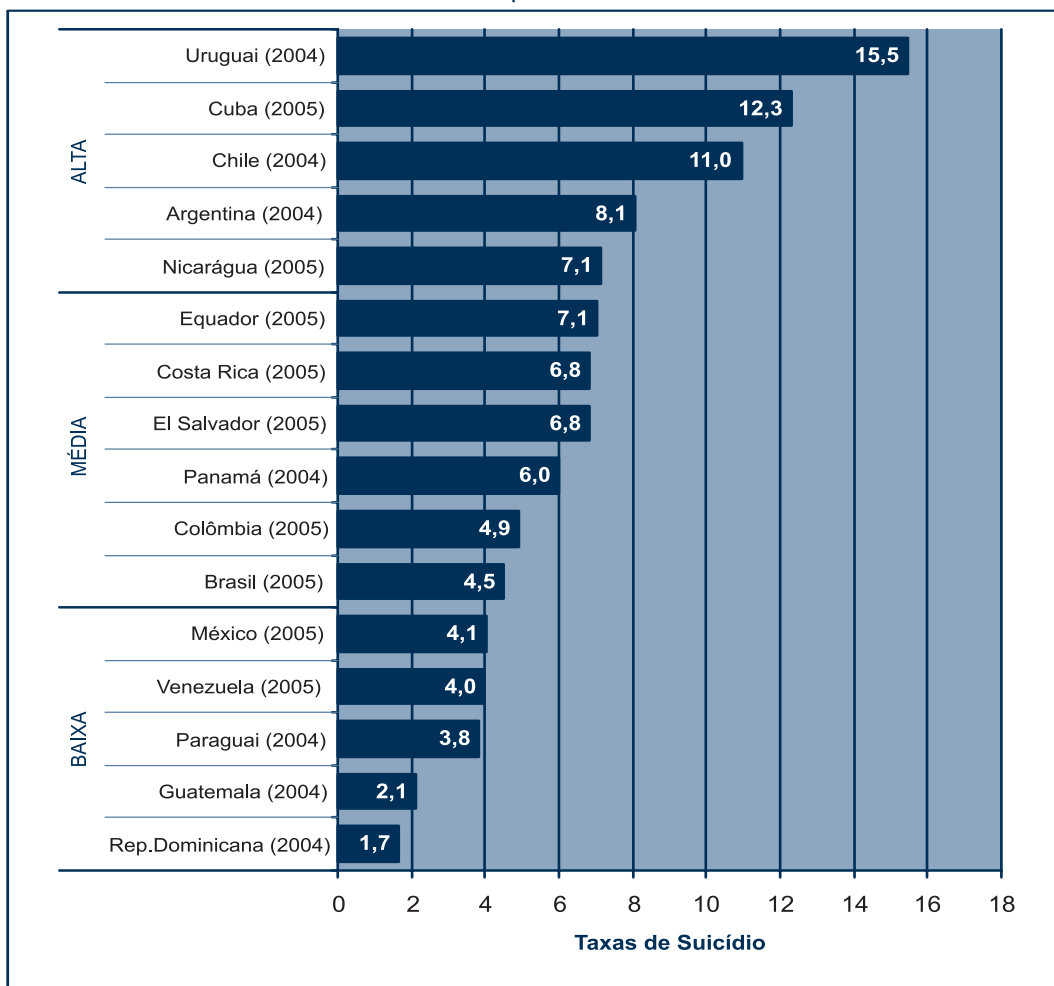
TAXA DE SUICÍDIO TOTAL			TAXA DE SUICÍDIO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Holanda	9,3	43º	Rep. Tcheca	7,4	43º	Suécia	0,8	43º
Quirguistão	9,2	44º	Costa Rica	7,4	44º	Estônia	0,7	44º
Rep. da Maurícia	8,5	45º	Hungria	7,4	45º	Reino Unido	0,7	45º
Ilhas Virgens	8,2	46º	Rep. da Maurícia	7,3	46º	Polônia	0,7	46º
Argentina	8,1	47º	França	7,2	47º	Macedônia	0,6	47º
Tailândia	7,8	48º	Islândia	6,9	48º	Inglaterra e Gales	0,6	48º
Espanha	7,8	49º	Ilha Reunião	6,9	49º	Islândia	0,6	49º
Santa Lúcia	7,7	50º	Sérvia	6,9	50º	Ilha Reunião	0,6	50º
Nicarágua	7,1	51º	Albânia	6,7	51º	Japão	0,6	51º
Itália	7,1	52º	Alemanha	6,7	52º	Eslováquia	0,6	52º
Equador	7,1	53º	Porto Rico	6,5	53º	Áustria	0,6	53º
Costa Rica	6,8	54º	Moldávia	6,2	54º	Letônia	0,5	54º
El Salvador	6,8	55º	Israel	6,2	55º	Grécia	0,5	55º
Macedônia	6,8	56º	Venezuela	6,0	56º	Hong Kong	0,5	56º
Porto Rico	6,8	57º	México	6,0	57º	Itália	0,5	57º
Reino Unido	6,7	58º	Romênia	5,9	58º	Lituânia	0,5	58º
Martinica	6,6	59º	Cuba	5,7	59º	Alemanha	0,5	59º
Israel	6,4	60º	Uzbequistão	5,2	60º	Espanha	0,5	60º
Inglaterra e Gales	6,2	61º	Reino Unido	4,9	61º	Rep. Tcheca	0,5	61º
Panamá	6,0	62º	Bulgária	4,9	62º	Romênia	0,4	62º
Colômbia	4,9	63º	Brasil	4,7	63º	Cuba	0,4	63º
Bermuda	4,7	64º	Macedônia	4,6	64º	Rep. da Coreia	0,4	64º
Albânia	4,7	65º	Guatemala	4,1	65º	Croácia	0,4	65º
Uzbequistão	4,7	66º	Inglaterra e Gales	4,0	66º	França	0,4	66º
Brasil	4,5	67º	Espanha	3,9	67º	Eslovênia	0,4	67º
Malta	4,5	68º	Singapura	3,8	68º	Sérvia e Montenegro	0,4	68º
Venezuela	4,2	69º	Itália	3,8	69º	Bulgária	0,3	69º
México	4,1	70º	Portugal	3,7	70º	Singapura	0,3	70º
Paraguai	3,8	71º	Guadalupe	3,4	71º	Sérvia	0,3	71º
Grécia	3,5	72º	Tadjiquistão	2,8	72º	Moldávia	0,3	72º
São Vicente e G.	3,4	73º	Kuwait	2,0	73º	Portugal	0,3	73º
Dominica	2,8	74º	Grécia	1,9	74º	Guadalupe	0,3	74º
Tadjiquistão	2,7	75º	Martinica	1,8	75º	Hungria	0,3	75º
Rodrigues	2,7	76º	Rep. Dominicana	1,5	76º	Martinica	0,2	76º
Guatemala	2,1	77º	África do Sul	1,2	77º	Armênia	0,1	77º
Kuwait	2,0	78º	Armênia	0,2	78º	Bermuda	0,0	78º
Armênia	1,8	79º	Antígua e Barbuda	0,0	79º	Malta	0,0	78º
Rep. Dominicana	1,7	80º	Bermuda	0,0	79º	Rep. das Maldivas	0,0	78º
África do Sul	1,0	81º	Malta	0,0	79º	São Vicente e G.	0,0	78º
Rep. das Maldivas	0,3	82º	Rep. das Maldivas	0,0	79º	Antígua e Barbuda		
Antígua e Barbuda	0,0	83º	São Vicente e G.	0,0	79º	Rodrigues		

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

4.2 - Os suicídios no contexto da América Latina

Os dois gráficos a seguir sintetizam os dados já vistos nas tabelas anteriores, mas tomando como eixo exclusivamente os países da América Latina, que foram distribuídos em três grandes grupos de acordo com seus níveis de suicídio. Esclarece-se que a referência é regional: os níveis são altos, médios ou baixos para a região.

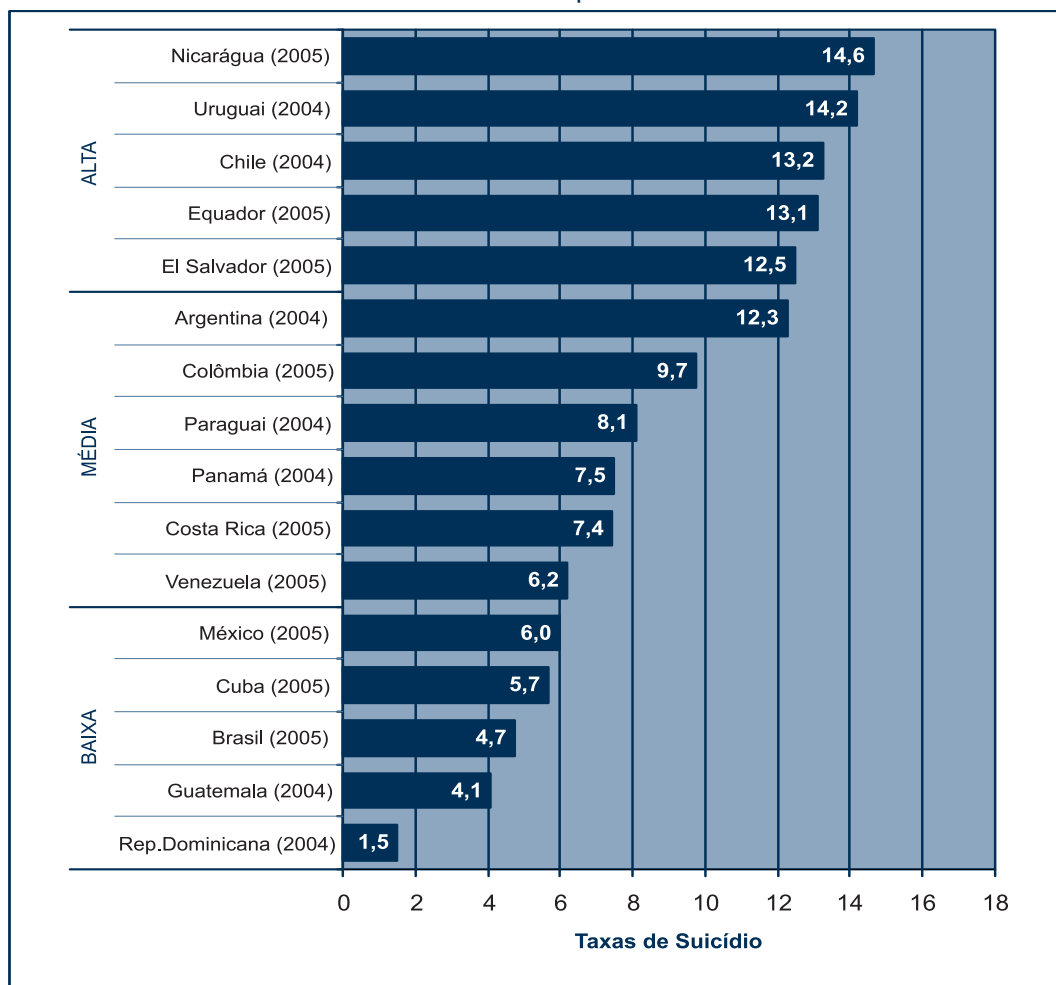
Gráfico 4.2.1: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Suicídio na População Total. Último ano disponível.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Vemos que Chile, Cuba e Uruguai, os três com taxas totais que superam os 10 suicídios em cada 100 mil habitantes, evidenciam os maiores índices da região. Já entre os jovens, são seis os países que superam esse patamar, encabeçados por Nicarágua, Uruguai e Chile.

Gráfico 4.2.2: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Suicídio na População Jovem.
Último ano disponível.



Fonte: Microdados *WHOSIS* e complementares (ver item 1.2)

As tabelas 4.2.1 e 4.2.2 sintetizam os dados disponíveis de um período mais longo de tempo: desde 1994, organizados com a finalidade de ponderar a evolução temporal desses índices.

Esse conjunto de informações possibilitará uma breve revisão da evolução e situação de cada país da região.

Tabela 4.2.1: Taxas de Suicídio na População Total. Países de América Latina. 1994/2005

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Δ%
Argentina	6,5	6,3	6,3	6,2	6,5	6,6	7,5	8,3	8,4	8,6	8,1		24,8
Brasil	3,7	4,0	4,1	4,1	4,1	3,8	3,8	4,3	4,3	4,3	4,3	4,5	22,8
Chile	5,7	6,5	6,4	6,2	7,0	7,0	9,7	10,6	10,3	10,6	11,0		91,5
Colômbia	3,4	3,2	3,3	3,3	5,5	5,5	6,0	6,0	5,8	5,5	5,3	4,9	43,5
Costa Rica	4,9	6,2	6,1	5,3	6,2	6,4	6,5	5,5	7,8	8,1	8,3	6,8	37,8
Cuba	21,1	20,5	18,5	18,5	18,7	18,6	16,6	14,8	14,3	13,3	13,4	12,3	-41,5
El Salvador		11,3	9,6	10,0	8,7	8,6	7,6	8,3	6,9	8,1	7,1	6,8	-39,9
Equador	4,6	4,8	5,1	4,9	4,5	5,0	4,3	4,6	4,5	5,2	6,0	7,1	54,5
Guatemala	1,5	2,1	1,5	1,7	1,9	2,1	1,6	1,8	2,3	2,2	2,1		41,4
México	2,8	3,1	3,2	3,5	3,4	3,4	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	4,1	42,3
Nicarágua	3,4		5,1	5,9	6,4	6,6	7,4	7,2	7,0	7,4	7,3	7,1	107,4
Panamá			4,2	5,3	5,3	5,0	5,0	5,5	5,3	6,4	6,0		43,4
Paraguai	2,3	2,5	2,0	2,4	2,6	3,0	2,8	2,6	3,0	2,9	3,8		66,8
Rep. Dominicana	1,4	1,8	1,5	1,9	1,9	2,2	1,8	1,8		1,8	1,7		22,7
Uruguai	12,8	13,3	12,3	14,1	16,0	13,8	17,0	15,0			15,5		21,2
Venezuela	5,2		4,6	4,8	5,0	5,4	5,4	5,8	5,4	4,7	4,2	4,0	-22,4
América Latina	4,2	4,3	4,5	4,6	4,9	4,8	4,9	5,3	5,0	5,1	5,2	3,9	-6,7

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 4.2.2: Taxas de Suicídio na População Jovem. Países de América Latina. 1994/2005

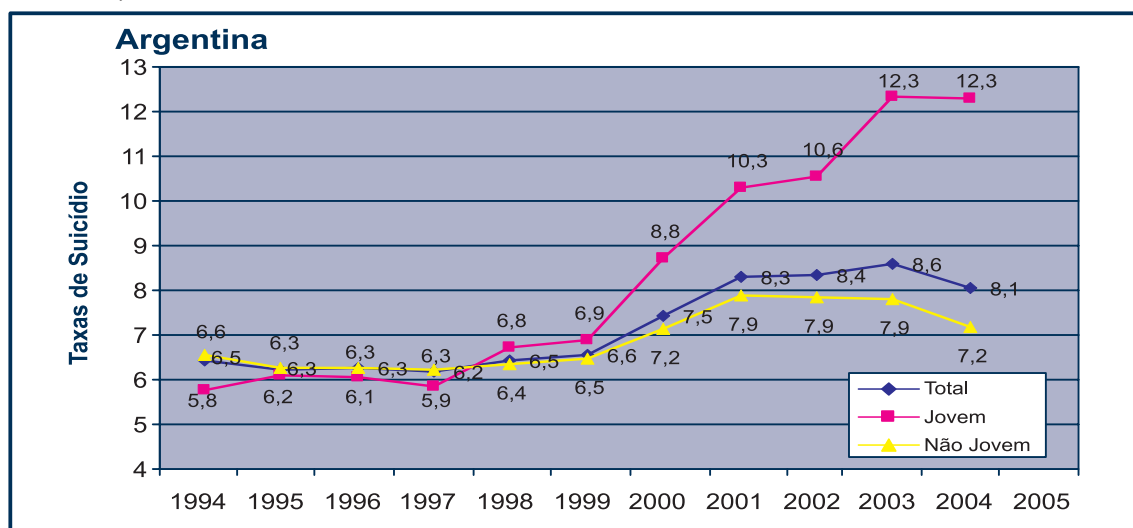
País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Δ%
Argentina	5,8	6,2	6,1	5,9	6,8	6,9	8,8	10,3	10,6	12,3	12,3		110,5
Brasil	4,2	4,4	4,5	4,2	4,2	4,0	4,0	4,8	4,7	4,8	4,8	4,7	12,9
Chile	6,5	7,6	8,1	7,8	7,5	6,8	10,4	12,2	11,1	10,9	13,2		105,0
Colômbia	6,3	5,6	5,9	6,2	10,8	10,5	12,5	12,5	12,1	10,9	10,2	9,7	54,1
Costa Rica	6,4	8,4	9,1	8,6	7,2	7,9	8,6	5,7	10,3	12,0	10,4	7,4	15,6
Cuba	15,3	16,5	14,1	11,2	12,1	11,4	10,4	8,4	6,6	6,1	5,4	5,7	-63,0
El Salvador		24,9	20,5	19,8	16,4	16,8	15,2	15,9	13,1	14,5	12,6	12,5	-49,9
Equador	8,1	8,8	9,5	9,2	9,0	9,3	8,1	8,4	8,6	9,9	11,1	13,1	62,4
Guatemala	2,7	3,7	2,0	3,3	3,7	3,6	3,1	3,6	3,8	3,8	4,1		49,0
México	4,2	4,9	5,0	6,0	5,5	5,8	5,6	5,9	5,9	6,2	5,9	6,0	42,6
Nicarágua	7,3		11,4	12,2	14,4	13,2	16,5	15,7	14,3	14,6	14,5	14,6	101,3
Panamá			5,3	6,0	8,4	6,1	6,1	7,9	6,0	10,4	7,5		40,7
Paraguai	3,2	4,8	3,6	4,6	4,8	6,1	4,9	5,8	6,8	6,3	8,1		151,7
Rep. Dominicana	1,9	1,9	1,4	2,1	1,9	2,0	1,7	2,3		1,1	1,5		-23,1
Uruguai	8,1	11,3	10,5	11,1	11,7	10,9	14,2	12,2			14,2		76,3
Venezuela	7,6		6,5	6,9	7,4	7,6	7,1	8,3	7,8	6,9	6,0	6,2	-18,0
América Latina	5,0	5,2	5,6	5,8	6,1	6,1	6,3	6,9	6,7	6,9	6,9	5,2	4,4

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Argentina: Num primeiro momento, que dura até 1999, o país apresenta taxas intermediárias, relativamente estáveis, da ordem de pouco mais de 6 suicídios em 100 mil, e bem semelhantes entre os jovens e os não-jovens. A partir dessa data acontece uma verdadeira eclosão, especialmente nos suicídios juvenis, que passam de 6,9 em 100 mil jovens em 1999, para 12,3 em 2004. Noutras palavras, no lapso de um quinquênio, os suicídios juvenis cresceram 78%. Já nos não-jovens, no mesmo período, crescem 21%, motivo pelo qual os índices de vitimização juvenil, que até 1999 eram baixos ou inexistentes, cresceram drasticamente para, em 2004, com um índice de 1,7 (proporcionalmente, morrem 70% mais jovens vítimas de suicídio do que não-jovens), ocupar a 10ª posição no ranking internacional nessa rubrica.

Considerando toda a década 1994/2004, os suicídios na Argentina crescem:

- 110,5% na população jovem;
- 9,3% na população não-jovem;
- 24,8% no total.

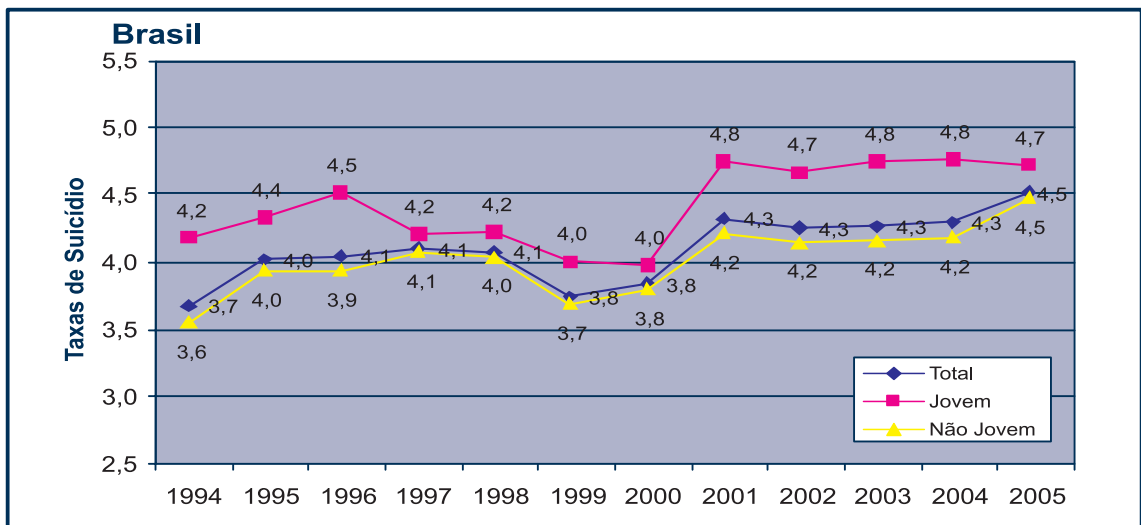


Esses índices levam o país a ocupar, nos suicídios totais, a 47ª posição no contexto internacional, mas a 19ª posição quando se trata de suicídios juvenis. Esse enorme diferencial de suicídios jovens, quando comparados aos dos não-jovens, resulta em elevados índices de vitimização juvenil, ocupando a Argentina, a 10ª posição entre os 83 países aqui analisados.

Brasil: Com taxas relativamente baixas, o total de 4,5 suicídios em 100 mil habitantes fazem-no ocupar, no contexto internacional, a 67ª posição, e o índice juvenil de 4,7 a posição 63. Já no contexto regional, essas taxas o localizam na 11ª e na 14ª posição respectivamente.

Ao longo do período analisado, 1994/2005, não se observam grandes mudanças, evidenciando um comportamento relativamente homogêneo, com leve tendência de crescimento, menor nos suicídios juvenis do que nos não-jovens:

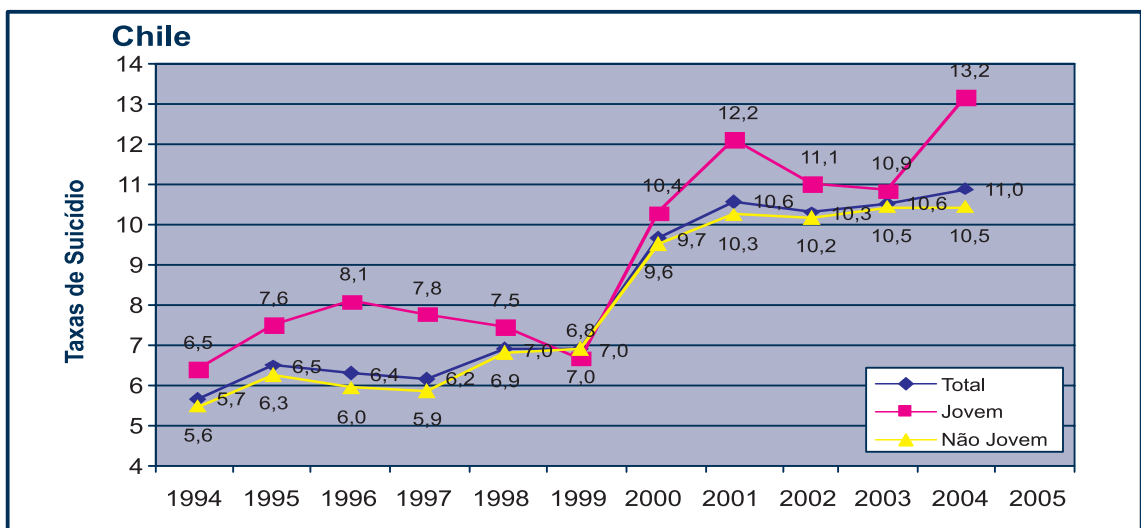
- 22,8% nos suicídios totais;
- 12,9% nos juvenis; e
- 25,9% nos não-jovens.



Esse diferencial de crescimento jovem/não-jovem permitiu reduzir os índices de vitimização juvenil, que no final do período eram de 1,15. Isso representa que, proporcionalmente, os índices de suicídios juvenis são 15% superiores aos índices não-jovens, o que pode ser considerado relativamente baixo no contexto regional, onde o Brasil estaria a ocupar a 12ª posição entre os dezesseis países estudados.

Chile: Depois de um período de crescimento tendencialmente baixo, que dura até 1999, eclodem os suicídios, fase que dura até 2002. Isso leva o Chile a apresentar taxas que podem ser consideradas elevadas, tanto no contexto regional, onde ocupa a terceira posição nos suicídios jovens e totais, quanto no internacional, onde ocupa a posição 35 nos suicídios totais e a 12 nos suicídios jovens. Considerando as datas extremas do período, os aumentos podem ser considerados bem significativos:

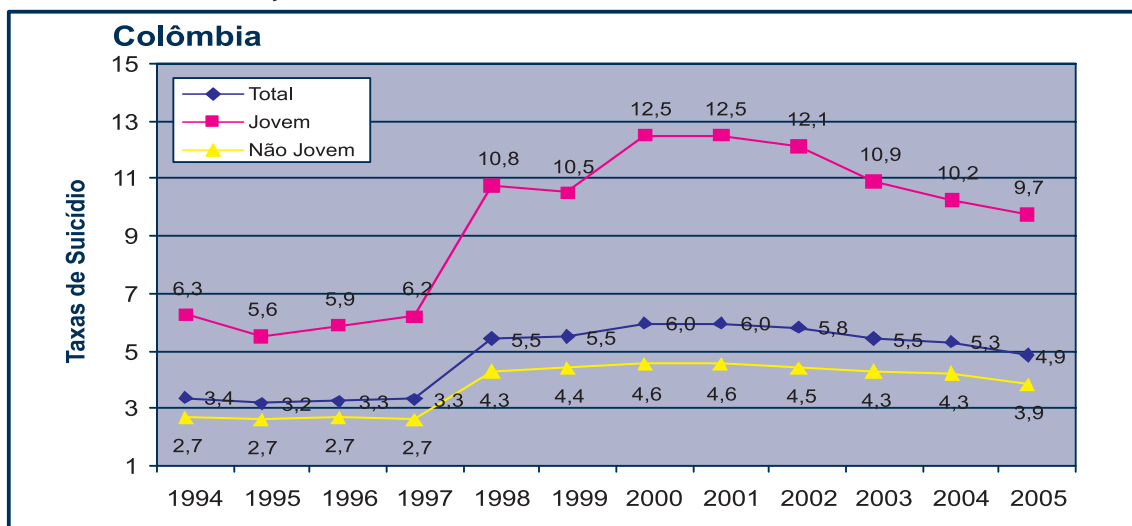
- 105% nos suicídios juvenis;
- 88,3% nos não-jovens; e
- 91,5% nos suicídios totais.



Seu nível de vitimização juvenil de 1,26, relativamente moderado para a região, onde ocupa a posição 11 entre os dezesseis países, resulta elevado no contexto internacional, onde o Chile ocupa a 18ª posição entre 83 países computados.

Colômbia: Também a Colômbia registra mudança de patamar entre os anos de 1997 e 2000, quando os suicídios juvenis mais que duplicam, e os não-jovens aumentam perto de 80% em três anos. A partir daquele ano, há uma leve tendência de queda, pelo que, ao longo do período, os indicadores evidenciam crescimento que pode ser considerado significativo:

- 43,5% nos suicídios totais;
- 54,1% nos jovens; e
- 42,7% nos não-jovens.



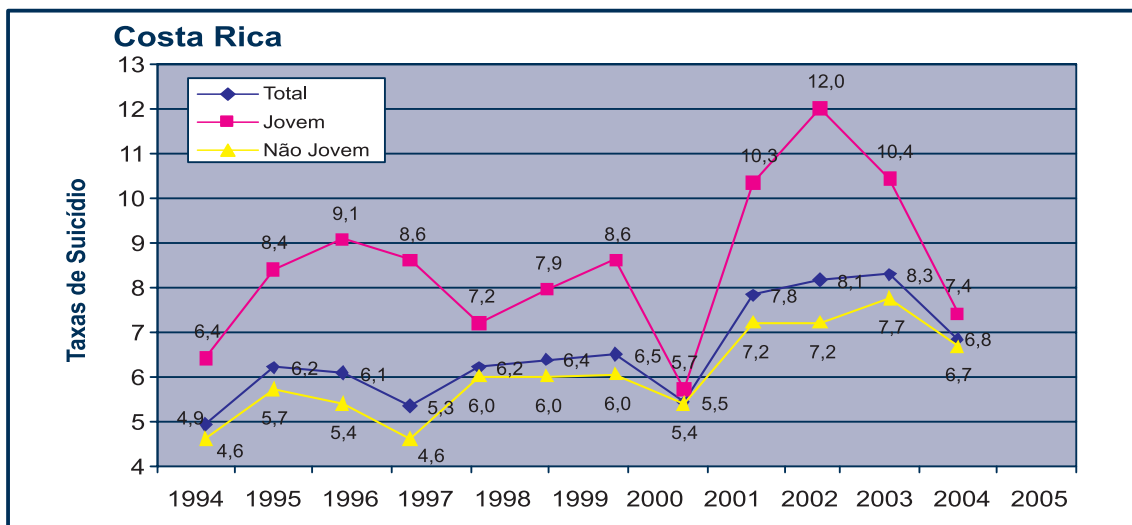
As baixas taxas de suicídios totais: 4,9 em 100 mil habitantes, fazem-no ocupar, no contexto internacional, a posição 63. Já no juvenil de 9,7 em 100 mil jovens, bem maior, leva a Colômbia a ocupar o 32º lugar. Isso já nos indica elevado nível de vitimização juvenil. Efetivamente, o índice de 2,5 o coloca em 5º lugar no ranking de vitimização juvenil entre os 83 países do mundo e em 4º entre os países da região.

Costa Rica: Os índices de suicídio de Costa Rica apresentam fortes oscilações ao longo do tempo, ora elevando-se de forma drástica, como entre 2001 e 2003 quando as taxas juvenis mais que duplicam em curto lapso de tempo, ora caindo significativamente, como entre 2003 e 2005, quando as taxas juvenis despencam de 12 suicídios em 100 mil jovens para 7,4.

Com essas quedas, Costa Rica ocupa a posição 54 nos suicídios na população total e a 44 nos suicídios juvenis.

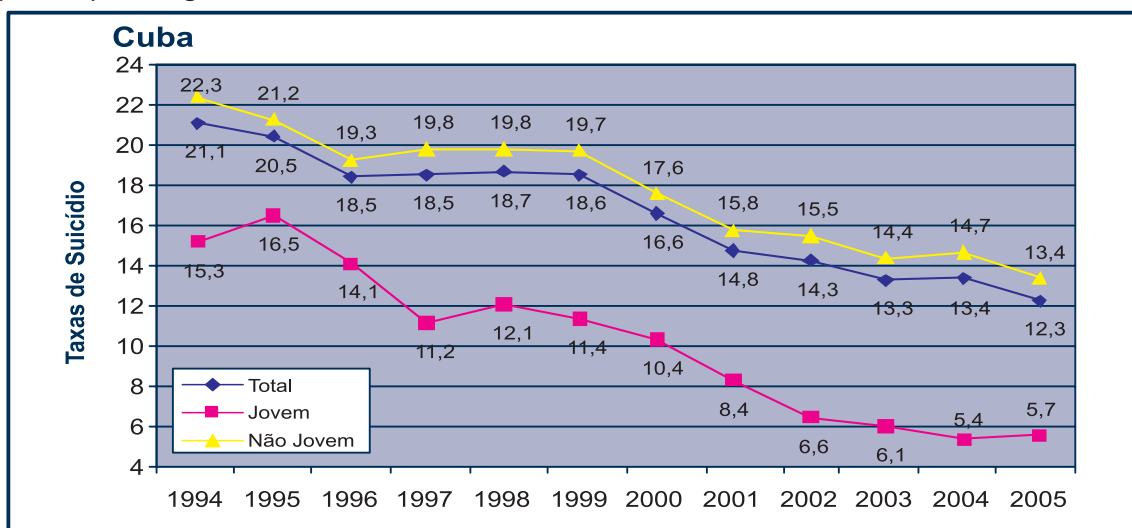
Apesar dessas quedas, os índices cresceram entre 1994 e 2005:

- 37,8% na população total;
- 15,6% na jovem; e
- 44,8% na população não-jovem.



Essa evolução diferencial possibilitou a queda nos índices de vitimização juvenil que, no final do período considerado era de 1,11 (as taxas juvenis eram 11% maiores que as não-juvenis). Ainda assim, nessa rubrica, a Costa Rica ocupa uma posição elevada no contexto internacional – posição 25 – num mundo caracterizado por taxas negativas de vitimização juvenil nos suicídios.

Cuba: Apesar da tendência fortemente declinante, o nível de suicídios de Cuba continua a ser elevado, tanto no contexto internacional, onde pela sua taxa total de 12,3 suicídios em 100 mil habitantes ocupa a posição 27, quanto no contexto regional, onde ocupa a segunda posição, só superada por Uruguai.



Mas, contrariando a forte tendência regional, os suicídios juvenis em Cuba são bem menores que os do resto da população: 5,7 em cada 100 mil jovens, o que a coloca na posição 59 no contexto internacional e na 13 entre os dezesseis países da região quanto a suicídios juvenis. Concomitantemente, a população jovem parece bem protegida nessa categoria, com um índice de vitimização de 0,42, que o coloca com menor índice de vitimização juvenil da região.

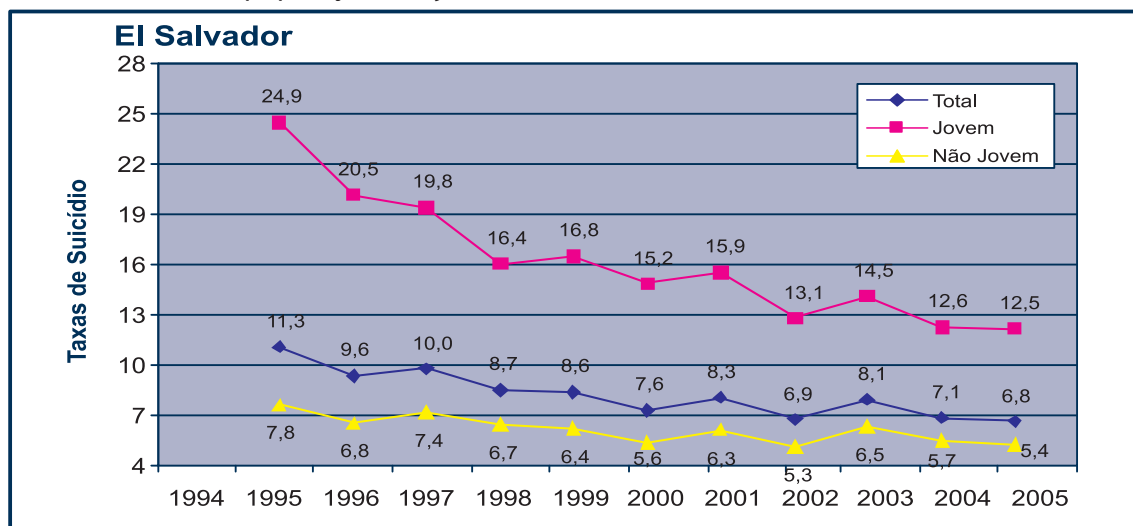
As quedas nos índices, no período analisado, foram bem expressivas.

- Queda de 41,5 nas taxas totais;

- de 63% nas juvenis;
- de 39,9% nas não-juvenis.

El Salvador: Também El Salvador apresenta forte tendência de queda nos seus índices ao longo do período analisado.

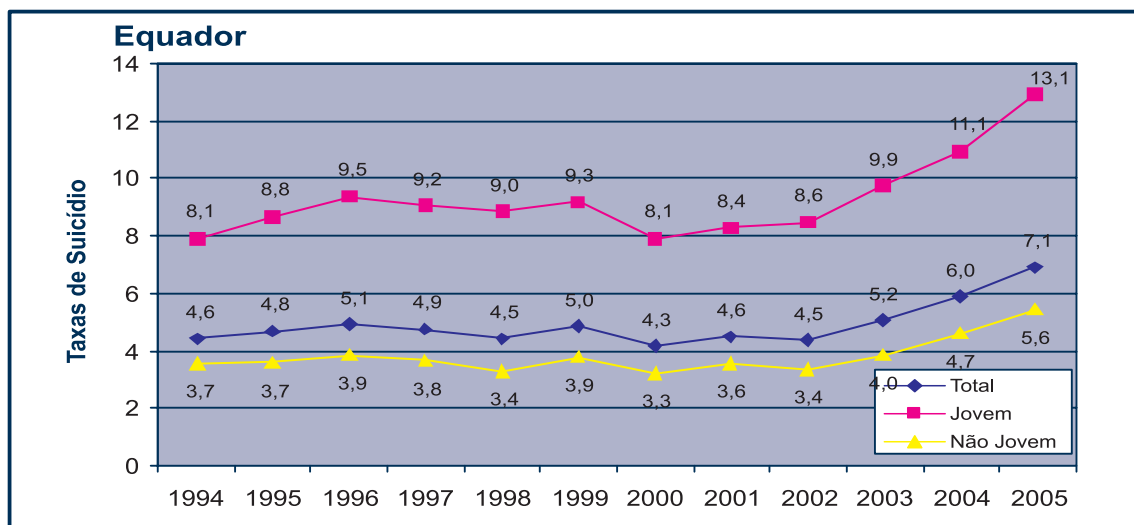
- Queda de 39,9% nas taxas totais;
- de 49,9% nas juvenis;
- de 31,1% na população não-jovem.



Mas, ainda assim, a taxa recente de suicídios juvenis, de 12,5 vítimas para cada 100 mil jovens, localizam-no em 5º lugar no contexto regional e no 16º no internacional. Já nos suicídios totais, a taxa de 6,8 em cada 100 mil habitantes colocam-no em 8º lugar no nível regional e na posição 55 no contexto internacional. Esse diferencial já indica elevados índices de vitimização juvenil: 2,32. Isso significa que, proporcionalmente, morrem 132% mais jovens vítimas de suicídio do que não-jovens.

Equador: Depois de um período de relativa estabilidade nas taxas, que durou aproximadamente até 2002, inicia-se no Equador um rápido aumento que se perpetua até o final do período. No lapso de três anos, de 2002 a 2005, as taxas de suicídio crescem, no total, 57,7%. Mas, se considerarmos todo o período, de 1994 a 2005, o crescimento foi de:

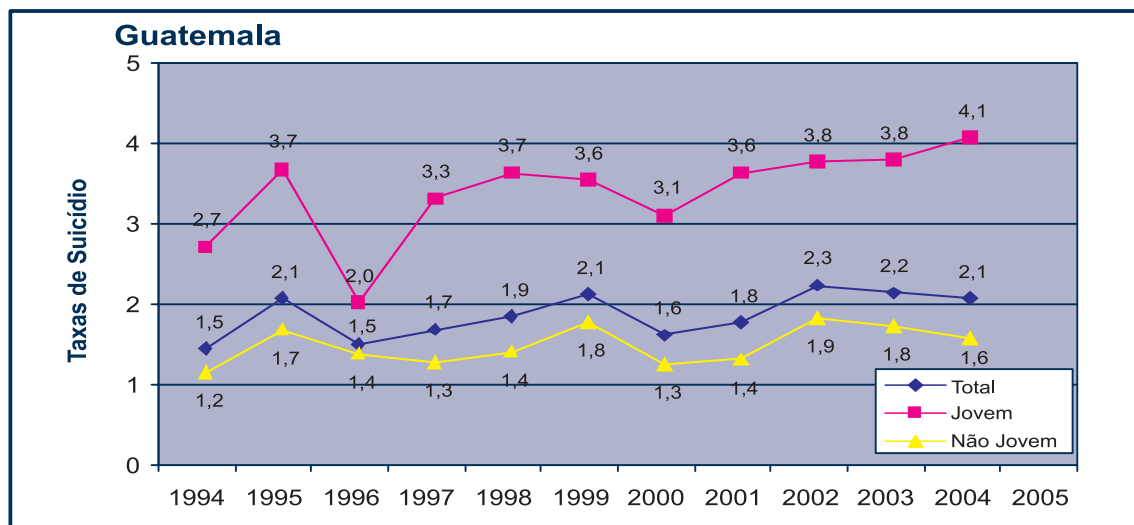
- 54,5% no total;
- 62,4% no juvenil;
- 52,1% no não-jovem.



Esse diferencial de ritmo de crescimento aumentou ainda mais os índices de vitimização juvenil nos suicídios, que se elevam para 2,35. Noutras palavras, proporcionalmente, suicidam-se 135% mais jovens do que não-jovens.

Os elevados índices de suicídios juvenis: 13,1 em 100 mil, colocam o Equador no 4º lugar na região e no 13º lugar entre os 83 países do mundo. Já as taxas totais, bem menores, situam-no no 6º lugar regional e no 53º internacional.

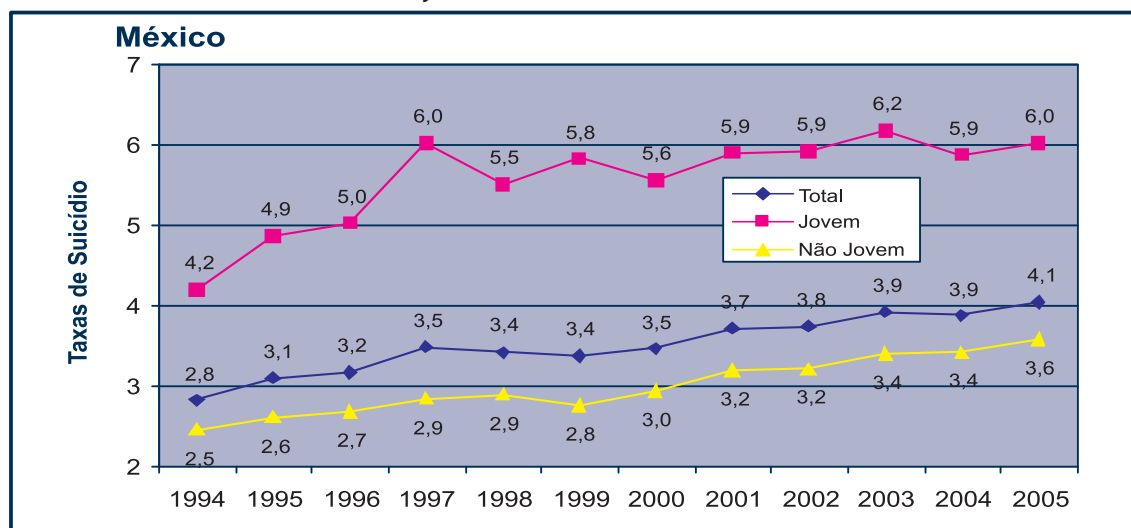
Guatemala: Apresenta níveis relativamente baixos de suicídios, mas com tendência de crescimento nos últimos anos. Efetivamente, sua taxa total de 2,1 suicídios em 100 mil habitantes é a segunda menor da região e a sétima menor entre os 83 países analisados. A dos jovens, de 4,1 suicídios em 100 mil, também é a segunda menor da região, e se encontra entre as menores do planeta. Mas tende a crescer. Efetivamente, entre 1994 e 2004 a taxa total cresceu 41,4%, e a juvenil 49%, alargando a fossa que existe com a não-jovem, que cresceu 35%. Dessa forma, a vitimização juvenil elevou-se para 2,54, sendo a 4ª maior no contexto internacional.



México: As taxas de suicídio do México podem ser consideradas relativamente baixas tanto no contexto regional, onde ocupa a 12ª posição, quanto no internacional, onde sua taxa total de 4,1 suicídios em 100 mil habitantes, o relega à 70ª posição entre os 83 países investigados.

Mas o gráfico permite perceber que houve crescimento sistemático ao longo do período analisado. Esse crescimento foi semelhante nas diversas faixas etárias analisadas, da ordem de:

- 42,3% no total de suicídios;
- 42,6% nos suicídios jovens; e
- 42,2% nos suicídios não-jovens.

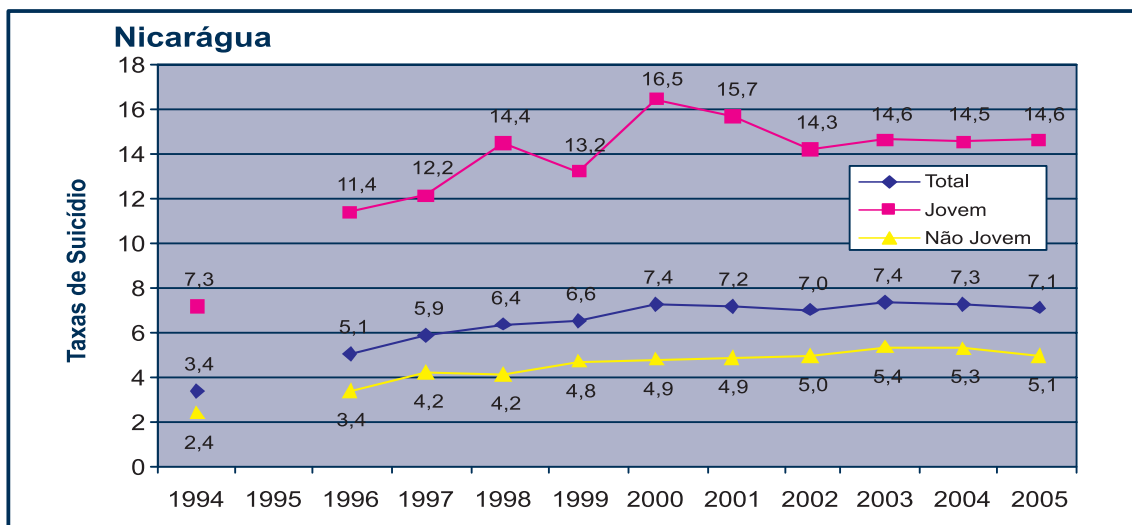


Dessa forma, a vitimização juvenil nos suicídios permaneceu alta, e relativamente constante ao longo do tempo: 1,57.

Nicarágua: O país evidencia significativo aumento dos suicídios, tanto dos juvenis quanto no restante da população. Entre 1994 e 2005 suas taxas cresceram:

- 107,4% no total da população, sendo o país que ostenta o maior aumento na região;
- 101,3% na população jovem;
- 107,7% na população não-jovem.

Também são muito elevados e significativos os níveis de vitimização juvenil: 2,90. Implica que na Nicarágua morrem, proporcionalmente, 190% mais jovens do que não-jovens, índice bem fora do comum não só na região, onde ocupa o primeiro lugar quanto à vitimização juvenil por suicídio, mas também no nível internacional, onde ocupa a segunda posição dentre os 83 países analisados.

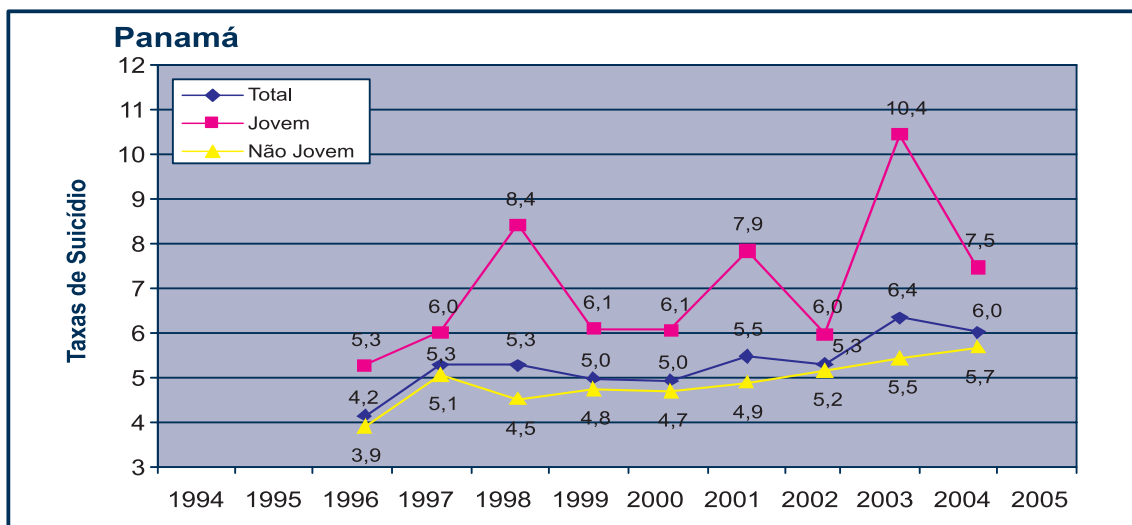


A taxa total de suicídios, de 7,1 em 100 mil habitantes, pode ser considerada de intermediária para baixa no contexto internacional, onde ocupa a posição 51. Já na região passa a ocupar a 5ª posição.

Mas é nos suicídios juvenis que a Nicarágua se destaca. Com sua taxa de 14,6 suicídios em 100 mil jovens, o país ocupa a primeira posição regional e a sétima no contexto internacional.

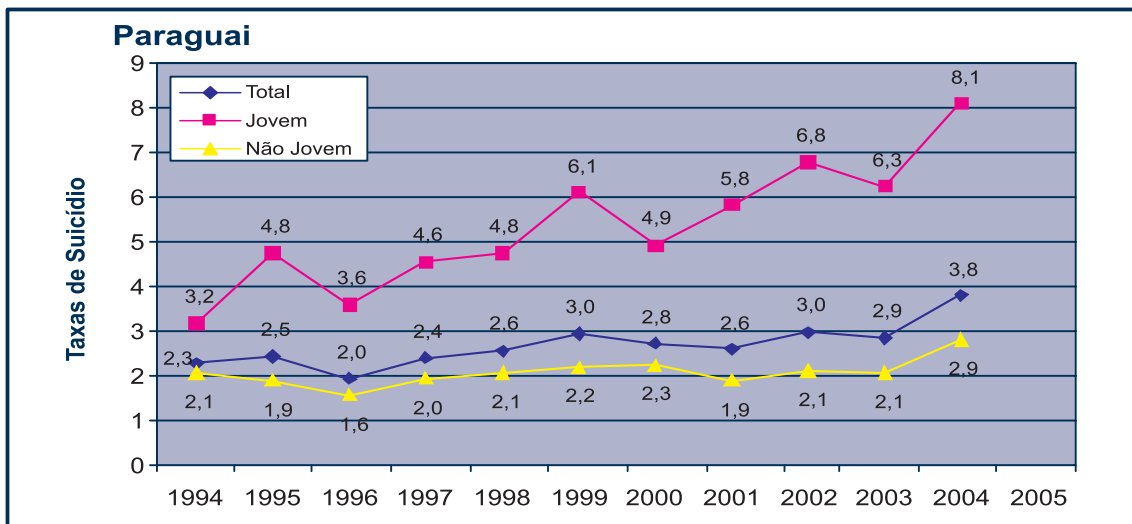
Panamá: As taxas de suicídio do Panamá cresceram ao longo do período de dados disponível: 1996/2004.

- A total teve crescimento mais ou menos sistemático, passando de 4,2 para 6,0 suicídios em cada 100 mil habitantes, o que representa crescimento de 43,4%.
- A juvenil teve crescimento muito oscilante, ora aumentando drasticamente ora caindo. Mas, entre as datas extremas, passou de 5,3 para 7,5 suicídios para cada 100 mil jovens, o que significa incremento de 40,7%.
- A não-jovem também cresceu de forma regular, aumentando de 3,9 para 5,7 suicídios em 100 mil não-jovens, representando 45,1% de aumento.
- Essas taxas totais no final do período podem ser consideradas relativamente baixas no contexto internacional, onde ocupa a 62ª posição. Já a juvenil, bem mais elevada, coloca o país em situação intermediária: na 41ª posição.



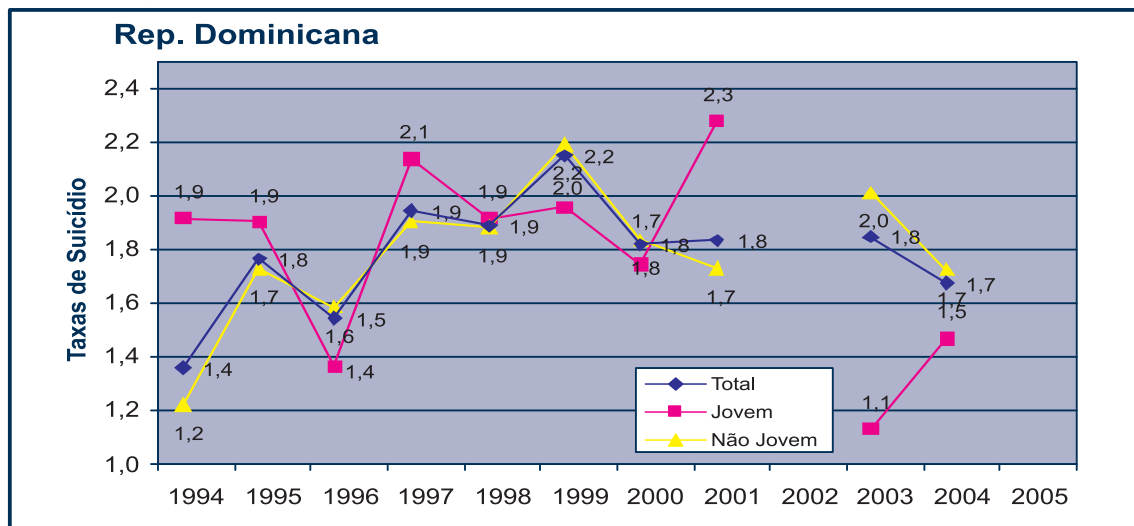
Esse diferencial já nos está a indicar vitimização juvenil moderada: as taxas juvenis são 31% maiores que as não-jovens. Mas, como a vitimização juvenil na categoria dos suicídios é fora do comum no contexto internacional, o Panamá ocupa a 15ª posição entre os 83 países no referente à vitimização juvenil por suicídio.

Paraguai: O que se destaca na evolução paraguaia é o enorme incremento, quase constante, das taxas de suicídio juvenil ao longo do período analisado. Iniciando com modestos 3,2 suicídios em 100 mil jovens em 1994, com oscilações, eleva-se para 8,1 suicídios em 2004, o que representa incremento da ordem de 151,7% entre as duas datas, o maior aumento registrado nos países da América Latina analisados. Já a taxa total cresceu, no mesmo período, 66,8%, e a não-jovem 37,4%.



Esses dados já nos indicam que as diferenças de suicídios entre a população jovem e não-jovem são extremamente amplas. Com sua taxa de vitimização juvenil de 2,84 só perde, na região, para a Nicarágua, que tem 2,90. E no contexto internacional, aparece em 3º lugar quando se trata de vitimização juvenil por suicídios.

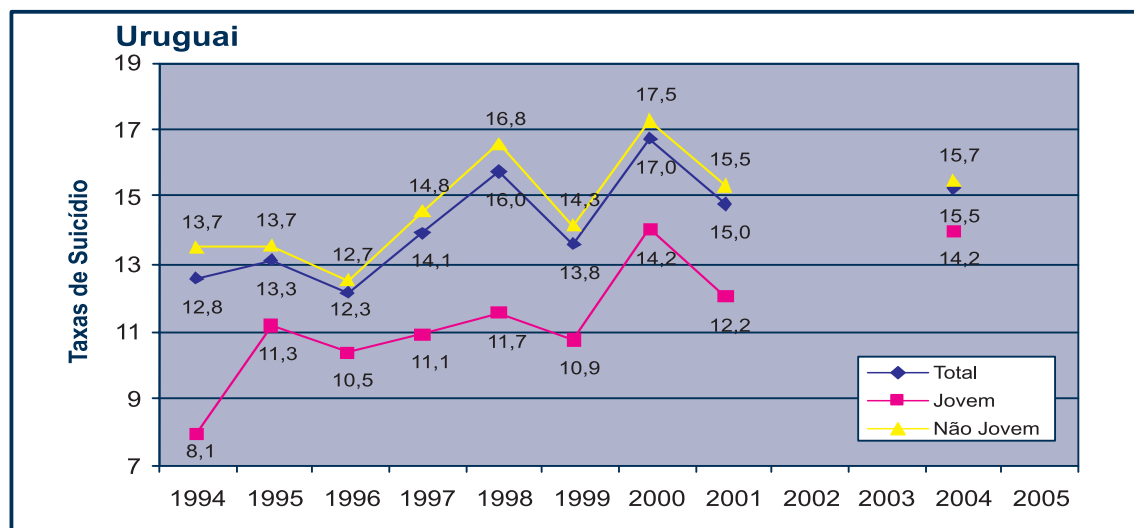
República Dominicana: Na rubrica suicídios, os dados fornecidos pela Rep. Dominicana são extremamente oscilantes e contraditórios, fato que já foi tratado no capítulo inicial, referente à metodologia do estudo. Seus índices muito baixos e as fortes oscilações levantam algumas dúvidas sobre a fidedignidade dos dados.



Uruguai. Com algumas oscilações, detecta-se firme tendência de crescimento nas taxas de suicídio do país entre 1994 e 2004.

- A taxa total cresceu 21,2%;
- a juvenil 76,3% ;
- a não-juvem 14,5%.

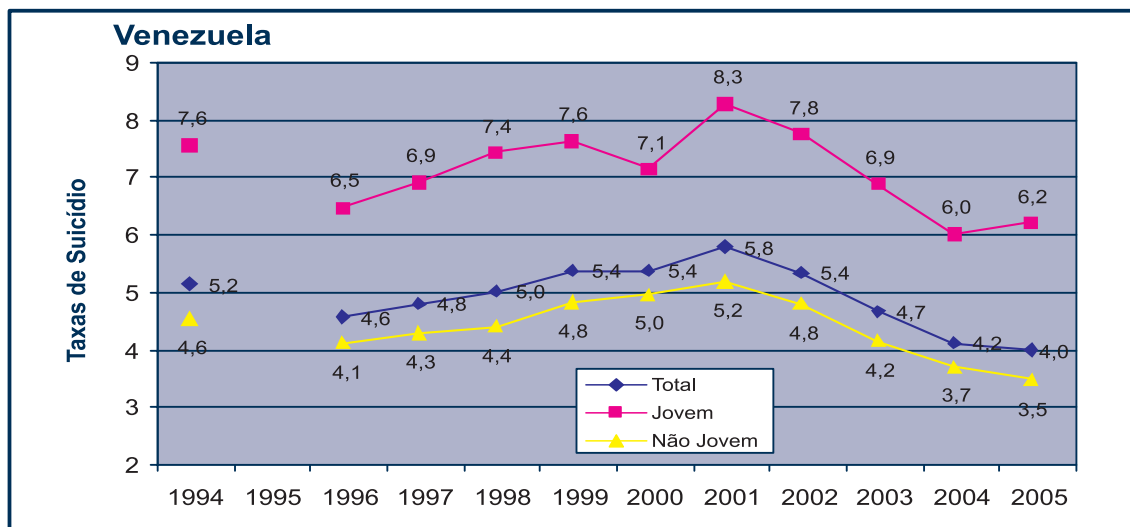
Tais diferenças de crescimento, cujos índices juvenis aumentam drasticamente, levaram a uma virtual paridade entre as taxas jovem e não-jovem, pelo que o índice de vitimização ficou perto da unidade: 0,90.



Independente do crescimento e da vitimização, as taxas totais de suicídio do Uruguai podem ser consideradas muito elevadas, tanto no contexto regional, onde ocupa o segundo lugar, logo

depois da Nicarágua, quanto no internacional, onde ocupa a posição 18. Com relação aos suicídios juvenis, a situação é mais séria ainda. Sua taxa de 14,2 suicídios em 100 mil jovens localiza o Uruguai, também aqui, no segundo lugar na região, e no 8º lugar com relação aos 83 países do mundo aqui analisados.

Venezuela: Com relação aos suicídios, a Venezuela apresenta dois momentos: de 1996 a 2001, com tendência crescente das taxas e de 2001 até 2005, com tendência declinante. Mas, ao longo do período 1994/2005 registram-se quedas de 22,4% nos suicídios totais, de 18% nos juvenis e de 23,1% nos suicídios não-juvenis.



As taxas totais de suicídio resultam relativamente baixas no contexto internacional, onde ocupa a 69ª posição e a 56ª quando se trata de suicídios juvenis. Também são baixas no contexto regional, onde ocupa a 13ª posição nos suicídios totais e a 11ª nos juvenis.

4.3 - Análise sintética dos suicídios.

O quadro a seguir permite visualizar a situação e evolução dos diversos indicadores de suicídio na região, informações que já foram abordadas ao longo do presente capítulo, na tentativa de delinear algumas inferências significativas sobre a situação e evolução recente dos índices. Devemos esclarecer que a avaliação da situação, constante nas respectivas colunas do quadro, tomam como marco de referência os índices regionais. Assim, os índices de suicídio da Guatemala ou da Venezuela foram considerados baixos, mas só no contexto regional. Essas taxas, consideradas baixas regionalmente, podem assumir outra dimensão se se muda o critério de comparação. Seguindo esse critério regionalizado, temos um número mais ou menos aproximado de países em cada nível de taxas: altas, médias e baixas.

Isso nos permite entrar nas modalidades do crescimento das taxas, onde surgem algumas características dignas de menção.

- Só três – Cuba, El Salvador e Venezuela – dos dezesseis países da região tiveram quedas nas taxas totais de suicídio, sendo a mais significativa a cubana, cujo total caiu acima de 40% entre 1995 e 2005.

- Já entre os jovens, foram quatro os países que evidenciaram queda: aos anteriores soma-se a República Dominicana, tendo destaque também aqui Cuba, cujas taxas caem acima de 60%.
- Dessa forma, na maior parte dos países considerados: 13 sobre 16, as taxas totais cresceram. Entre os jovens, foram 12 sobre 16.
- Em quatro países, Chile, Equador, Nicarágua e Paraguai, o crescimento total dos suicídios excedeu a faixa de 50%, sendo que na Nicarágua o índice mais que duplicou no período considerado.
- Já nos suicídios juvenis, foram sete os países cujo crescimento superou a faixa de 50%, com destaque para Argentina, Chile, Nicarágua e Paraguai, cujo incremento foi acima de 100%, isto é, mais que duplicando no período.
- Menção à parte merece uma característica da região: o grande número de países cujos índices de suicídios juvenis superam largamente os índices do restante da população, notadamente, sua população adulta. Efetivamente, em seis países da região: Colômbia, El Salvador, Equador, Guatemala, Nicarágua e Paraguai os suicídios juvenis, proporcionalmente, mais que duplicam os suicídios do resto da população. Só em três países da região: Cuba, República Dominicana e Uruguai, acontece o que parece ser normal no resto do mundo: as taxas não-jovens superam, e muitas vezes amplamente, as taxas de suicídio juvenil.

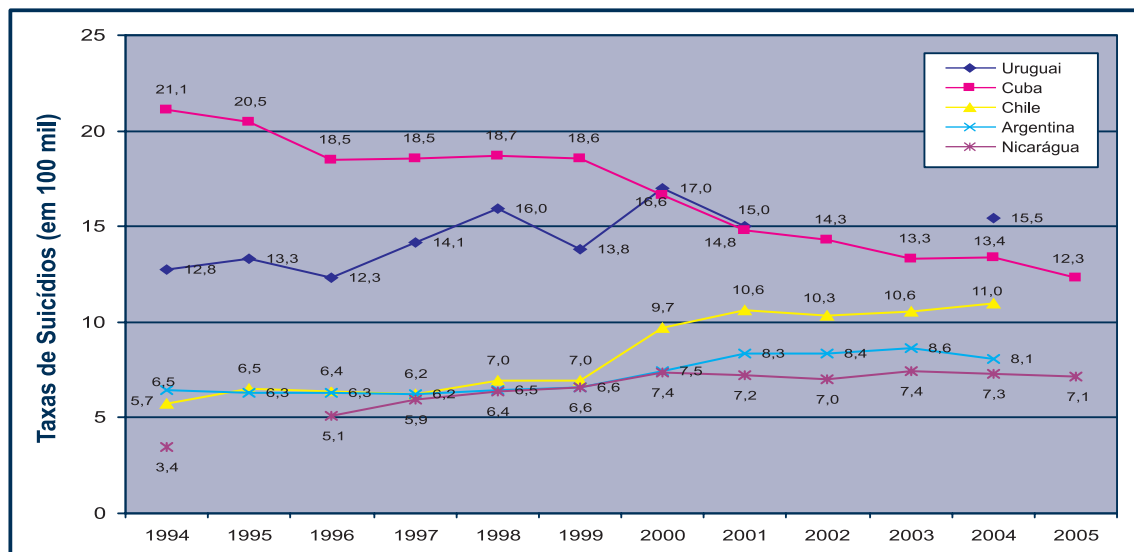
Tabela 4.3.1: Síntese da Situação e Evolução dos Índices de Suicídio. Países da América Latina

País	Período	Taxas de Óbito*						Crescimento**							
		Total	Situação	Jovem	Situação	Não-Jovem	Situação	Total	Situação	Jovem	Situação	Não-Jovem	Situação	Vitimização Juvenil	Situação
Argentina	1994/2005	8,1	↑	12,3	↔	7,2	↑	24,8	↔	110,5	↑	9,3	↔	1,7	↔
Brasil	1994/2005	4,5	↔	4,7	↓	4,5	↔	22,8	↔	12,9	↔	25,9	↔	1,1	↓
Chile	1994/2004	11,0	↑	13,2	↑	10,5	↑	91,5	↑	105,0	↑	88,3	↑	1,3	↔
Colômbia	1994/2005	4,9	↔	9,7	↔	3,9	↔	43,5	↔	54,1	↑	42,7	↔	2,5	↑
Costa Rica	1994/2005	6,8	↔	7,4	↔	6,7	↑	37,8	↔	15,6	↔	44,8	↔	1,1	↔
Cuba	1995/2005	12,3	↑	5,7	↓	13,4	↑	-41,5	↓	-63,0	↓	-39,9	↓	0,4	↓
El Salvador	Argentina	6,8	↔	12,5	↑	5,4	↔	-39,9	↓	-49,9	↓	-31,1	↓	2,3	↑
Equador	1994/2005	7,1	↔	13,1	↑	5,6	↔	54,5	↑	62,4	↑	52,1	↑	2,4	↑
Guatemala	1994/2005	2,1	↓	4,1	↓	1,6	↓	41,4	↔	49,0	↔	35,1	↔	2,5	↑
México	1994/2005	4,1	↓	6,0	↓	3,6	↓	42,3	↔	42,6	↔	44,7	↔	1,7	↔
Nicarágua	1994/2005	7,1	↑	14,6	↑	5,1	↔	107,4	↑	101,3	↑	107,7	↑	2,9	↑
Panamá	1996/2004	6,0	↔	7,5	↔	5,7	↔	43,4	↔	40,7	↔	45,1	↔	1,3	↔
Paraguai	1994/2004	3,8	↓	8,1	↔	2,9	↓	66,8	↑	151,7	↑	37,4	↔	2,8	↑
Rep. Dominicana	1994/2004	1,7	↓	1,5	↓	1,7	↓	22,7	↔	-23,1	↓	40,2	↔	0,9	↓
Uruguai	1994/2004	15,5	↑	14,2	↑	15,7	↑	21,2	↔	76,3	↑	14,5	↔	0,9	↓
Venezuela	1994/2005	4,0	↓	6,2	↔	3,5	↓	-22,4	↓	-18,0	↓	-23,1	↓	1,8	↔
* Último ano disponível		Taxa Alta		↑		Crescimento Alto		↑		Alta		↑			
** entre o ano inicial e o ano final disponível		Taxa Média		↔		Crescimento Baixo		↔		Média		↔			
		Taxa Baixa		↓		Crescimento Negativo		↓		Baixa		↓			

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

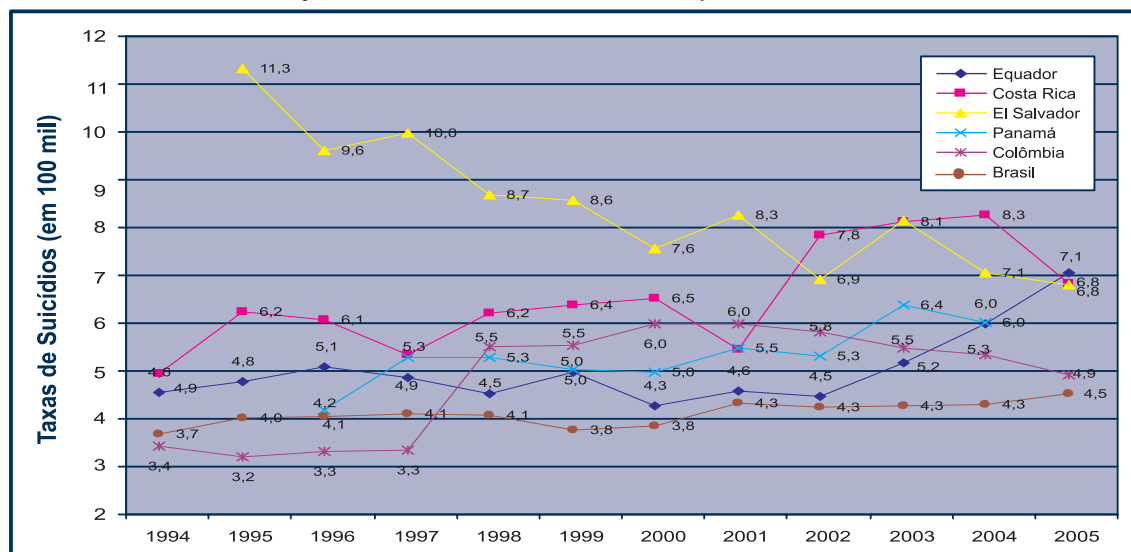
Os gráficos de 4.3.1 a 4.3.6 a seguir, evidenciam as características dessa evolução e as mudanças observáveis.

Gráfico 4.3.1: Evolução das Taxas Totais de Suicídio nos países da América Latina. Taxas Altas.



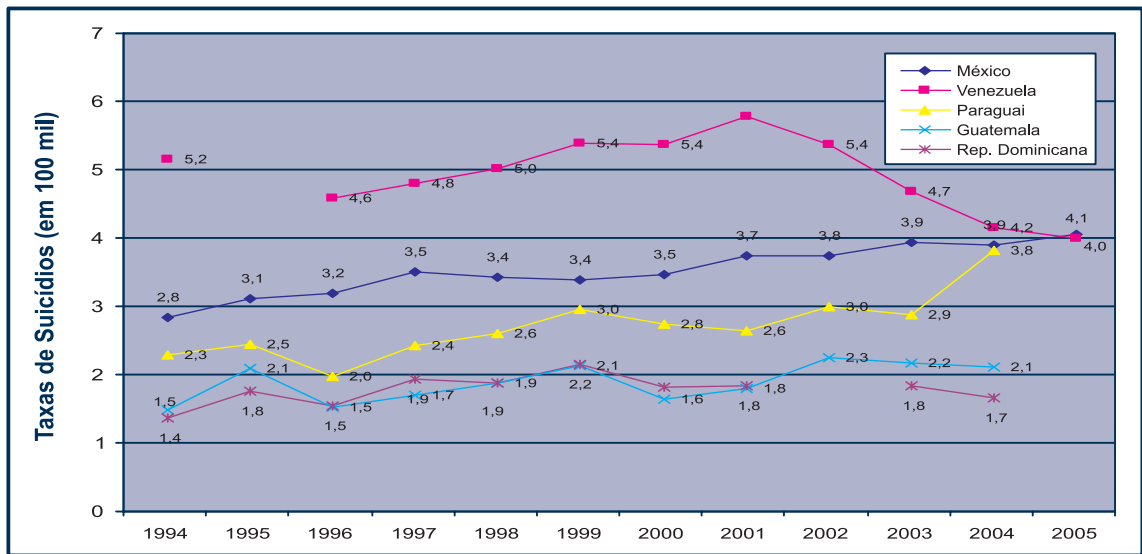
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 4.3.2: Evolução das Taxas Totais de Suicídio nos países da América Latina. Taxas Médias.



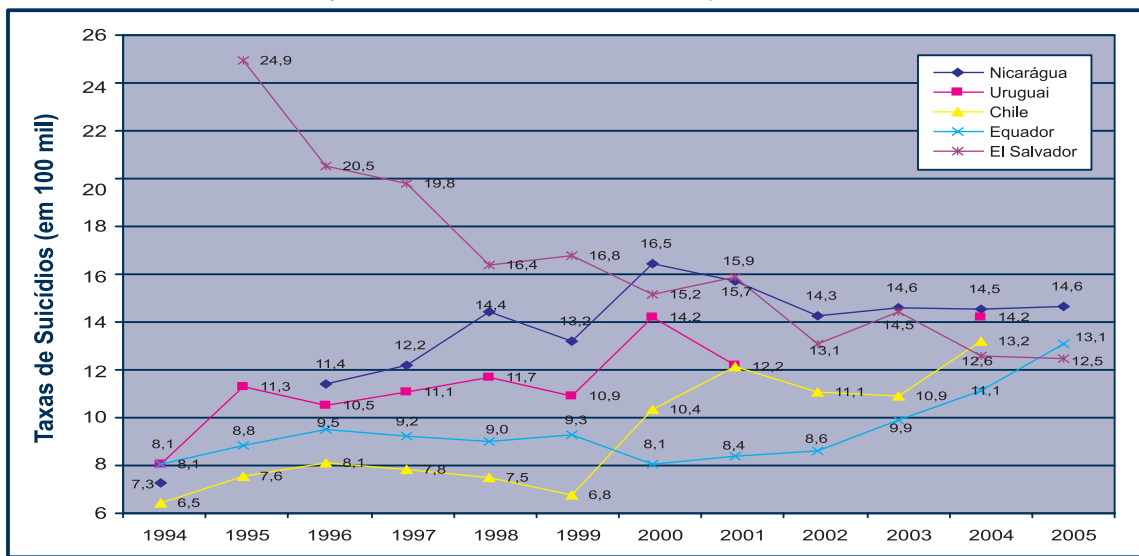
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 4.3.3: Evolução das Taxas Totais de Suicídio nos países da América Latina. Taxas Baixas.



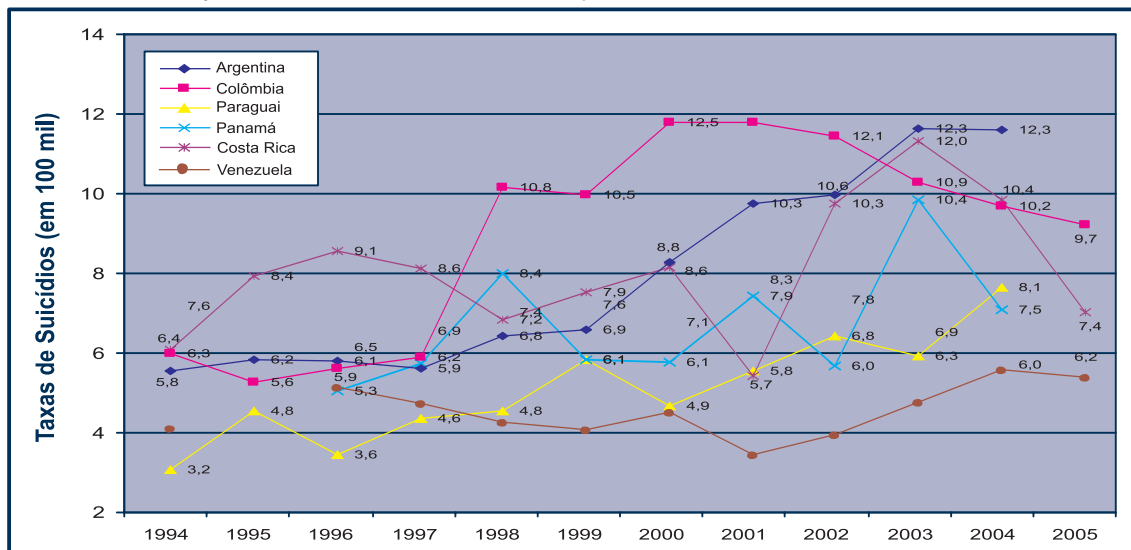
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 4.3.4: Evolução das Taxas Juvenis de Suicídio nos países da América Latina. Taxas Altas.



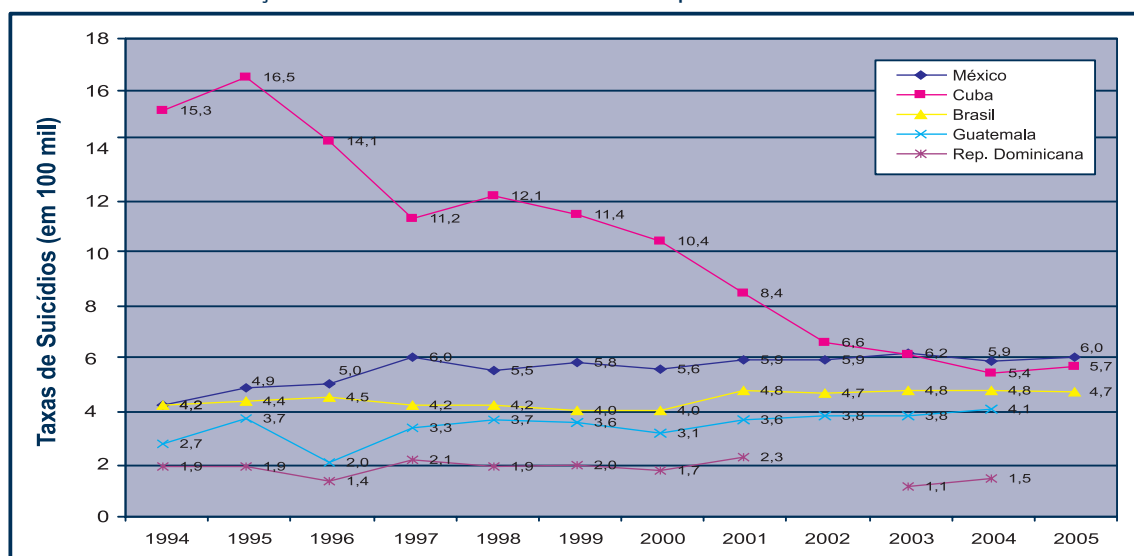
Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 4.3.5: Evolução das Taxas Juvenis de Suicídio nos países da América Latina. Taxas Médias.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Gráfico 4.3.6: Evolução das Taxas Juvenis de Suicídio nos países da América Latina. Taxas Baixas.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

4.4 - Fatores explicativos

Como indicado nos capítulos anteriores, a existência de um pequeno conjunto de indicadores estruturais bem significativos, sistematizados para todos os países do mundo nos sucessivos Relatórios de Desenvolvimento Humano, facilita enormemente a tarefa de associar os índices de suicídio com alguns desses indicadores. Selecionou-se o Relatório correspondente aos anos 2007/2008 por conter dados para a elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano correspondentes ao ano de 2005, aproximadamente, ano de nossos indicadores.

Em primeiro lugar, foram utilizados os coeficientes de correlação r de Pearson, estatística de associação mais adequada por se tratar de variáveis intervalares²⁵. Para interpretar esses valores, foi utilizado o coeficiente de determinação r^2 , que indica a proporção da variabilidade de uma variável que é explicada pela variabilidade da outra. Os coeficientes de correlação e os de determinação podem ser encontrados na tabela 4.4.2.

A princípio, é possível verificar que as taxas de suicídio se encontram associadas aos indicadores de desenvolvimento humano, quase com idêntico peso que as taxas de homicídio, mas com sinal inverso: em que nos suicídios a associação é positiva, nos homicídios é negativa, e vice-versa. Outra característica que diferencia suicídios de homicídios é que nenhum dos indicadores analisados parece afetar minimamente os suicídios juvenis. Só incidem em alguns casos, e de forma significativa, nos suicídios não-jovens e conseqüentemente, nos totais de suicídio. Isso permite entender que os determinantes que podem levar os jovens ao suicídio são relativamente independentes dos aqui analisados como fatores estruturais, devendo ser procurados em outros tipos de indicadores estruturais, institucionais ou pessoais.

Vemos, no mundo não-jovem, que o IDH evidencia uma correlação de fraca para moderada, e positiva com taxas de suicídio dos países, de forma tal que, com o aumento do IDH, tende a aumentar as taxas de homicídio. Nesse caso, o IDH explica 11,7% da variação dos índices totais de suicídio. Também o nível educacional, medido pela matrícula combinada da população nos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior) tem quase idêntico peso.

Tanto o índice de educação quanto o de renda do IDH apresentam também associação de leve para moderada com o suicídio não-jovem e o total, de forma que o primeiro explica 13,5%, e o segundo 10,6% da variação dos suicídios.

Mas os indicadores que têm maior capacidade explicativa são os relativos à concentração/distribuição da renda. Ambos os indicadores utilizados, a relação entre apropriação de renda por parte dos 10% mais pobres e os 10% mais ricos, como também o Índice Gini, explicam 25,7% e 29,1% respectivamente da variabilidade das taxas de suicídio dos países, coeficientes de associação que podem ser considerados elevados.

Se os indicadores utilizados parecem não incidir nas taxas de suicídio juvenil, quando se trata de vitimização juvenil por suicídios, as evidências apontam em sentido contrário. Em quatro dos indicadores utilizados: IDH, PIB *per capita*, Índice de Educação e Índice de Renda, a associação é moderada e negativa, de forma tal que, aumentando o IDH ou alguma de suas dimensões constitutivas, diminui a vitimização e a recíproca: a menor IDH ou componentes, maior vitimização.

Mas, novamente aqui, a variável que melhor explica os índices de vitimização juvenil é a concentração da renda, cuja associação resultou elevada e positiva. Dessa forma, quanto maior a concentração de renda, maior a vitimização juvenil. E o poder explicativo nesse caso é elevado: 57% quando usamos como indicador a relação entre o 10% mais rico e o 10% mais pobre, e 46% quando usamos como indicador o Índice Gini.

Tabela 4.4.1: Coeficientes de Correlação e de Determinação das Taxas de Suicídio e Indicadores Seleccionados. 70 Países

Associação de Taxas de Suicídio com:	Jovem		Não-Jovem		Total	
	r	r ²	r	r ²	r	r ²
Índice de Desenvolvimento Humano-IDH	0,178	3,2%	0,344	11,8%	0,342	11,7%
Esperança de vida à nascença (anos)	0,111	1,2%	0,208	4,3%	0,209	4,4%
Taxa de alfabetização de adultos	0,093	0,9%	0,292	8,5%	0,281	7,9%
Taxa de escolarização bruta combinada	0,260	6,8%	0,337	11,3%	0,343	11,8%
PIB per capita (Dólares PPC)	0,152	2,3%	0,267	7,1%	0,265	7,0%
Índice de Esperança de Vida	0,110	1,2%	0,208	4,3%	0,210	4,4%
Índice de Educação	0,223	5,0%	0,370	13,7%	0,368	13,5%
Índice de Renda	0,146	2,1%	0,330	10,9%	0,325	10,6%
Relação 10% + ricos/10% + pobres	-0,167	2,8%	-0,524	27,4%	-0,507	25,7%
Índice Gini	-0,167	2,8%	-0,555	30,8%	-0,539	29,1%

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

Tabela 4.4.2: Coeficientes de Correlação e de Determinação dos Índices de Vitimização Juvenil de Suicídio e Indicadores Seleccionados

Associação dos Índices de Vitimização Juvenil em Suicídios:	Coef. R de Pearson	Coef. de Determinação r ²
Índice de Desenvolvimento Humano-IDH	-0,384	14,7%
Esperança de vida à nascença (anos)	-0,235	5,5%
Taxa de alfabetização de adultos	-0,287	8,2%
Taxa de escolarização bruta combinada	-0,188	3,5%
PIB per capita (Dólares PPC)	-0,321	10,3%
Índice de Esperança de Vida	-0,235	5,5%
Índice de Educação	-0,384	14,7%
Índice de Renda	-0,388	15,1%
Relação 10% + ricos/10% + pobres	0,755	57,0%
Índice Gini	0,679	46,1%

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

Os resultados da análise de regressão permitirão verificar melhor a incidência de cada um dos indicadores acima investigados, controlando suas interações.

Vemos que o poder explicativo dos fatores arrolados no modelo, para a população jovem são, em geral, muito baixos. Os de maior peso, que se referem à educação, explicam em conjunto 9,8%

da variação nas taxas de suicídio juvenil. Já na população não-jovem e total, a situação muda significativamente. Novamente aqui, a concentração da renda tem considerável poder explicativo: aproximadamente 25% da variação dos suicídios. Os outros três fatores associados, escolarização combinada, índice de renda e PIB *per capita* agregam em conjunto mais 8,3% totalizando assim 32,2% de poder de determinação.

Tabela 4.4.3: Resultados da Regressão Múltipla de Indicadores Seleccionados com as Taxas de Suicídio para a População Jovem, Não-Jovem e Total. 70 Países.

Indicadores	Jovem		Não-Jovem		Total	
	r Cumulada	R2 Agregado	r Cumulada	R2 Agregado	r Cumulada	R2 Agregado
Relação dos 10% + ricos/10% + pobres			0,505	0,255	0,486	0,236
Taxa de escolarização combinada	0,220	0,049			0,513	0,028
Índice de renda			0,580	0,025	0,565	0,045
PIB per capita					0,523	0,010
Índice de educação	0,263	0,021	0,529	0,051		
Taxa de alfabetização de adultos	0,312	0,028				

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

5. MORTALIDADE POR ARMAS DE FOGO

O presente capítulo tenta delinear a mortalidade causada por armas de fogo. À medida que as armas podem ter participação parcial em alguns dos capítulos já vistos – como homicídios e suicídios, mas também em outros, como acidentes com armas de fogo e/ou mortes por armas de fogo de intencionalidade indeterminada –, julgamos conveniente destacar um capítulo específico ao tema. Justifica-se, dado que adquire especial evidência para verificar os mecanismos específicos da violência letal na América Latina, pois, como será visto ao longo do capítulo, as elevadas taxas de mortalidade por armas de fogo constituem uma especificidade regional.

Mas os dados disponíveis sobre o tema são bem mais limitados que os existentes para os capítulos anteriores. A OMS só disponibiliza os dados referentes à mortalidade por armas de fogo para aqueles países que utilizam a Classificação Internacional de Doenças, versão 10. Os países foram adotando essa versão a partir de meados da década de 90, e alguns ainda não o fizeram. Por esse motivo, as séries históricas existentes para o tema são temporalmente bem mais limitadas, pelo que se decidiu eliminar a análise da evolução histórica das taxas de mortalidade por armas de fogo.

5.1 – As mortes por armas de fogo no contexto internacional.

Nas tabelas a seguir é detalhada a situação de setenta países, dentre os quais, quinze da América Latina, para os quais a OMS, a través de seu sistema de informações, disponibilizou dados de mortalidade com armas de fogo para um período recente. O quantitativo de países é menor que o detalhado nos capítulos anteriores, dado que nem para todos os países – especificamente os que ainda operam com a CID 9 da OMS²⁶ – foram divulgados os dados correspondentes.

Nas primeira duas tabelas: 5.1.1 e 5.1.2 é sintetizada a situação das taxas de mortalidade por armas de fogo nos continentes/regiões, desagregando as diversas categorias e as faixas etárias. As tabelas seguintes: 5.1.3 e 5.1.4 contêm a mesma informação, mas desagregada por país, para a população jovem e o total. Temos, nessas tabelas, as taxas de mortalidade desagregadas por causa e faixa etária, além do índice de vitimização juvenil, que mais nada é que a relação entre a taxa não-jovem e a jovem.

26 Classificação Internacional de Doenças, versão 9 da Organização Mundial da Saúde. A divulgação da subclassificação de mortes por armas de fogo recém começou a operar a partir da CID 10, que a maior parte dos países do mundo adotou na década de 90.

Quando esse índice fica próximo de 1, significa que não existem dificuldades, as taxas jovem e não-jovem são muito semelhantes. Se o índice está significativamente abaixo da unidade significa que a juventude se encontra preservada: proporcionalmente, morrem mais não-jovens que jovens. Mas se está acima de 1, é um forte indicador de dificuldades juvenis, e quanto mais acima da unidade, maior o problema. Nessas tabelas, os setenta países se encontram relacionados em ordem alfabética. Os países da América Latina, para melhor visualização, foram destacados com a cor amarela na listagem.

Vários fatos nessas tabelas chamam imediatamente a atenção.

- Quando analisadas por região/continente, a América Latina destaca-se pelos seus elevados índices de mortalidade por armas de fogo. Sua taxa total de 17,8²⁷ mortes em 100 mil habitantes resulta 50% maior à africana, e treze vezes superior à européia ou à asiática.
- Visto pelo lado dos componentes, vemos que nem a utilização de armas de fogo nos suicídios, nem as mortes por acidentes com arma têm destaque na região; só a utilização de armas de fogo nos homicídios explica tais diferenças.

Tabela 5.1 1: Taxa de Mortalidade Total por Armas de Fogo por Causa, segundo Região/Continte

Região / Continente	Acidente	Homicídio	Indeterminado	Suicídio	Total
África	2,1	0,3	9,5	0,1	12,0
América do Norte	0,3	4,0	0,1	5,3	9,6
América Latina	0,2	15,0	1,7	0,9	17,8
Ásia	0,0	0,8	0,3	0,2	1,3
Caribe	0,5	6,2	0,7	0,5	7,8
Europa	0,0	0,2	0,1	0,9	1,3
Oceania	0,2	0,2	0,0	0,9	1,4

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

- Quando se trata da população jovem, esse diferencial é ainda maior. A taxa de 35,4 em 100 jovens mais que duplica a africana ou a da América do Norte e resulta quase quarenta vezes maior que a européia. Também nesse caso, o grande diferencial é encontrado na utilização de armas de fogo nos homicídios.

Tabela 5.1.2: Taxa de Mortalidade Juvenil por Armas de Fogo por Causa, segundo Região/Continte

Região / Continente	Acidente	Homicídio	Indeterminado	Suicídio	Total	Índice de Vitimização Juvenil
África	2,6	0,4	11,2	0,0	14,3	1,25
América do Norte	0,5	10,2	0,2	4,3	15,2	1,75
América Latina	0,4	29,9	3,8	1,3	35,4	2,57
Ásia	0,1	1,2	0,4	0,3	2,0	1,60
Caribe	0,2	8,4	0,8	0,7	10,0	1,36
Europa	0,0	0,3	0,1	0,4	0,9	0,61
Oceania	0,2	0,4	0,0	0,6	1,2	0,85

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

- A última coluna da tabela 5.1.2 remete aos índices de vitimização juvenil por armas de fogo. Vemos que a América Latina é a região que apresenta, além dos índices mais elevados do planeta, uma intensa utilização das armas de fogo na mortalidade juvenil: representa o setor da população que mais morre vítima das armas de fogo.
- A tabela 5.1.3 desagrega esses mesmos dados para setenta países, incluindo quinze da América Latina. Já a tabela 5.1.4 os organiza segundo suas taxas. Podemos verificar que:
- os países da região se destacam pelas suas elevadas taxas de mortalidade por armas de fogo, tanto na população total quanto na jovem.
- Isso fica bem evidente observando na tabela 5.1.4 que, na população total, os três países com maiores taxas de mortalidade por armas de fogo: Colômbia, El Salvador e Venezuela são da América Latina, região à qual também pertencem seis dos dez países com as maiores taxas.

Tabela 5.1.3: Taxa de Mortalidade por Armas de Fogo total e juvenil, segundo tipo.

Países do Mundo

País	Ano	Acidente		Homicídio		Indeterminado		Suicídio		Arma de Fogo	
		Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem
África do Sul	2005	2,2	2,7	0,3	0,4	9,9	11,6	0,1	0,0	12,5	14,7
Alemanha	2004	0,0	0,0	0,1	0,1	0,2	0,1	1,1	0,3	1,4	0,5
Antigua e Barbuda	2002	0,0	0,0	5,1	0,0	1,3	0,0	0,0	0,0	6,4	0,0
Argentina	2004	0,5	0,9	3,0	5,8	1,4	2,6	2,4	3,8	7,3	13,1
Austrália	2003	0,2	0,2	0,2	0,4	0,0	0,0	0,9	0,7	1,4	1,3
Áustria	2006	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	2,8	1,0	2,9	1,0
Brasil	2004	0,1	0,2	18,3	41,5	0,8	1,6	0,7	0,9	19,9	44,2
Canadá	2004	0,1	0,1	0,5	1,1	0,0	0,0	1,8	1,3	2,3	2,5
Chile	2004	0,2	0,5	1,7	2,8	0,0	0,0	1,0	1,1	2,9	4,4
Colômbia	2004	0,2	0,5	43,9	74,3	1,4	2,6	1,5	3,1	47,0	80,5
Costa Rica	2005	0,0	0,0	4,7	6,3	0,2	0,6	1,3	1,5	6,3	8,4
Croácia	2005	0,2	0,2	0,6	0,3	0,0	0,0	2,8	1,4	3,6	1,9
Cuba	2005	0,1	0,2	0,4	1,1	0,1	0,2	0,3	0,8	0,9	2,3
Dominica	2003	0,0	0,0	1,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,4	0,0
El Salvador	2005	0,1	0,1	39,6	77,5	0,0	0,0	0,2	0,5	39,8	78,1
Equador	2005	0,1	0,3	11,8	17,0	0,0	0,0	0,7	0,8	12,6	18,1
Escócia	2005	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,3	0,4	0,3
Eslováquia	2005	0,2	0,1	0,2	0,1	0,2	0,1	1,5	1,4	2,1	1,8
Eslovênia	2006	0,0	0,0	0,1	0,4	0,0	0,0	2,6	1,5	2,8	1,9
Espanha	2005	0,1	0,1	0,2	0,3	0,0	0,0	0,4	0,2	0,6	0,6
Estônia	2005	0,0	0,0	0,4	0,0	0,7	1,4	1,8	2,4	2,8	3,8
Finlândia	2006	0,1	0,2	0,3	0,0	0,0	0,0	3,5	4,7	3,9	4,9
França	2005	0,1	0,1	0,2	0,2	0,5	0,3	2,7	0,9	3,5	1,5
Guiana Francesa	2005	7,3	3,2	4,2	6,5	6,3	6,5	3,1	6,5	21,0	22,6
Guadalupe	2005	0,0	0,0	0,7	1,7	1,4	1,7	0,7	0,0	2,7	3,4
Guiana	2005	0,0	0,0	7,7	7,9	0,0	0,0	0,4	1,3	8,1	9,3
Holanda	2004	0,0	0,0	0,3	0,7	0,0	0,0	0,3	0,2	0,6	0,9
Hong Kong	2005	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

(continua)

Tabela 5.1.3: Taxa de Mortalidade por Armas de Fogo total e juvenil, segundo tipo.

Países do Mundo (continuação)

País	Ano	Acidente		Homicídio		Indeterminado		Suicídio		Arma de Fogo	
		Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem
Hungria	2005	0,0	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,9	0,5	1,0	0,7
Ilha Reunião	2005	0,0	0,0	0,9	0,0	0,4	0,0	0,9	1,5	2,2	1,5
Ilhas Virgens	2003	0,0	0,0	22,9	27,1	0,0	0,0	2,7	0,0	25,7	27,1
Inglaterra e Gales	2005	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0	0,2	0,2
Irlanda do Norte	2005	0,0	0,0	0,6	0,0	0,0	0,0	0,7	0,4	1,3	0,4
Islândia	2005	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	1,4	0,0	1,7	0,0
Israel	2003	0,3	0,9	0,9	1,1	0,1	0,1	1,8	3,3	3,0	5,5
Itália	2003	0,1	0,0	0,6	0,6	0,0	0,1	0,9	0,6	1,7	1,3
Japão	2006	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1
Kuwait	2002	0,0	0,0	0,3	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	1,1
Letônia	2005	0,1	0,0	0,6	0,0	0,2	0,0	1,0	0,3	1,9	0,3
Lituânia	2005	0,1	0,2	0,4	0,4	0,4	0,8	1,0	0,6	1,8	1,9
Luxemburgo	2005	0,0	0,0	0,2	0,0	0,4	0,0	1,3	1,9	2,0	1,9
Martinica	2005	0,0	0,0	1,5	3,5	0,8	1,8	0,8	0,0	3,0	5,3
México	2005	0,3	0,4	4,8	5,5	0,4	0,5	0,6	0,7	6,0	7,0
Moldávia	2006	0,1	0,0	0,6	0,6	0,0	0,1	0,1	0,0	0,8	0,7
Nicarágua	2005	0,6	1,1	5,7	8,9	0,2	0,3	0,5	0,8	6,9	11,1
Noruega	2005	0,0	0,0	0,1	0,4	0,0	0,0	1,7	1,4	1,9	1,8
Nova Zelândia	2004	0,0	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0	0,3	1,1	0,5
Panamá	2004	0,1	0,2	5,9	13,0	0,1	0,2	0,5	0,5	6,5	13,9
Paraguai	2004	0,2	0,3	6,3	12,1	0,8	1,8	1,0	1,6	8,4	15,8
Polônia	2005	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,2	0,1	0,1	0,3	0,3
Portugal	2003	0,1	0,1	0,5	1,0	0,2	0,2	1,2	0,7	2,0	2,0
Porto Rico	2003	0,5	1,2	17,1	44,9	0,0	0,0	1,0	1,0	18,6	47,1
Quirguistão	2005	0,2	0,3	0,8	0,7	0,1	0,1	0,1	0,3	1,1	1,4
Reino Unido	2005	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,2	0,1	0,3	0,2
Rep. da Maurícia	2005	0,0	0,0	0,2	0,5	0,0	0,0	0,3	0,0	0,5	0,5
Rep. de Coreia	2006	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,1	0,2
Rep. Dominicana	2004	0,0	0,0	3,0	4,9	8,0	13,6	0,2	0,4	11,3	18,9
Rep. Tcheca	2005	0,1	0,0	0,2	0,1	0,2	0,2	1,4	0,6	1,8	0,9
Romênia	2004	0,1	0,1	0,1	0,2	0,0	0,0	0,1	0,2	0,2	0,5
Santa Lúcia	2002	0,0	0,0	9,7	13,2	0,0	0,0	0,0	0,0	9,7	13,2
São Vicente e G.	2003	0,0	0,0	3,4	8,1	0,0	0,0	0,0	0,0	3,4	8,1
Sérvia	2006	0,1	0,0	0,9	0,9	0,2	0,2	2,4	1,8	3,5	2,9
Sérvia e Montenegro	2002	0,0	0,0	1,0	1,4	0,7	0,5	2,6	2,1	4,4	4,0
Suécia	2004	0,0	0,0	0,2	0,2	0,0	0,1	1,5	1,0	1,7	1,3
Tailândia	2002	0,1	0,2	3,2	3,5	1,1	1,2	0,4	0,5	4,8	5,3
Trinidade e Tobago	2002	0,1	0,0	9,5	12,1	0,1	0,4	0,2	0,0	9,9	12,6
Uruguai	2004	2,4	4,3	2,2	4,5	0,0	0,2	5,5	3,7	10,1	12,6
USA	2005	0,3	0,5	4,2	10,7	0,1	0,2	5,7	4,7	10,2	16,0
Uzbequistão	2005	0,0	0,0	0,6	0,6	0,1	0,1	0,0	0,1	0,7	0,8
Venezuela	2004	0,3	0,6	25,5	58,3	17,1	44,9	0,6	0,9	43,5	104,7

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

- Entre os jovens a situação é mais grave ainda. O país da América Latina que apresenta a menor taxa, Cuba, com 2,3 mortes por armas de fogo em cada 100 mil jovens, no contexto internacional, encontra-se na posição 33, isto é, intermediária. Quase todos os países da região se localizam no grupo das taxas elevadas.
- Algo semelhante acontece com as taxas de vitimização juvenil. Todos os países da região agrupam-se acima da metade da escala.

Tabela 5.1.4: Ordenamento dos Países segundo Taxa de Mortalidade Total e Juvenil por Arma de Fogo.

Países do Mundo.

TAXA DE ÓBITO TOTAL			TAXA DE ÓBITO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Colômbia	47,0	1º	Venezuela	104,7	1º	Kuwait	3,79	1º
Venezuela	43,5	2º	Colômbia	80,5	2º	São Vicente e G.	3,71	2º
El Salvador	39,8	3º	El Salvador	78,1	3º	Cuba	3,60	3º
Ilhas Virgens	25,7	4º	Porto Rico	47,1	4º	Venezuela	3,54	4º
Guiana Francesa	21,0	5º	Brasil	44,2	5º	Porto Rico	3,52	5º
Brasil	19,9	6º	Ilhas Virgens	27,1	6º	Brasil	3,10	6º
Porto Rico	18,6	7º	Guiana Francesa	22,6	7º	Panamá	2,83	7º
Equador	12,6	8º	Rep. Dominicana	18,9	8º	Romênia	2,72	8º
África do Sul	12,5	9º	Equador	18,1	9º	Rep. de Coréia	2,67	9º
Rep. Dominicana	11,3	10º	USA	16,0	10º	El Salvador	2,58	10º
USA	10,2	11º	Paraguai	15,8	11º	Paraguai	2,34	11º
Uruguai	10,1	12º	África do Sul	14,7	12º	Israel	2,15	12º
Trinidade e Tobago	9,9	13º	Panamá	13,9	13º	Argentina	2,13	13º
Santa Lúcia	9,7	14º	Santa Lúcia	13,2	14º	Colômbia	2,02	14º
Paraguai	8,4	15º	Argentina	13,1	15º	Martinica	1,98	15º
Guiana	8,1	16º	Uruguai	12,6	16º	Rep. Dominicana	1,97	16º
Argentina	7,3	17º	Trinidade e Tobago	12,6	17º	Nicarágua	1,92	17º
Nicarágua	6,9	18º	Nicarágua	11,1	18º	Chile	1,73	18º
Panamá	6,5	19º	Guiana	9,3	19º	USA	1,72	19º
Antigua e Barbuda	6,4	20º	Costa Rica	8,4	20º	Equador	1,61	20º
Costa Rica	6,3	21º	São Vicente e G.	8,1	21º	Holanda	1,53	21º
México	6,0	22º	México	7,0	22º	Santa Lúcia	1,50	22º
Tailândia	4,8	23º	Israel	5,5	23º	Costa Rica	1,47	23º
Sérvia e Montenegro	4,4	24º	Tailândia	5,3	24º	Estônia	1,44	24º
Finlândia	3,9	25º	Martinica	5,3	25º	Japão	1,42	25º
Croácia	3,6	26º	Finlândia	4,9	26º	Trinidade e Tobago	1,37	26º
Sérvia	3,5	27º	Chile	4,4	27º	Uruguai	1,31	27º
França	3,5	28º	Sérvia e Montenegro	4,0	28º	Quirguistão	1,30	28º
São Vicente e G.	3,4	29º	Estônia	3,8	29º	Finlândia	1,29	29º
Martinica	3,0	30º	Guadalupe	3,4	30º	Guadalupe	1,28	30º
Israel	3,0	31º	Sérvia	2,9	31º	África do Sul	1,24	31º
Áustria	2,9	32º	Canadá	2,5	32º	Uzbequistão	1,23	32º
Chile	2,9	33º	Cuba	2,3	33º	México	1,22	33º
Estônia	2,8	34º	Portugal	2,0	34º	Guiana	1,18	34º

(continua)

Tabela 5.1.4: Ordenamento dos Países segundo Taxa de Mortalidade Total e Juvenil por Arma de Fogo.
Países do Mundo. (continuação)

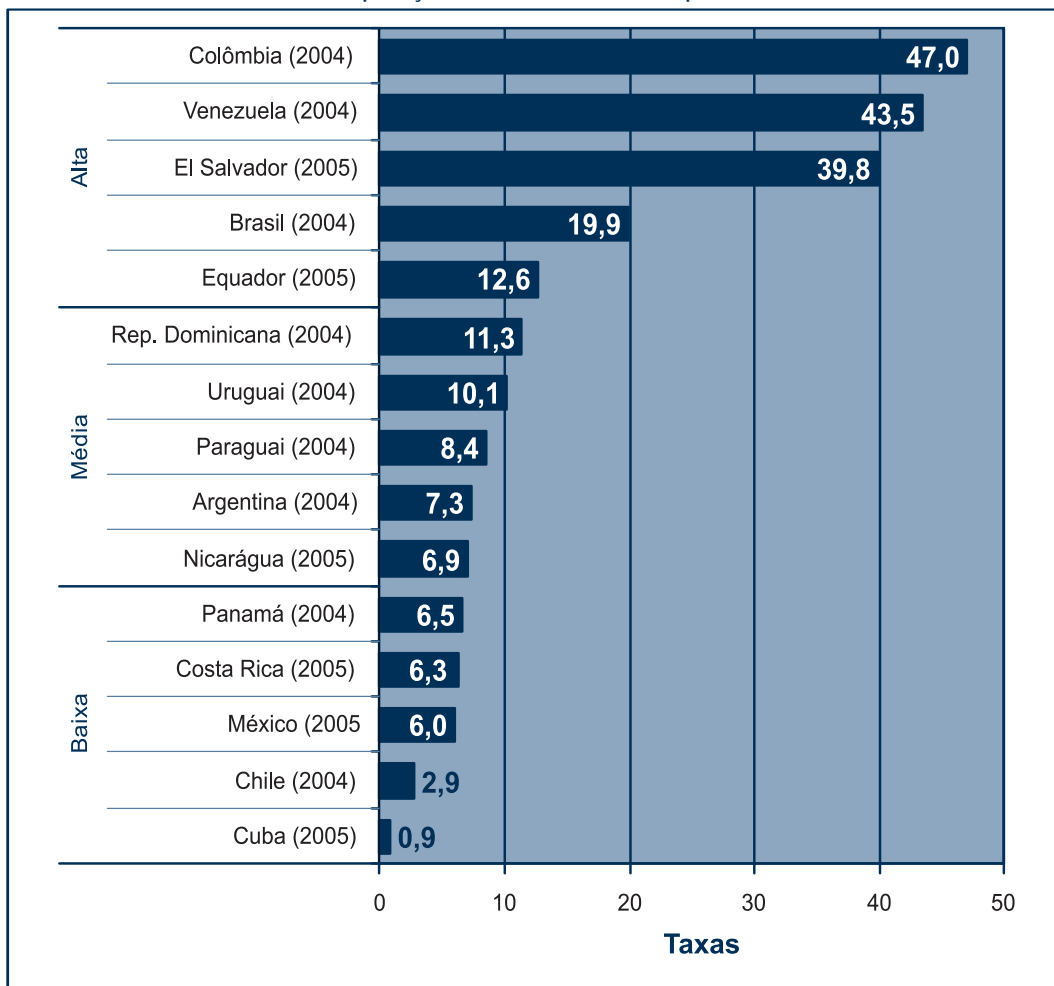
TAXA DE ÓBITO TOTAL			TAXA DE ÓBITO JUVENIL			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO		
País	Taxa	Pos.	País	Taxa	Pos.	País	Índice	Pos.
Eslovênia	2,8	35º	Eslovênia	1,9	35º	Tailândia	1,13	35º
Guadalupe	2,7	36º	Lituânia	1,9	36º	Guiana Francesa	1,09	36º
Canadá	2,3	37º	Luxemburgo	1,9	37º	Canadá	1,08	37º
Ilha Reunião	2,2	38º	Croácia	1,9	38º	Ilhas Virgens	1,07	38º
Eslováquia	2,1	39º	Noruega	1,8	39º	Rep. da Maurícia	1,06	39º
Portugal	2,0	40º	Eslováquia	1,8	40º	Lituânia	1,03	40º
Luxemburgo	2,0	41º	Ilha Reunião	1,5	41º	Portugal	1,00	41º
Noruega	1,9	42º	França	1,5	42º	Luxemburgo	0,95	42º
Letônia	1,9	43º	Quirguistão	1,4	43º	Polônia	0,95	43º
Lituânia	1,8	44º	Austrália	1,3	44º	Austrália	0,93	44º
Rep. Tcheca	1,8	45º	Suécia	1,3	45º	Noruega	0,93	45º
Suécia	1,7	46º	Itália	1,3	46º	Sérvia e Montenegro	0,88	46º
Islândia	1,7	47º	Kuwait	1,1	47º	Espanha	0,88	47º
Itália	1,7	48º	Áustria	1,0	48º	Moldávia	0,84	48º
Austrália	1,4	49º	Holanda	0,9	49º	Sérvia	0,82	49º
Dominica	1,4	50º	Rep. Tcheca	0,9	50º	Eslováquia	0,81	50º
Alemanha	1,4	51º	Uzbequistão	0,8	51º	Escócia	0,79	51º
Irlanda do Norte	1,3	52º	Moldávia	0,7	52º	Itália	0,72	52º
Nova Zelândia	1,1	53º	Hungria	0,7	53º	Inglaterra e Gales	0,71	53º
Quirguistão	1,1	54º	Espanha	0,6	54º	Suécia	0,70	54º
Hungria	1,0	55º	Rep. da Maurícia	0,5	55º	Ilha Reunião	0,67	55º
Cuba	0,9	56º	Nova Zelândia	0,5	56º	Eslovênia	0,66	56º
Moldávia	0,8	57º	Romênia	0,5	57º	Reino Unido	0,66	57º
Uzbequistão	0,7	58º	Alemanha	0,5	58º	Hungria	0,63	58º
Espanha	0,6	59º	Irlanda do Norte	0,4	59º	Croácia	0,48	59º
Holanda	0,6	60º	Polônia	0,3	60º	Rep. Tcheca	0,45	60º
Rep. da Maurícia	0,5	61º	Escócia	0,3	61º	Nova Zelândia	0,41	61º
Kuwait	0,4	62º	Letônia	0,3	62º	França	0,40	62º
Escócia	0,4	63º	Rep. de Coreia	0,2	63º	Alemanha	0,31	63º
Polônia	0,3	64º	Reino Unido	0,2	64º	Áustria	0,31	64º
Reino Unido	0,3	65º	Inglaterra e Gales	0,2	65º	Irlanda do Norte	0,26	65º
Romênia	0,2	66º	Japão	0,1	66º	Letônia	0,13	66º
Inglaterra e Gales	0,2	67º	Antigua e Barbuda	0,0	67º	Antigua e Barbuda	0,00	67º
Rep. de Coreia	0,1	68º	Dominica	0,0	67º	Dominica	0,00	67º
Japão	0,0	69º	Hong Kong	0,0	67º	Hong Kong	0,00	67º
Hong Kong	0,0	69º	Islândia	0,0	67º	Islândia	0,00	67º

Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

5.2 - As mortes por armas de fogo no contexto regional

Os dois gráficos a seguir sintetizam os dados já apresentados nas tabelas anteriores, centrando o foco exclusivamente nos países da América Latina. Os quinze países para os quais se dispõe de dados foram distribuídos em três grandes grupos de cinco países cada um, de acordo com seus níveis de mortalidade por armas de fogo. Esclarece-se que aqui a referência é regional: os níveis são altos, médios ou baixos para a região, independentemente do contexto internacional.

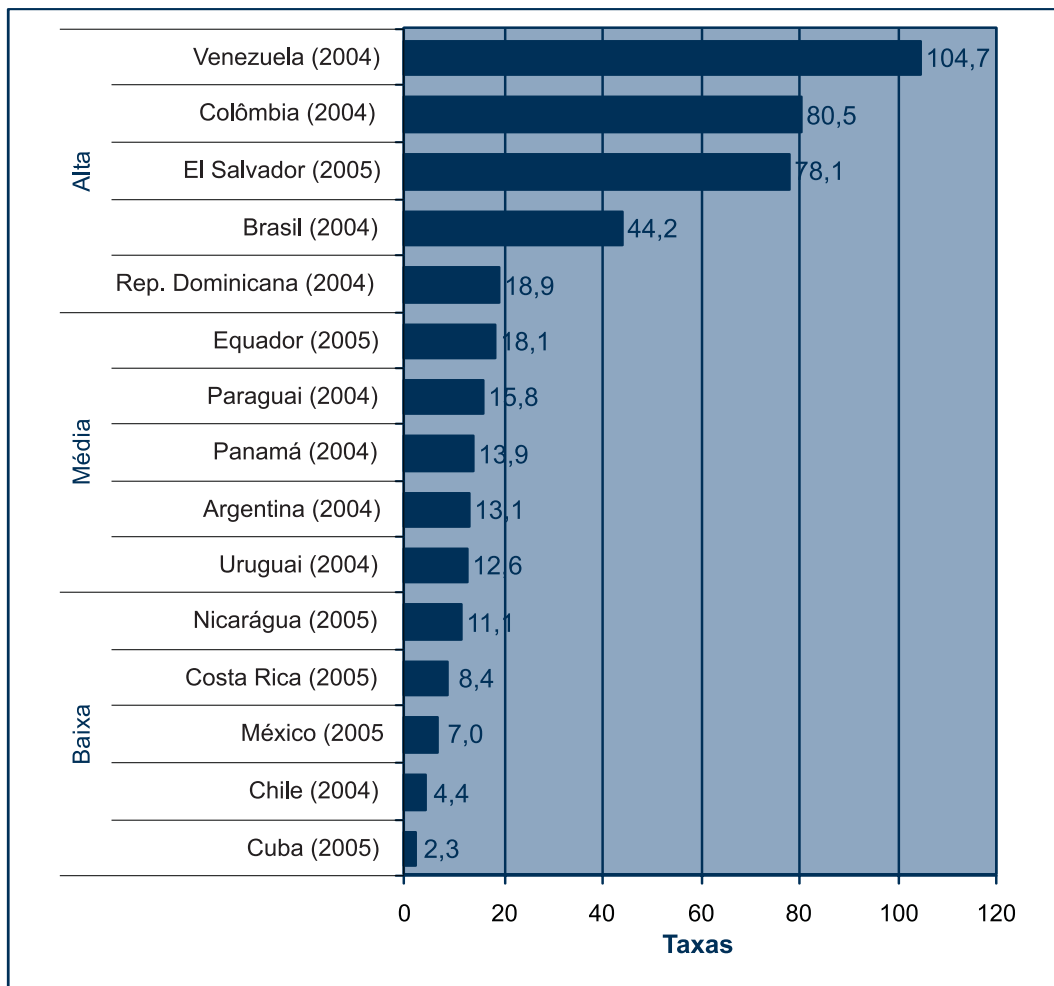
Gráfico 5.2.1: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Mortalidade por Armas de Fogo na População Total. Último ano disponível.



Fonte: Microdados WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Vemos que Colômbia, El Salvador e Venezuela, com taxas totais de 40 mortes por armas de fogo em 100 mil habitantes para cima, encabeçam a lista de países da região com índices mais elevados de mortalidade.

Gráfico 5.2.2: Ordenamento dos Países da América Latina segundo Taxas de Mortalidade por Armas de Fogo na População Jovem. Último ano disponível.



Fonte: Microdados *WHOSIS* e complementares (ver item 1.2)

5.3 - Fatores explicativos

Novamente neste caso, tentaremos associar os índices acima analisados referentes à mortalidade por armas de fogo com os indicadores construídos pelo *Relatório de Desenvolvimento Humano*, correspondente aos anos 2007/2008, por conter dados correspondentes ao ano de 2005.

Em primeiro lugar, foram utilizados os coeficientes de correlação r de Pearson²⁸. Para interpretar esses valores, foi utilizado o coeficiente de determinação r^2 , que indica a proporção da variabilidade de uma variável que é explicada pela variabilidade da outra. Os coeficientes de correlação e os de determinação podem ser encontrados na tabela 5.3.1.

A princípio, é possível verificar que as taxas de mortalidade por armas de fogo se encontram associadas aos indicadores de desenvolvimento humano quase com peso e sentido semelhante ao das taxas de homicídio. E não poderia ser de outra forma: 2/3 dos homicídios foram perpetrados com arma de fogo e, no conjunto das mortes por armas de fogo, os homicídios também representam a 2/3 parte.

No caso da mortalidade por armas de fogo, produto *per capita* e matrícula combinada apresentam associação de baixa para moderada. Mas o maior poder de determinação recai, novamente aqui, nos indicadores de concentração de renda, que chegam a explicar, como no caso da relação 10% mais pobre e 10% mais rico, acima de metade da variação das taxas de mortalidade por armas de fogo, tanto a juvenil quanto a total. Mas também explica acima de 40% da variabilidade dos índices de vitimização juvenil.

Tabela 5.3.1: Coeficiente de Correlação e de Determinação dos Índices de Mortalidade por Armas de Fogo e Indicadores Selecionados

Correlação de Taxas de Homicídio com:	Armas Total		Armas Jovem		Vitimização	
	r	r ²	r	r ²	r	r ²
Índice de Desenvolvimento Humano	-0,269	7,2%	-0,248	6,1%	-0,240	5,8%
Esperança de Vida à nascença	-0,215	4,6%	-0,174	3,0%	-0,138	1,9%
Taxa de alfabetização de adultos	-0,167	2,8%	-0,152	2,3%	-0,107	1,1%
Taxa de escolarização combinada	-0,237	5,6%	-0,225	5,0%	-0,248	6,2%
PIB <i>per capita</i>	-0,321	10,3%	-0,307	9,4%	-0,344	11,9%
Índice de Esperança de Vida	-0,215	4,6%	-0,174	3,0%	-0,138	1,9%
Índice de educação	-0,206	4,3%	-0,189	3,6%	-0,160	2,6%
Índice de renda	-0,280	7,9%	-0,275	7,6%	-0,307	9,4%
Relação 10% mais ricos / 10% mais pobres	0,736	54,1%	0,722	52,1%	0,653	42,6%
Índice Gini	0,594	35,2%	0,559	31,2%	0,569	32,4%

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados WHOSIS

Realizada a análise de regressão múltipla, utilizando como variáveis preditoras os indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano, acrescentando também concentração de renda, foi possível verificar que, em todos os casos, a única que supera o patamar de 1% de capacidade de determinação é a concentração da renda que explica, uma vez consideradas as interações:

- 54,5% das variações da taxa total de mortes por arma de fogo;
- 53,1% das mortes juvenis por arma de fogo;
- 53,4% das mortes não-juvenis; e
- 45,7% da variabilidade na vitimização juvenil por armas de fogo.

Vemos assim que, também na rubrica da mortalidade por armas de fogo, a concentração de renda tem um forte poder preditivo do comportamento das taxas de mortalidade.

Tabela 5.3.2: Resultados da Regressão Múltipla de Indicadores Seleccionados com as Taxas de Mortalidade por Armas de Fogo para a População Jovem, Não-Jovem e Total. 70 Países.

Indicadores	Jovem		Não-Jovem		Total		Vit. Juvenil	
	r Cumulada	R ² Agregado	r Cumulada	R ² Agregado	r Cumulada	R ² Agregado	r Cumulada	R ² Agregado
Relação dos 10% + ricos / 10% + pobres	0,729	0,531	0,731	0,457	0,738	0,545	0,676	0,457

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 e Microdados do WHOSIS

6. ANÁLISE INTEGRADA DA MORTALIDADE VIOLENTA

No presente capítulo pretende-se aprofundar as análises já realizadas nos capítulos anteriores, não pela adição de novos dados, mas cotejando os diversos capítulos de mortalidade já expostos, visando detectar novos padrões específicos de comportamento dos países da América Latina que, pelas análises pontuais até aqui realizadas, poderiam passar despercebidas. Essa integração resultará também da criação de uma categoria que denominaremos *mortalidade violenta*, produto da somatória dos homicídios, dos suicídios e das mortes por acidentes de transporte.

As tabelas 6.1.1 e 6.1.2 detalham as três taxas: suicídios, homicídios e acidentes de transporte dos 83 países, a primeira, referente à população total, a segunda, à população jovem. As celas destacadas com fundo cor laranja indicam resultados de tipo *maior que*.

- Na coluna homicídio, o destaque laranja representa países onde as taxas de homicídio são maiores que as de suicídio.
- Na coluna suicídio, em laranja, países onde a taxa de suicídios é maior que a de acidentes de transporte.
- E na de acidentes de transporte, o destaque laranja representa situações onde a taxa de mortalidade por acidentes de transporte é maior que a taxa de homicídios.





Em primeiro lugar, pelas tabelas 6.1.1 e 6.1.2 é possível verificar que, contrariando muitas das crenças imperantes na região, países onde as taxas de homicídio são superiores às de suicídio constituem uma exceção e não uma regra internacional. Efetivamente, analisadas as taxas dos 83 países estudados, só em 22, isto é, em 26,5%, os homicídios são superiores aos suicídios. Mas acontece que desses 22 países, nada menos que doze – isto é, a maioria – pertencem à América Latina. Temos então que, dos dezesseis países da região, em exatos 75%, as taxas de homicídio superam, e em muitos casos amplamente, a de suicídios. Com isso, para o resto do mundo, isto é, os 67 países de fora da região, só dez (15%) têm uma configuração semelhante. Outro dado relevante: desses dez países com taxas de homicídio superiores aos suicídios que se encontram fora da América Latina, cinco pertencem ao Caribe e mais um, Porto Rico, com inegável afinidade cultural regional. Assim, teríamos que só em quatro países fora dessa área de influência latina – região aqui em sentido amplo – acontece tal singularidade, o que reforça o caráter excepcional da situação regional.

Também nos suicídios, quando comparado seu volume relativo com as mortes em acidentes de transporte, temos certo grau de singularidade regional. Efetivamente, em quase a metade: 38 dos 83 países (45,8%), os suicídios superam as mortes em acidentes de transporte. Na América Latina só dois países (12,5%), Cuba e Uruguai apresentam essa situação.

Na grande maioria dos países do mundo – em nosso caso 67 = 80,7% dos 83 analisados – a mortalidade causada por acidentes de transporte supera a dos homicídios. Só em dezesseis países – 19,3% – acontece o contrário. A metade desses países onde morre mais gente por homicídios do que em acidentes de transporte pertence à América Latina.

Tabela 6.1.1: Taxas (em 100.000) de mortalidade violenta na população Total 83 Países. Última data disponível

País	Ano	Homic.	Suicíd.	Transp.
África do Sul	2005	10,4	1,0	11,5
Albânia	2004	4,2	4,7	11,3
Alemanha	2004	0,6	13,0	7,4
Antígua e Barbuda	2002	5,1	0,0	3,8
Argentina	2004	5,8	8,1	9,7
Armênia	2003	1,9	1,8	6,2
Austrália	2003	1,3	10,8	8,9
Áustria	2006	0,8	15,6	8,8
Bermuda	2002	0,0	4,7	7,8
Brasil	2005	25,2	4,5	19,4
Bulgária	2004	2,9	13,0	12,6
Canadá	2004	1,6	11,3	9,5
Chile	2004	5,4	11,0	14,6
Cingapura	2006	0,3	10,3	4,3
Colômbia	2005	43,8	4,9	14,3
Costa Rica	2005	7,5	6,8	14,9
Croácia	2005	1,3	19,7	14,4
Cuba	2005	6,0	12,3	11,6
Dominica	2003	9,8	2,8	7,0
El Salvador	2005	48,8	6,8	21,8
Equador	2005	18,0	7,1	17,8
Escócia	2005	1,6	10,7	5,9
Eslováquia	2005	1,7	12,6	14,2
Eslovênia	2006	0,6	26,3	14,6
Espanha	2005	0,9	7,8	11,3
Estônia	2005	9,1	20,3	15,1
Finlândia	2006	2,0	20,1	8,4
França	2005	0,7	17,6	8,8
Guiana Francesa	2005	5,8	13,1	21,5
Grécia	2006	0,9	3,5	16,2
Guadalupe	2005	3,4	10,5	14,4
Guatemala	2004	28,5	2,1	3,3
Guiana	2005	18,0	22,1	20,6
Holanda	2004	1,2	9,3	5,4
Hong Kong	2005	0,5	16,9	3,0
Hungria	2005	1,9	26,0	15,5
Ilha Reunião	2005	2,2	11,3	10,4
Ilhas Virgens	2003	28,4	8,2	7,3
Inglaterra e Gales	2005	0,3	6,2	5,6
Irlanda	2005	0,3	9,7	6,9
Irlanda do Norte	2005	1,9	10,8	10,1
Islândia	2005	1,0	11,2	6,8
Israel	2003	5,0	6,4	7,7
Itália	2003	1,1	7,1	11,8
Japão	2006	0,5	23,7	7,2
Kuwait	2002	1,1	2,0	15,7
Letônia	2005	10,0	24,5	21,2
Lituânia	2005	9,2	38,6	25,9
Luxemburgo	2005	1,5	10,9	10,1
Macedônia	2003	3,3	6,8	6,4
Malta	2005	0,5	4,5	4,5
Martinica	2005	3,5	6,6	11,1
México	2005	9,3	4,1	15,5
Moldávia	2006	7,3	17,8	14,1
Nicarágua	2005	10,4	7,1	9,7
Noruega	2005	0,6	11,5	6,2
Nova Zelândia	2004	1,1	12,1	12,8
Panamá	2004	10,4	6,0	13,3
Paraguai	2004	12,3	3,8	9,1
Polônia	2005	1,5	15,8	15,6
Porto Rico	2003	19,1	6,8	13,2
Portugal	2003	1,6	11,0	19,1
Quirguizistão	2005	7,4	9,2	14,5
Reino Unido	2005	0,4	6,7	5,8
Rep. da Maurícia	2005	3,7	8,5	10,9
Rep. das Maldivas	2005	0,3	0,3	0,3
Rep. de Coreia	2006	1,6	21,9	16,0
Rep. Dominicana	2004	5,6	1,7	13,8
Rep. Tcheca	2005	0,9	15,3	12,3
Rodrigues	2005	5,4	2,7	2,7
Romênia	2004	3,2	12,5	16,2
Santa Lúcia	2002	24,5	7,7	21,2
São Vicente e G.	2003	8,6	3,4	9,4
Sérvia	2006	2,1	19,5	12,0
Sérvia e Montenegro	2002	2,3	19,3	8,6
Suécia	2004	1,1	12,8	5,9
Tadjiquistão	2005	1,8	2,7	4,5
Tailândia	2002	5,3	7,8	21,5
Trinidade e Tobago	2002	16,2	14,2	16,2
Uruguai	2004	4,5	15,5	10,5
USA	2005	6,0	11,0	16,1
Uzbequistão	2005	2,8	4,7	9,1
Venezuela	2005	30,1	4,0	21,3





 Países da América Latina	 Homic. > Suicíd.	 Suicíd. > Transp.	 Transp. > Homic.
--	--	---	--

Fonte: Microdados do WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

Tabela 6.1.2. Taxas (em 100.000) de mortalidade violenta na população jovem. 83 Países. Última data disponível.

País	Ano	Homic.	Suicíd.	Transp.
África do Sul	2005	16,6	1,2	9,7
Albânia	2004	4,8	6,7	9,7
Alemanha	2004	0,7	6,7	15,7
Antígua e Barbuda	2002	0,0	0,0	0,0
Argentina	2004	9,4	12,3	10,8
Armênia	2003	1,5	0,2	3,3
Austrália	2003	1,7	10,7	16,5
Áustria	2006	0,4	9,1	16,4
Bermuda	2002	0,0	0,0	13,0
Brasil	2005	51,6	4,7	23,3
Bulgária	2004	2,3	4,9	13,3
Canadá	2004	2,5	11,0	16,7
Chile	2004	7,9	13,2	12,0
Cingapura	2006	0,0	3,8	8,0
Colômbia	2005	73,4	9,7	15,4
Costa Rica	2005	9,2	7,4	14,7
Croácia	2005	1,0	8,2	23,1
Cuba	2005	7,7	5,7	10,8
Dominica	2003	15,4	7,7	7,7
El Salvador	2005	92,3	12,5	16,1
Equador	2005	26,1	13,1	16,7
Escócia	2005	2,7	11,7	12,6
Eslováquia	2005	1,3	7,5	15,2
Eslovênia	2006	0,4	10,8	26,6
Espanha	2005	1,1	3,9	17,7
Estônia	2005	4,8	15,2	17,6
Finlândia	2006	1,7	19,4	13,1
França	2005	0,7	7,2	18,0
Guiana Francesa	2005	9,7	12,9	25,8
Grécia	2006	0,5	1,9	27,9
Guadalupe	2005	6,8	3,4	18,6
Guatemala	2004	55,4	4,1	3,0
Guiana	2005	21,2	24,5	22,5
Holanda	2004	2,4	9,8	19,1
Hong Kong	2005	0,4	9,2	2,3
Hungria	2005	0,5	7,4	16,2
Ilha Reunião	2005	0,0	6,9	16,9
Ilhas Virgens	2003	27,1	13,6	6,8
Inglaterra e Gales	2005	0,4	4,0	11,3
Irlanda	2005	0,3	11,9	13,0
Irlanda do Norte	2005	2,4	12,6	26,9
Islândia	2005	2,3	6,9	18,5
Israel	2003	8,0	6,2	9,7

País	Ano	Homic.	Suicíd.	Transp.
Itália	2003	1,3	3,8	21,0
Japão	2006	0,3	14,1	7,1
Kuwait	2002	2,0	2,0	27,5
Letônia	2005	5,3	14,2	25,0
Lituânia	2005	5,3	21,0	31,8
Luxemburgo	2005	1,9	11,3	18,9
Macedônia	2003	3,3	4,6	7,0
Malta	2005	1,7	0,0	13,7
Martinica	2005	5,3	1,8	21,1
México	2005	10,4	6,0	17,7
Moldávia	2006	4,5	6,2	14,9
Nicarágua	2005	16,6	14,6	10,5
Noruega	2005	0,9	12,3	12,0
Nova Zelândia	2004	1,0	19,3	26,5
Panamá	2004	17,8	7,5	15,9
Paraguai	2004	22,3	8,1	11,9
Polônia	2005	0,7	11,2	18,4
Porto Rico	2003	46,6	6,5	19,5
Portugal	2003	1,7	3,7	25,8
Quirguizistão	2005	4,5	10,0	9,3
Reino Unido	2005	0,7	4,9	11,9
Rep. da Maurícia	2005	3,1	7,3	9,4
Rep. das Maldivas	2005	0,0	0,0	1,3
Rep. de Coreia	2006	0,9	9,3	9,1
Rep. Dominicana	2004	9,1	1,5	16,6
Rep. Tcheca	2005	0,7	7,4	19,1
Rodrigues	2005	0,0	12,3	12,3
Romênia	2004	2,5	5,9	12,7
Santa Lúcia	2002	26,4	9,9	23,1
São Vicente e G.	2003	12,1	0,0	8,1
Sérvia	2006	1,8	6,9	12,6
Sérvia e Montenegro	2002	2,7	8,0	9,6
Suécia	2004	1,1	11,0	9,7
Tadjiquistão	2005	1,4	2,8	2,7
Tailândia	2002	5,7	8,9	36,6
Trinidade e Tobago	2002	21,2	15,6	16,0
Uruguai	2004	7,0	14,2	11,3
USA	2005	12,9	10,0	26,7
Uzbequistão	2005	2,2	5,2	5,6
Venezuela	2005	60,8	6,2	22,6

	Países da América Latina		Homic. > Suicíd.		Suicíd. > Transp.		Transp. > Homic.
---	--------------------------	---	------------------	---	-------------------	---	------------------

Fonte: Microdados do WHOSIS e complementares (ver item 1.2)

As tabelas 6.1.3 e 6.1.4 ordenam os 83 países estudados de acordo com sua taxa de mortalidade violenta, resultante da somatória das taxas de homicídio, de suicídio e de óbitos por acidentes de transporte.

Tabela 6.1.3. Ordenamento das taxas (em 100.000) de mortalidade violenta na população total.

83 Países. Última data disponível.

País	Ano	Taxa	Pos.
El Salvador	2005	77,5	1º
Lituânia	2005	73,7	2º
Colômbia	2005	63,0	3º
Guiana	2005	60,8	4º
Letônia	2005	55,6	5º
Venezuela	2005	55,4	6º
Santa Lúcia	2002	53,4	7º
Brasil	2005	49,1	8º
Trinidade e Tobago	2002	46,7	9º
Estônia	2005	44,5	10º
Ilhas Virgens	2003	44,0	11º
Hungria	2005	43,4	12º
Equador	2005	42,9	13º
Eslovênia	2006	41,6	14º
Guiana Francesa	2005	40,3	15º
Rep. da Coreia	2006	39,5	16º
Moldávia	2006	39,2	17º
Porto Rico	2003	39,0	18º
Croácia	2005	35,4	19º
Tailândia	2002	34,6	20º
Guatemala	2004	34,0	21º
Sérvia	2006	33,5	22º
USA	2005	33,1	23º
Polônia	2005	32,9	24º
Romênia	2004	32,0	25º
Portugal	2003	31,7	26º
Japão	2006	31,3	27º
Quirguistão	2005	31,1	28º
Chile	2004	30,9	29º
Finlândia	2006	30,6	30º
Uruguai	2004	30,4	31º
Sérvia e Montenegro	2002	30,2	32º
Cuba	2005	30,0	33º
Panamá	2004	29,7	34º
Costa Rica	2005	29,2	35º
México	2005	28,8	36º
Rep. Tcheca	2005	28,5	37º
Bulgária	2004	28,5	38º
Eslováquia	2005	28,4	39º
Guadalupe	2005	28,3	40º
Nicarágua	2005	27,2	41º
França	2005	27,1	42º

País	Ano	Taxa	Pos.
Nova Zelândia	2004	26,0	43º
Paraguai	2004	25,2	44º
Áustria	2006	25,2	45º
Ilha Reunião	2005	23,9	46º
Argentina	2004	23,6	47º
Rep. da Maurícia	2005	23,1	48º
África do Sul	2005	22,9	49º
Irlanda do Norte	2005	22,8	50º
Luxemburgo	2005	22,5	51º
Canadá	2004	22,4	52º
São Vicente e G.	2003	21,4	53º
Martinica	2005	21,2	54º
Austrália	2003	21,0	55º
Alemanha	2004	21,0	56º
Rep. Dominicana	2004	21,0	57º
Grécia	2006	20,5	58º
Hong Kong	2005	20,4	59º
Albânia	2004	20,1	60º
Itália	2003	20,0	61º
Espanha	2005	20,0	62º
Suécia	2004	19,8	63º
Dominica	2003	19,5	64º
Israel	2003	19,1	65º
Islândia	2005	18,9	66º
Kuwait	2002	18,8	67º
Noruega	2005	18,4	68º
Escócia	2005	18,2	69º
Irlanda	2005	16,9	70º
Uzbequistão	2005	16,6	71º
Macedônia	2003	16,4	72º
Holanda	2004	15,8	73º
Singapura	2006	15,0	74º
Reino Unido	2005	12,9	75º
Bermuda	2002	12,5	76º
Inglaterra e Gales	2005	12,1	77º
Rodrigues	2005	10,8	78º
Armênia	2003	9,9	79º
Malta	2005	9,4	80º
Tadjiquistão	2005	9,1	81º
Antígua e Barbuda	2002	9,0	82º
Rep. das Maldivas	2005	1,0	83º

Fonte: Microdados WHOSIS e complement. (ver item 1.2)

Considerando o total da população, vemos que El Salvador encabeça a lista de países por sua taxa de 77,5 mortes violentas por 100 mil habitantes. Colômbia, com uma taxa de 63 em 100 mil localiza-se em terceiro lugar, Venezuela (55,4) em sexto, e Brasil (49,1) em oitavo.

Tabela 6.1.4. Ordenamento das taxas (em 100.000) de mortalidade violenta na população jovem. 83 Países. Última data disponível.

País	Ano	Taxa	Pos.	País	Ano	Taxa	Pos.
El Salvador	2005	120,9	1º	África do Sul	2005	27,4	43º
Colômbia	2005	98,6	2º	Rep. Tcheca	2005	27,3	44º
Venezuela	2004	89,6	3º	Rep. Dominicana	2004	27,2	45º
Brasil	2005	79,6	4º	Escócia	2005	27,0	46º
Porto Rico	2003	72,5	5º	Itália	2003	26,1	47º
Guiana	2005	68,1	6º	Áustria	2006	25,9	48º
Guatemala	2004	62,5	7º	França	2005	25,9	49º
Santa Lúcia	2002	59,5	8º	Moldávia	2006	25,6	50º
Lituânia	2005	58,1	9º	Irlanda	2005	25,3	51º
Equador	2005	55,9	10º	Noruega	2005	25,2	52º
Trinidad e Tobago	2002	52,8	11º	Rodrigues	2005	24,6	53º
Tailândia	2002	51,2	12º	Hungria	2005	24,2	54º
USA	2005	49,6	13º	Cuba	2005	24,1	55º
Guiana Francesa	2005	48,4	14º	Eslováquia	2005	24,0	56º
Ilhas Virgens	2003	47,4	15º	Israel	2003	23,9	57º
Nova Zelândia	2004	46,8	16º	Ilha Reunião	2005	23,8	58º
Letônia	2005	44,4	17º	Quirguistão	2005	23,8	59º
Paraguai	2004	42,3	18º	Alemanha	2004	23,1	60º
Irlanda do Norte	2005	41,9	19º	Espanha	2005	22,7	61º
Nicarágua	2005	41,7	20º	Suécia	2004	21,8	62º
Panamá	2004	41,2	21º	Japão	2006	21,5	63º
Eslovênia	2006	37,8	22º	Albânia	2004	21,2	64º
Estônia	2005	37,6	23º	Sérvia	2006	21,2	65º
Finlândia	2006	34,1	24º	Romênia	2004	21,1	66º
México	2005	34,1	25º	Bulgária	2004	20,5	67º
Chile	2004	33,2	26º	Sérvia e Montenegro	2002	20,2	68º
Uruguai	2004	32,5	27º	São Vicente e G.	2003	20,2	69º
Argentina	2004	32,5	28º	Rep. da Maurícia	2005	19,9	70º
Croácia	2005	32,3	29º	Rep. da Coreia	2006	19,3	71º
Luxemburgo	2005	32,1	30º	Reino Unido	2005	17,5	72º
Kuwait	2002	31,4	31º	Inglaterra e Gales	2005	15,7	73º
Costa Rica	2005	31,4	32º	Malta	2005	15,4	74º
Holanda	2004	31,4	33º	Macedônia	2003	14,9	75º
Portugal	2003	31,2	34º	Bermuda	2002	13,0	76º
Dominica	2003	30,8	35º	Uzbequistão	2005	13,0	77º
Polônia	2005	30,4	36º	Hong Kong	2005	11,9	78º
Grécia	2006	30,3	37º	Singapura	2006	11,9	79º
Canadá	2004	30,3	38º	Tadjiquistão	2005	6,9	80º
Austrália	2003	28,8	39º	Armênia	2003	5,0	81º
Guadalupe	2005	28,8	40º	Rep. das Maldivas	2005	1,3	82º
Martinica	2005	28,1	41º	Antígua e Barbuda	2002	0,0	83º
Islândia	2005	27,7	42º				

Fonte: Microdados WHOSIS e complement. (ver item 1.2)

Mas, quando se trata de população jovem, a América Latina, com El Salvador, Colômbia, Venezuela e Brasil ocupa os quatro primeiros lugares. Entre os dez primeiros no contexto internacional, a América Latina tem seis.

A realidade da participação juvenil na mortalidade violenta pode ser melhor visualizada se dividirmos a população em dois grandes grupos: o jovem – em idades de 15 a 24 anos – e o não-jovem – menos de 15 ou mais de 24. Em primeiro lugar, vemos que na América Latina a taxa jovem mais que duplica a não-jovem. Em segundo lugar, a taxa de 20,8 mortes violentas em cada 100 mil não-jovens não se destaca no contexto internacional sendo superada pelos índices da África, da América do Norte, do Caribe e só pouco maior que as da Ásia. Mas, quando se trata do universo juvenil, a taxa de 42,3 mortes violentas em cada 100 mil jovens que a região registra, supera amplamente o das restantes regiões/continentes do mundo.

Tabela 6.1.5: Taxas de mortalidade violenta segundo faixas etárias e regiões do mundo

Região / Continente	População		
	Jovem	Não-Jovem	Total
África	31,2	21,9	23,7
América do Norte	29,9	29,5	29,7
América Latina	43,4	20,8	25,1
Ásia	12,0	19,8	18,7
Caribe	39,6	21,4	24,5
Europa	7,9	13,8	13,0
Oceania	13,8	12,1	12,3

Fonte: Microdados WHOSIS

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos capítulos até aqui desenvolvidos possibilitaram traçar um panorama da letalidade violenta na América Latina e comparar esses níveis com a existente em outros países e regiões do mundo. Esse confronto de países e regiões permite delimitar um conjunto de especificidades e características regionais que, como foi indicado, muito tem a ver com a estruturação política, econômica e cultural dos países da região.

No terreno dos homicídios, a América Latina, acompanhada de perto pelos países caribenhos, de inegável identidade cultural, destaca-se entre as regiões e continentes pelos seus elevados índices, principalmente o juvenil, mas também no que se refere ao da população. Se as taxas da América Latina para o conjunto da população são dezesseis vezes maiores que as taxas européias, quando se trata de vítimas jovens, viram 31 vezes maiores.

No mesmo terreno, também na mortalidade por armas de fogo, que acompanha de perto a relativa a homicídios, por constituir um de seus componentes principais, os índices da América Latina impressionam. A taxa total regional quase duplica a da América do Norte e resulta catorze vezes maior que a européia. Já entre os jovens, essa distância é ainda maior: mais que duplica a da América do Norte, e resulta quarenta vezes maior que a da Europa, tomando como base as médias regionais. Mas se tomarmos alguns países como referência, veríamos que de cada jovem que morre vítima de arma de fogo na Hungria, Espanha, Alemanha, Polônia ou Japão, dentre outros países, morrem mais de cem pelo mesmo motivo na Venezuela, na Colômbia ou em El Salvador. São grandes as distâncias e os contrastes.

Também a mortalidade em acidentes de transporte da região resulta elevada. Sua taxa de 18,5 mortes em 100 mil jovens da América Latina, só é superada pela da América do Norte. Já a taxa não-jovem: 15,5 em 100 mil não-jovens é a maior do planeta, superando inclusive a da América do Norte. Assim, a taxa regional total de mortes em acidentes de transporte também encabeça a lista. Destaques internacionais nessa rubrica, quanto às taxas totais, são El Salvador e Venezuela que, com 21,8 e 21,3 mortes respectivamente em 100 mil habitantes, ocupam a segunda e a quinta posição respectivamente. Já entre os jovens, Brasil e Venezuela, que encabeçam o ordenamento regional, aparecem na posição 12 e 15 quando confrontados com os países do mundo. Mas nesse terreno, os índices de vitimização juvenil são relativamente baixos: proporcionalmente 19% mais óbitos jovens do que não-jovens, bem abaixo das taxas da Europa – de 77% – ou da América do Norte: 86%.

Onde as taxas da América Latina também são relativamente baixas é na dos suicídios. Com

média regional para todas as idades de 5,2 suicídios em 100 mil habitantes, apresenta menos da metade dos índices da América do Norte, da Europa, da Ásia ou da Oceania. Ainda assim, a vitimização juvenil na região é a maior do planeta: proporcionalmente, suicidam-se 45% mais jovens do que não-jovens. Sete dos dez países do mundo com maiores índices de vitimização juvenil são da América Latina. Nestes sete países, os suicídios juvenis mais que duplicam os índices do resto da população. Resulta significativo e preocupante que jovens, na plenitude de suas potencialidades, adotem essa saída fatal. É mais um ingrediente que manifesta a complexa problemática juvenil por que atravessam os países da América Latina.

Por outro lado, os dados referentes aos últimos anos do período estudado, permitem verificar a existência de um processo de reconfiguração, tanto geográfica quanto conceitual, da violência homicida na região. Historicamente, os pólos dinâmicos da violência encontravam-se localizados na América do Sul, principalmente na Colômbia e no Brasil. Colômbia, por seu longo histórico de violência ligada ao narcotráfico; O Brasil, também parcialmente ligado ao narcotráfico, principalmente no estado de Rio de Janeiro. Assim, apesar de não ser totalmente correto, nas últimas décadas a violência na América Latina virou sinônimo de tráfico de drogas, com seu aparelho criminal infiltrado nas diversas instâncias da sociedade civil e política e seus assentamentos territoriais. Mas os dados pesquisados no capítulo segundo indicam, por um lado, quedas significativas nos elevados índices da Colômbia a partir do ano de 2002 e também declínio, ainda que moderado, no Brasil a partir de 2003. Paralelamente, os índices de El Salvador, Nicarágua e Guatemala crescem de forma drástica, aproximadamente na mesma época. Com isso, se no continente Sul se dá um arrefecimento, o crescimento dos índices na América Central demonstram que países da região ultrapassem os níveis de violência homicida tanto do Brasil quanto, e principalmente da Colômbia, fato inédito nas últimas décadas. Os dados do *WHOSIS* utilizados no estudo, só permitem chegar como máximo, até 2005. Foi o último da série analisada, quando os índices da Colômbia em queda foram ultrapassados pelos índices de El Salvador, em rápido aumento. Mas, como uma tendência não pode ser validada a partir dos dados de um único ano – poderia ser um fato circunstancial, ou um fenômeno esporádico –, procuramos outras fontes de informação, relativamente confiáveis. Essas fontes alternativas permitiram verificar que o fenômeno apontado não constitui um fato aleatório ou atípico.

El Salvador que, segundo os dados do *WHOSIS* utilizados neste estudo, em 2005 já registrava uma taxa total de homicídios de 48,8 em 100 mil habitantes, em 2006 aumentaria mais ainda, para **55,3** em 100 mil²⁹.

Guatemala, cujo último dado disponível no *WHOSIS* corresponde ao ano de 2004, com um índice de 28,5 em 100 mil habitantes, também cresce para **45,2** em 2006.

Honduras, sem dados registrados no *WHOSIS* para os anos recentes, cresceria de 31,9 homicídios em 100 mil habitantes em 2004 para 35,1 em 2005; 42,9 em 2006, e para **49,9** em 2007.

Já a **Colômbia** continuaria com sua tendência declinante: de 43,8 homicídios para cada 100 mil em 2005 registrados pelo *WHOSIS* cairia para 37,3 em 2006 e para **37,0** em 2007³⁰.

O **Brasil**: em 2005 o *WHOSIS* registraria 25,2 homicídios em 100 mil habitantes, em 2006 ficaria praticamente estacionário: **25,5** depois das significativas quedas registradas a partir de 2003³¹.

Vemos por essas informações complementares que a tendência de deslocamento geográfico aprofundou-se nos anos mais recentes. Para 2006/2007 não só El Salvador ultrapassaria a Colômbia na liderança regional e até mundial, dos índices de homicídio. Também Guatemala e Honduras

29 Para os três países da América Central: El Salvador, Guatemala e Honduras, a fonte foi o Observatório Centro-americano sobre Violência – Ocavi: <<http://www.ocavi.com>>. Consultado em 3/9/2008.

30 Division de Referencia de Informacion Pericial DRIP – Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses. <http://www.medicinalegal.gov.co/index.php?option=com_wrapper&Itemid=323>. consultado em 3/9/2008.

31 WAISELFSZ, J. J. *Mapa da violência dos municípios brasileiros 2008*. Brasília: Ritla, Sangari, Min. da Saúde, Min. da Justiça. 2008.

superariam esses índices regionais, ingressando nessa trágica liderança internacional.

Mas essa reconfiguração geográfica mudaria também o desenho conceitual da violência homicida. Se no período do predomínio do eixo Colômbia/Brasil, seu determinante mais visível, mais divulgado era o tráfico de drogas, nos novos pólos dinâmicos seriam os problemas juvenis, centrados nas *maras* ou gangues juvenis, os novos motores impulsores da violência. Mas ambas as visões, tanto a do tráfico quando a das gangues, são relativamente parciais. Se no primeiro caso problemas de juventude estavam presentes, e em larga escala, na espiral de violência tradicional, no caso da América Central um longo histórico de conflitos armados internos e externos, de origem fundamentalmente política, intensos movimentos migratórios e posterior retorno, muitas vezes forçado, uma cultura cívica particularmente autoritária e violenta, seriam fatores preexistentes às *maras* ou gangues juvenis na região.

Também merecem destaque os resultados obtidos na pesquisa de fatores explicativos dos índices de violência. Essa procura tomou como base os indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano, de larga divulgação e aceitação internacional, acrescidos de mais duas variáveis de concentração de renda: a relação entre os 10% mais pobres e os 10% mais ricos e o índice Gini.

Excluindo a mortalidade por acidentes de transporte, cujos fatores utilizados têm pouco ou nenhum peso, tanto nos homicídios quanto nos suicídios e nas mortes por armas de fogo, as desigualdades na distribuição da renda aparecem como fator explicativo e preditivo extremamente poderoso dos índices de mortalidade:

Homicídios. Para o conjunto da população, a distribuição da renda explica 59,7% da variabilidade das taxas de homicídio, enquanto o PIB *per capita* só 2%. Para os jovens, esse poder preditivo é ainda maior: 63,5%, indicando maior sensibilidade aos fenômenos derivados das injustiças distributivas. O IDH também tem poder explicativo, mas relativamente baixo, indicando que maior desenvolvimento humano, menores taxas de homicídio. Também os níveis de vitimização juvenil encontram-se fortemente afetados pelos níveis de concentração de renda, de forma tal que, quanto maior as desigualdades na distribuição, maior a participação proporcional das vítimas jovens.

Suicídios. Neste caso, o panorama é mais complexo. Com relação aos índices juvenis, os indicadores utilizados têm baixo poder preditivo e se centram nos aspectos educacionais do IDH, que em conjunto explicam não mais de 10% da variabilidade, mas no sentido de maior educação, maiores taxas de suicídio. Já para a população total, muda a situação: as desigualdades de renda explicam perto de 24% dos índices de suicídio e outros fatores, como educacionais e de renda, mais 8% em conjunto.

Armas de Fogo. Em torno de 54% da variabilidade dos índices de mortalidade por armas de fogo podem ser explicados pela distribuição da renda. A vitimização juvenil nessa rubrica também é fortemente explicada pela concentração da renda (45,7%).

As evidências indicam claramente que o avanço da violência regional, fundamentalmente a homicida, processou-se sobre o setor jovem, deixando evidente que a região atravessa uma grave e complexa crise de juventude. Mas não se evidencia o desenvolvimento concomitante de políticas destinadas a enfrentar a crise. Como aponta claramente o estudo de Rodríguez “lo que ha ocurrido en las últimas décadas en relación a otros sectores poblacionales (niños y mujeres, por ejemplo) la situación de las y los jóvenes se mantiene igual y/o ha empeorado (en algunos casos notoriamente) respecto al pasado)”³².

Aprofundar a discussão e aplicar de forma séria e decidida as recomendações de tal análise é um bom início para combater e prevenir a barbarização de nossa vida cotidiana ora em curso.

32 RODRÍGUEZ, Ernesto. *Prevención social del delito y la violencia juvenil: experiencias innovadoras em America Latina*. Montevideo: 2005.(mimeo)

E os caminhos dessa discussão não são difíceis de prever: dever-se-á promover políticas e estratégias que estimulem a plena inserção e um papel protagônico para os jovens, em que sejam articulados esforços e iniciativas do setor público em suas diversas instâncias, da esfera privada, das organizações não-governamentais e das dos próprios jovens. Estratégias que promovam o conhecimento, a revalorização e o fortalecimento da identidade juvenil e sua participação, como setor ativo e consciente da construção da cidadania e do desenvolvimento dos países. Se este documento contribui, de alguma forma, para alcançar esse objetivo, terá cumprido com sua finalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R.P. HENRIQUES, R. & MENDOÇA, R. A Estabilidade Inaceitável. Desigualdade e Pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, R. *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2000.

CEPAL/ECLAC. *Panorama Social de América Latina 2007*. Santiago. CEPAL, Nov. 2007.

DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.

DURKHEIM, E. *O Suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996

MICHAUD, Y. *A Violência*. São Paulo, Ática, 1989

MORLEY, S. *La distribución del Ingreso en América Latina y el Caribe*. Santiago. Fondo de Cultura Económica. 2000. OPS/OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington, DC., 1985.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*. Coimbra, UNDP, 2007

PORTO, M. S. G. A violência entre a inclusão e a exclusão social. *VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia*, Brasília, agosto, 1997.

RODRÍGUEZ, E. *Prevención Social del Delito y La Violencia Juvenil: Experiencias Innovadoras em America Latina*. Montevideo, 2005.(mimeo)

WASELFSZ, J. J. *Mapa da Violência: os Jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998.

_____. *Juventude, Violência e Cidadania*. Os Jovens de Brasília. São Paulo, Cortez/UNESCO, 1998.

_____. *Mapa da violência dos municípios brasileiros 2008*. Brasília, Ritla, Sangari, Min. da Saúde, Min. da Justiça. 2008.

WHO. *Injury: a leading cause of the global burden of disease*. Ginebra, Organização Mundial da Saúde, 1999. (documento inédito WHO/HSC/VIP/99.11).

_____. *Death and Disability Adjusted Life Years (DALY) estimates for 2002 by cause for WHO member states*. WHO. Department of Measurement and Health Information. In: <<http://www.who.int/healthinfo/bod/en/index.html>>. Consultado em 3/9/2008.

WIEVIORKA, M. *O novo paradigma da violência*. TEMPO SOCIAL: REVISTA DE SOCIOLOGIA DA USP, v. 9, nº 1, 1997.

